

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA**

**JULIANA BOMBARDELLI**

**MULHERES DISTINTAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES DE  
GÊNERO A PARTIR DO JORNAL DA MANHÃ EM PONTA GROSSA (1954-1957)**

**PONTA GROSSA**

**2021**

**JULIANA BOMBARDELLI**

**MULHERES DISTINTAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DO JORNAL DA MANHÃ EM PONTA GROSSA (1954-1957)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de História, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ribeiro Ferreira

**PONTA GROSSA**

**2021**

B695 Bombardelli, Juliana  
Mulheres distintas: o ensino de História e as representações de gênero a partir do Jornal da Manhã em Ponta Grossa (1954-1957)/ Juliana Bombardelli. Ponta Grossa, 2021.  
142p.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Ribeiro Ferreira

1. História – ensino. . 2. Relações de gênero. 3. Papéis sociais. 4. Jornal da Manhã. 5. Representações sociais. I. Ferreira, Angela Ribeiro (orient.). II. Universidade Estadual de Ponta Grossa – Mestrado Profissional em Ensino de História. III. T.

CDD : 981.62

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia F. Bertholino dos Santos– CRB9/986



**PROF HISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA



Universidade  
Estadual de  
Ponta Grossa

## TERMO DE APROVAÇÃO

**JULIANA BOMBARDELLI**

### **MULHERES DISTINTAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DO JORNAL DA MANHÃ EM PONTA GROSSA (1954-1957)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História, no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 10 de maio de 2021, pela seguinte banca examinadora:

Profª Drª. Angela Ribeiro Ferreira (UEPG - Orientadora)

Profª. Drª. Christiane Marques Szesz – (UEPG -)

Profª Drª. Kariana Janz Woitowicz (UEPG)

Ponta Grossa, 10 de maio de 2021.

## AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desse trabalho só foi possível porque muitas pessoas me acompanharam nessa caminhada. Principalmente no último ano, quando fomos acometidos por uma pandemia que nos forçou a aprender uma nova maneira de viver, conviver e sobreviver. Se por um lado essa situação nos distanciou de muitas pessoas, por outro fortaleceu laços de solidariedade. Foram muitos os desafios e as dificuldades encontradas. O peso da realidade, das notícias diárias, a perda constante de pessoas próximas e a carga de trabalho triplicada na área da educação muitas vezes fizeram eu duvidar da chegada até aqui. E se eu cheguei, é porque não estive sozinha. Deixo aqui a minha mais profunda gratidão.

À minha família, que mesmo não entendendo muito bem o propósito das minhas noites em claro, nunca mediram esforços para me apoiar.

Especial obrigada ao meu irmão, Fábio Bombardelli, por me ajudar nas ilustrações e na formatação do material didático.

Ao Rafael, meu companheiro de vida, por estar ao meu lado em todos os momentos.

À turma 2018 do Profhitoria, de longe a melhor turma da História. Foi um prazer conviver com cada um de vocês, quero levar essas amizades para a vida toda.

À Aline, pela longa amizade, por estar comigo em todas as situações e sempre me apoiar.

À Solange, pela amizade, por todas as conversas, desabafos, angústias, incentivos e “trocas pedagógicas”.

À orientação da Professora Dra. Angela Ribeiro Ferreira que, sem dúvidas, foi o pilar deste trabalho. Se eu já admirava a profissional e a mulher que você é, agora passo a admirar também a sua humanidade. Obrigada por todas as orientações que funcionavam como terapias.

Às Professoras Dras. Christiane Marques Zsesz, Georgiane Garabely Heil Vásquez e Karina Janz Woitowicz pelas importantes contribuições no exame de qualificação.

E a todos que, de alguma forma, contribuíram para esse trabalho.

Muito obrigada!

## RESUMO

Essa pesquisa analisou a representação das mulheres no Jornal da Manhã, especificamente nos anos de circulação da Coluna “*Da Mulher para a Mulher*”, que resultou também em propostas pedagógicas para a utilização dessas fontes históricas no ensino de História, na Educação Básica. Entre os objetivos estão identificar as representações das mulheres na Coluna e promover a equidade de gênero através de debates que desconstruam as representações sociais de gênero responsáveis pela produção de estereótipos no decorrer do tempo. As fontes utilizadas foram a coluna “*Da Mulher para a Mulher*” e matérias que representassem as mulheres no Jornal da Manhã de Ponta Grossa. O recorte temporal correspondeu aos anos de 1954 a 1957, período de circulação da coluna feminina. A coluna apresentava temas diversos direcionados à construção e manutenção dos papéis sociais estabelecidos às mulheres da elite pontagrossense. A partir desse material foi possível desenvolver um debate sobre as representações femininas impressas no Jornal da Manhã, dentro e fora da coluna. Através da análise temática dos assuntos abordados se buscou compreender o empenho da imprensa como construtora e mantenedora de papéis sociais distintos e cujas representações perpetuaram ao longo do tempo. A metodologia de análise utilizada foi a teoria das Representações Sociais, por meio dos processos de ancoragem e objetivação de Serge Moscovici (2012), com as ferramentas de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011) para a categorização da coluna e seus temas. A didatização das análises foi proposta pela construção de um material didático para ser utilizado em sala de aula, propondo uma alternativa que auxilie os profissionais da Educação na construção de uma educação democrática, inclusiva e livre de preconceitos de gênero.

**Palavras-chave:** Ensino de História, Relações de Gênero, Papéis Sociais; Jornal, Jornal da Manhã; Representações Sociais.

## ABSTRACT

This research analyzed the representation of women in *Jornal da Manhã*, specifically in the years of circulation of the column “*Da Mulher para a Mulher*”, which also resulted in pedagogical proposals for the use of these historical sources in the teaching of History, in Basic Education. Among the objectives are to identify the representations of women in the column and to promote gender equity through debates that deconstruct the social representations of gender responsible for the production of stereotypes over time. The sources used were the column “*Da Mulher para a Mulher*” and articles that represented women in the *Jornal da Manhã* of Ponta Grossa. The time frame corresponded to the years 1954 to 1957, the period of circulation of the female column. The column presented different themes aimed at the construction and maintenance of the social roles established for women in the Pontifical elite. From this material, it was possible to develop a debate about the female representations printed in *Jornal da Manhã*, inside and outside the column. Through the thematic analysis of the subjects addressed, we sought to understand the press's commitment as a constructor and maintainer of distinct social roles and whose representations have perpetuated over time. The analysis methodology used was the theory of Social Representations, by means of the anchoring and objectification processes of Serge Moscovici (2012), with the Content Analysis tools of Laurence Bardin (2011) for the categorization of the column and its themes. The didacticization of the analyzes was proposed by the construction of didactic material to be used in the classroom, proposing an alternative that helps Education professionals in the construction of a democratic education, inclusive and free from gender bias.

**Keywords:** History Teaching, Gender Relations, Social Roles; Newspaper, *Jornal da Manhã*; Social Repeions.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mulher Messias .....	41
Figura 2	Nunca é Cedo Demais! .....	45
Figura 3	Nem muito... Nem muito pouco! .....	47
Figura 4	Treino de beleza para as adolescentes .....	48
Figura 5	Se é feia, é porque quer.....	50
Figura 6	Também são amadas .....	51
Figura 7	As garotas da Ilha dos Prazeres .....	52
Figura 8	Maquilagem natural – eis o segredo .....	53
Figura 9	Se você trabalha .....	54
Figura 10	Felicidade no lar (1) .....	56
Figura 11	Breakfast... para o seu marido .....	57
Figura 12	A vida começa diariamente, à mesa do café .....	58
Figura 13	Como conseguir e conservar o emprego? .....	60
Figura 14	A casa também é dele.....	61
Figura 15	Alerta, menina! .....	62
Figura 16	Donas de Casa .....	63
Figura 17	Idéias e Opiniões .....	65
Figura 18	A noiva na cozinha .....	66
Figura 19	Para um casamento feliz .....	69
Figura 20	Conselhos às casadas .....	70
Figura 21	Existem cinco tipos de maridos .....	71
Figura 22	O hábito de resmungar .....	72
Figura 23	O grande remédio .....	73
Figura 24	Boas maneiras (1) .....	74
Figura 25	Boas maneiras (2) .....	75
Figura 26	Conselho (1) .....	76
Figura 27	Conselho (2) .....	76
Figura 28	Conselho (3) .....	76
Figura 29	Conselho (4) .....	76
Figura 30	Conselho (5) .....	77
Figura 31	Felicidade no Lar (2) .....	78
Figura 32	Felicidade no Lar (3) .....	78



Figura 33	Boas maneiras (2) .....	80
Figura 34	Em foco o problema do divórcio .....	81

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1 - GÊNERO, REPRESENTAÇÃO FEMININA, IMPRENSA E ENSINO DE HISTÓRIA</b> .....	18
1.1 GÊNERO: O LUGAR DAS MULHERES.....	19
1.2 GÊNERO, EDUCAÇÃO E ENSINO DE HISTÓRIA.....	22
1.3 GÊNERO, IMPRENSA E REPRESENTAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA ...	28
1.4 O JORNAL NA HISTORIOGRAFIA .....	31
<b>CAPÍTULO 2 - GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO DISCURSO DA IMPRENSA</b> .....	34
2.1 O JORNAL DA MANHÃ.....	35
2.2 A ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS.....	37
2.2.1 Eva ou Maria? A maternidade .....	40
2.2.2 “Se é feia é porque quer”: as regras de beleza .....	46
2.2.3 Profissão: esposa e mãe.....	55
2.2.4 Casamento.....	67
<b>CAPÍTULO 3 - FONTES PARA O DEBATE DE GÊNERO E HISTÓRIA DAS MULHERES NO ENSINO DE HISTÓRIA</b> .....	83
3.1 APRESENTAÇÃO .....	83
3.2 QUAL A INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÕES NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES?.....	83
3.2.1 O Jornal como fonte histórica.....	86
3.2.2 Para os docentes .....	87
3.3 LISTA DE CONTEÚDOS.....	89
3.4 MENSAGEM AOS OS ESTUDANTES.....	90
3.5 CONCEITO DE GÊNERO .....	91
3.6 VAMOS CONHECER O JORNAL DA MANHÃ? .....	92
3.7 ATIVIDADES .....	95
3.7.1 Unidade I.....	95
3.7.2 Unidade II.....	103
3.7.3 Unidade III.....	116
3.8 CONCLUSÃO.....	124

REFERÊNCIAS.....	125
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>129</b>
REFERÊNCIAS.....	131
<b>APÊNDICE A – TABELA.....</b>	<b>137</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu da necessidade de inserir a temática de gênero no ensino de História a partir das representações construídas sobre o papel das mulheres no passado e que, de maneira significativa, moldaram opiniões, padrões de comportamento e objetivos de vida. Trata-se de uma tentativa de entender os motivos que contribuíram para que hoje, mesmo vivendo um período com muitos avanços no que diz respeito à participação social, ainda nos deparemos com estigmas que resultam em repressão, julgamento e violência contra as mulheres. Para buscar respostas a esta contradição, analisamos as representações das mulheres na Coluna “*Da Mulher para a Mulher*” publicadas no Jornal da Manhã, de Ponta Grossa, entre os anos de 1954 a 1957.

Estes três anos, inseridos no contexto dos chamados “anos dourados”, se justificam pelo período de circulação da coluna diária destinada ao público feminino, denominada “*Da Mulher para a Mulher*”. De mesmo nome da coluna produzida pela Revista *O Cruzeiro* e assinada pela escritora Maria Teresa, o conteúdo divulgado pelo impresso pontagrossense foi analisado em relação ao conteúdo e à forma. Foi possível confirmar que algumas publicações se caracterizavam como um simples “copia e cola” da coluna da revista. A prática de importar conteúdos produzidos no país e no exterior se manteve comum durante grande parte do século XX, nos momentos em que o acesso à informação ficava restrito aos grandes centros urbanos.

É evidente que publicando o conteúdo de outro veículo de informação o jornal revelava a sua concordância com os temas abordados. Porém, para aprofundar a compreensão e o posicionamento do impresso, foram cruzados o teor dos textos da coluna feminina com o que era publicado no restante do jornal. Seus valores, dentro e fora da coluna, eram compatíveis na maioria das vezes, principalmente quando o assunto convergia ao público-alvo, a classe média/alta.

Temas como culinária, beleza, regras de comportamento, trabalho doméstico, casamento e maternidade foram utilizados como mecanismo de manutenção de uma ordem social estabelecida por grupos dominantes e em um

intenso esforço em distinguir o certo do errado, os homens das mulheres, a boa moça e a “mariposa”<sup>1</sup>.

No que diz respeito ao ensino de História, a temática surgiu da vivência em sala de aula e da visível urgência em inserir nos debates didáticos a participação efetiva das mulheres nos diferentes conteúdos trabalhados na disciplina. Durante muito tempo as mulheres foram silenciadas na historiografia, de modo que a reflexão a respeito da sua participação como sujeito histórico foi tardia. A partir da década de 1960 e 1970, com a luta feminista e o surgimento de novas tendências de abordagens, surgiu o gênero como categoria de análise histórica. A partir de então, a produção bibliográfica forneceu grandes contribuições. Mas, permaneceram sendo incipientes os materiais que discutiam gênero e relações de gênero no contexto da sociedade como um todo. Mesmo no ambiente escolar, ainda hoje a maioria das produções didáticas se embasam na história pública e política, espaços durante muito tempo resguardadas apenas à figura masculina. Às mulheres cabia o espaço privado, a sombra, o alicerce invisível dos maridos. Se levarmos em conta que dentro da história das mulheres existem outras subdivisões (de classe, etnia, religiosa, etária, etc.), neste espaço ainda encontraremos outros inúmeros setores de sujeitos “sem história”.

Todo esse histórico refletiu na maneira como as mulheres foram representadas no decorrer do tempo. Ou seja, seus papéis sempre foram definidos por um sistema de organização patriarcal, que as colocava como inferior na escala hierárquica da sociedade. Esses valores desiguais foram naturalizados nas relações de gênero, exercendo influência até os dias de hoje. Inclusive dentro do ambiente escolar, muitas vezes com a reprodução de comentários preconceituosos, influenciados por representações que perpetuaram através do tempo. Representações estas que, além de tudo, potencializam as práticas de violência contra as mulheres, cada vez maiores no Brasil.

Para combater estes problemas, os debates em relação a gênero se tornam necessários na medida em que permitem que estes preconceitos sejam devidamente localizados no tempo e problematizados. Ou seja, partir da reflexão de que foram representações construídas historicamente. Para este objetivo, a escola

---

<sup>1</sup> O termo era utilizado para se referir a prostitutas, ou as consideradas “mulheres de vida fácil”. A analogia se justifica pela prática da vida noturna, como as mariposas, que são atraídas pela luz artificial.

exerce o papel fundamental de proporcionar espaço para discutir tais temas e a partir deles construir novos conceitos, formando sujeitos que compreendam as relações de poder existentes no meio em que vivem e a importância de contribuir para a efetivação da equidade de gênero.

Atualmente, tais questões levantam muitas dúvidas pois, presenciamos uma onda conservadora que equivocadamente pratica a negação das discussões de gênero nos currículos escolares e na sociedade de maneira geral. Além de tudo, estamos em um momento de reflexão e ressignificação sobre a utilização da categoria de gênero como conteúdo de história.

De acordo com os PCN, a construção da cidadania e de sujeito histórico do aluno pode ser aprimorada através de noções de tempos históricos. Dessa forma, favorecendo as compreensões responsáveis por ampliar a visão de mundo do aluno, colaborando na transformação da realidade em que está inserido.

Contraditoriamente, as recentes discussões em torno das propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apontaram para uma inquietação em relação a como alcançar tal objetivo. Com um discurso neutralizador e generalizante a respeito das diferenças sociais (de classe, etnia, gênero, entre outros), entrou em debate o papel da Professora e do Professor como agentes ativos na formação de cidadãos críticos que reconheçam, garantam e valorizem a participação de todos os sujeitos históricos na sociedade.

Vivemos, então, em um período de transição política e cultural onde é preciso retrazar as rotas em relação ao papel social da educação e aos temas que precisam (ou “podem”) ser tratados dentro dos conteúdos estabelecidos para o ensino escolar de História. Se antes questões de diversidade tinham sua presença garantida dentro dos currículos, hoje vivemos em um período de incertezas e de não garantia dos temas transversais, em especial aos temas relacionados à gênero.

Tais dilemas propõem duas alternativas aos Professores: o silêncio, ou a resistência. Embora seja praticamente um consenso na área de História o nosso papel em dar voz aos silenciados e excluídos, outros setores<sup>2</sup> julgam esta função como “doutrinação” e “partidarismo”.

---

<sup>2</sup> O Brasil tem vivido um aumento do conservadorismo e a educação escolar está no centro do ataque desses grupos. Um exemplo é o Movimento Escola Sem Partido, que tentou aprovar um projeto no Congresso Nacional de criminalização da atividade docente, acusando os Professores e Professoras (especialmente da área de Ciências Humanas) de doutrinação.

Uma das saídas possíveis para não silenciar grupos e movimentos sociais dentro da história a que fazem parte, é trazer as fontes históricas para o ambiente escolar. Como dentro da História utilizamos o tempo cronológico, o uso das fontes facilita e torna mais compreensível a noção de tempo e espaço. Habilidades importantes para analisar o processo histórico e identificar mudanças e permanências. Os preconceitos e os estereótipos em relação a gênero podem ser problematizados a partir do uso de documentos que, no decorrer do tempo, se caracterizaram como produto e produtores de posturas e comportamentos.

A participação das mulheres na História contada nos livros didáticos apresenta melhoras em relação a outros períodos, especialmente anteriores ao PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), mas ainda carregam em si ruídos de tempos passados. A presença das mulheres na História ainda é exposta de maneira separada, em quadros e apêndices específicos. Muito dessa mentalidade ainda vem com resquícios de períodos em que o papel das mulheres é ocultado ou, na melhor das hipóteses, apresentado de maneira secundária.

Segundo Angela Ribeiro Ferreira (2005), outra realidade também presente nos livros didáticos são as abordagens que apresentam as mulheres como uma possibilidade de sujeito histórico a ser analisado, mas separada do conteúdo ou das atividades propostas, a excluindo de ações ativas nos processos históricos. Ou, então, é utilizada a imagem das mulheres apenas como ilustração, sem nenhuma relação com o contexto histórico do material. Para a autora, uma das causas deste problema está nos motivos comerciais, que levam as editoras a buscarem uma posição “neutra” a respeito de determinados temas, com a intenção de não desagradar setores conservadores da sociedade. Outra causa é a opção por caminhos já conhecidos, que há tempos são aceitos socialmente. O que em nada contribui ao processo de ensino-aprendizagem, pois permanece fazendo com que os estudantes se distanciem dos conteúdos trabalhados, se colocando a parte do processo histórico.

A partir dessas considerações, esta pesquisa pretende investigar a construção histórica das representações sociais de gênero presentes no jornal, ao mesmo tempo em que propõem a utilização desta fonte para o ensino de História na Educação Básica. As questões que nortearam esta análise foram: Localizar historicamente os conceitos de gênero construídos no passado auxilia na compreensão dos papéis sociais estabelecidos? De que maneira o ensino de

História pode colaborar na formação de uma sociedade que valorize a equidade entre os gêneros? Como trabalhar estes conceitos em uma realidade que caracteriza a justiça social como uma vilã?

De maneira mais objetiva, buscou-se compreender como é construída a representação e participação das mulheres nas páginas do Jornal da Manhã, partindo da coluna "*Da Mulher para a Mulher*" e seguindo para as outras páginas do jornal. A partir deste ponto se analisou a construção histórica das mulheres através da imprensa, bem como o papel social das mulheres representado no jornal. Localizamos o espaço destinado ao feminino dentro da construção das páginas do jornal, de maneira a verificar quais eram as representações femininas construídas na coluna e em outras matérias publicadas. Seu conteúdo foi analisado de acordo com o contexto histórico da produção do jornal e as normas sociais vigentes - visíveis nas comparações entre os estereótipos femininos produzido nas suas representações. As diferenças sociais apresentaram também um problema a ser respondido pois, analisando o jornal como um todo, é possível identificar como as mulheres de diferentes classes sociais eram tratadas dentro e fora da coluna feminina.

A pesquisa faz uma análise qualitativa dos textos direcionados para o público feminino na coluna "*Da Mulher para a Mulher*" do Jornal da Manhã, em Ponta Grossa, no período de sua existência, a partir da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977).

Para problematizar as representações sociais de gênero encontradas na coluna impressa, contamos com a base teórica de Joan Scott (1990) no que se refere às construções sociais decorrentes das relações de gênero. Levando em conta que as representações de gênero são construções sociais e culturais, objetos de estudo da História, o tema deve fazer parte da disciplina para uma formação cidadã que contemple todos os grupos sociais.

O espaço do jornal no contexto pesquisado se apresenta como um espaço predominantemente masculino e elitista. A coluna "*Da Mulher para a Mulher*" ficava localizada em um pequeno espaço ao final do caderno, direcionando as mulheres ao seu devido lugar: junto aos interesses do pai/marido, mas na penúltima página, ao final de todas as principais matérias, simbolizando espacialmente qual era o seu papel social naquele momento. Porém, o alvo dessas publicações era selecionado socialmente. Era necessário que essa figura feminina fosse dotada de determinado grau de instrução, praticasse comportamentos socialmente estabelecidos e,



principalmente, tivesse acesso ao meio de informação impresso. Portanto, a maneira de se dirigir a este público seguia um discurso específico, direcionado. Regras de etiqueta, normas de conduta, receitas, dicas de moda e maquiagem revelam uma espécie de educação social às damas que, em sua maioria, ainda permaneciam no espaço privado do lar, em um estilo de vida subserviente. As mulheres que não se enquadravam nesse padrão de vida, já participavam do espaço público há muito tempo, principalmente por necessidades financeiras. Neste sentido, o conteúdo do restante do jornal também foi analisado, de forma a investigar como essas outras mulheres eram vistas, descritas, tratadas.

Assim, essa análise pretende compreender o papel do jornal na construção e manutenção de uma sociedade patriarcal<sup>3</sup>, que compreendia a vida das mulheres apenas como ferramenta de sustentação da vida dos homens e dos filhos. Pois, aquelas mulheres que ficavam de fora do público seletivo da coluna, só estavam nesta situação por não possuírem um padrão de vida aprovado, bem-visto ou esperado pela sociedade letrada do período. Ao contrário, as regras destinadas às mulheres mais abastadas eram uma maneira de diferenciá-las das demais, de coroa-las como as mulheres ideais, “distintas”. A idealização da dona de casa previa que as mulheres fossem discretas o suficiente para não tirar a visibilidade dos homens e, ao mesmo tempo, presentes o suficiente para que a boa imagem masculina fosse mantida.

O título da coluna, “*Da Mulher para a Mulher*”, apesar de se direcionar de maneira bastante direta ao seu público-alvo, era uma coluna que não apresentava assinatura. Desta forma se torna questionável a autoria do conteúdo publicado. Em meio a diversas receitas culinárias presentes nesta coluna, também encontramos textos cujo teor do conteúdo aponta para o ideal proposto pelo jornal pontagrossense às mulheres daquele período. Esse objetivo era representado em publicações que tratavam das vestimentas, cuidados com os filhos, o marido e o lar, maquiagem e comportamento.

Ao levantar essas questões, este trabalho parte do preceito de que as representações de gênero presentes nas sociedades carregam em si valores, visões de mundo e definições de papéis sociais que influenciam os sujeitos em um processo educacional e social. Processos estes que tinham como uma das

---

<sup>3</sup> A expressão patriarcal “refere-se a uma forma de organização familiar e social em que um homem, o patriarca, submete os outros membros da família ao seu poder”. (LIMA; SOUZA, 2019, p. 578).

ferramentas o jornal, que no período pesquisado era um dos principais meios de informação, difusão de ideias e imposição de normas para diversos setores da sociedade.

Considerando que um dos meios utilizados para suprimir o papel feminino é o de “negá-las pela via do desaparecimento” (RAGO, 2012, p. 10), essa pesquisa busca identificar as representações sobre o papel das mulheres dentro de um espaço predominantemente masculino para este período – o jornal. Não apenas no que diz respeito ao espaço físico do periódico, mas no que isso simbolicamente pode significar ao seu papel social naquele período.

É preciso reconhecer, sobretudo, a necessidade de incluir este tema dentro do ensino de História. Um dos trabalhos do historiador é desvendar discursos, práticas e representações que normatizaram ou silenciaram determinados grupos sociais. É notório que as práticas de negação das mulheres como sujeitos históricos ativos permanecem presentes dentro do ensino de História. Até os livros mais recentes e melhor avaliados apresentam as mulheres apenas em apêndices e não no corpo do conteúdo. Direcionando as mulheres a um espaço secundário ou compensatório.

Esta pesquisa, portando, surgiu da necessidade de propor uma reflexão tanto aos profissionais da área, quanto aos estudantes sobre as representações das relações de gênero. O trabalho social exercido pela disciplina de História consiste em dar voz aos excluídos, em revelar os ocultos das publicações. Ou, no caso desta pesquisa, as excluídas e as ocultas.

Os processos históricos que durante a maior parte da historiografia e da disciplina de História foram excludentes<sup>4</sup>, ainda hoje apontam para a necessidade de compreensão das representações, dos fatores que construíram a imagem de grupos privilegiados, enquanto outros eram sufocados. As mulheres sempre estiveram lá, porém, séculos de discursos masculinos e narrativas silenciadoras permaneceram produzindo muitos ecos em nossa sociedade. Estas heranças históricas podem ser reparadas através da utilização de fontes que contem esta história e permitam a problematização deste período histórico. E esse é o principal objetivo do desenvolvimento de um material didático.

---

<sup>4</sup> Entende-se que a escrita da história das mulheres é recente. Foi a partir de 1970, quando as universidades começaram a receber mulheres como alunas, posteriormente como profissionais, que um caminho natural começa a ser traçado em busca de representação feminina e do reconhecimento destas mulheres enquanto sujeitos.

A escolha dos livros didáticos faz parte do trabalho dos Professores, e por si só isso se constitui em uma ação que varia de acordo com as concepções políticas de cada profissional. No que diz respeito à participação das mulheres nos livros didáticos atuais, apesar de ter melhorado em relação a outros períodos, ainda carrega consigo ruídos de tempos passados. Muito dessa mentalidade ainda vem com resquícios de contextos como o trabalhado nessa pesquisa.

Desta forma, o trabalho desenvolvido tem o compromisso de propor à realidade escolar o contato com as fontes. Entende-se que o trabalho com o jornal possibilita a identificação e aproximação do estudante com uma realidade relativamente familiar ao seu cotidiano: a dos meios de informações. Enfim, se trata de uma alternativa para aprofundar problematizações sobre as relações de gênero e questões de alteridade em sala de aula, contribuindo para a construção da cidadania e de uma educação democrática.

Para o desenvolvimento do trabalho, fizemos a seguinte divisão dos capítulos:

No primeiro capítulo, intitulado “*Gênero, representação feminina, imprensa e ensino de História*” apresentamos uma reflexão sobre o conceito de gênero, a sua importância nos debates historiográficos e a necessidade de reconhecer a relevância da construção histórica das relações sociais. Assim como, pensar a representação feminina no ensino de história, com seus usos e desusos da participação das mulheres nos processos históricos dos livros didáticos, estabelecendo uma comparação com o papel da imprensa como fator preponderante na construção da imagem ideal das mulheres, ou seja, restrita ao papel de coadjuvante. Através desse molde e entendendo a retórica da imprensa como representação social do ser mulher, buscamos pensar a utilização do jornal como fonte no ensino de história.

O segundo capítulo, intitulado “*Gênero e ensino de História: Representações de gênero no discurso da imprensa*”, apresenta a trajetória da análise das fontes, desde a sua seleção e a catalogação que resultou na análise temática dos assuntos abordados na coluna “*Da Mulher para a Mulher*” e no restante do Jornal da Manhã.

Para finalizar, no terceiro capítulo será apresentada a construção do material didático que resultará da pesquisa e análise da fonte.

## **CAPÍTULO 1**

### **GÊNERO, REPRESENTAÇÃO FEMININA, IMPRENSA E ENSINO DE HISTÓRIA**

A História como disciplina escolar apresenta um caminho marcado pela disputa social e política no que diz respeito ao conteúdo presente nos currículos, nos temas transversais e na sua função de construir sujeitos históricos que se reconheçam nos diferentes processos históricos. Esta representatividade, tão distante em outros contextos, passou a ter mais força nas últimas décadas. Se não apoiada pela política pública, esteve presente em esforços de movimentos sociais, grupos organizados e de manifestações pessoais dos profissionais da área que encontraram determinadas brechas graças à inserção da diversidade social, étnico e sexual nos debates da disciplina.

Os contextos em que se encontram diferentes setores da sociedade atualmente devem ser analisados de acordo com as construções históricas pelas quais passaram. O tempo, a classe, a mentalidade, a etnia, os valores sociais e a política de cada época influenciaram o caminho dos marginalizados, dos excluídos, dos coadjuvantes, como no caso das mulheres. A cultura, além de ser produto social, possui também caráter produtor e se configura como território fértil para construção de mudanças. De acordo com Stuart Hall, as lutas por poder são lutas simbólicas e discursivas e, portanto, é natural que em determinado momento as lutas políticas se convertam em políticas culturais (HALL, 1997). Foi neste contexto de mudanças da década de 1980 que os movimentos sociais desenvolveram suas estratégias a fim de conquistar os seus lugares ao sol em um Brasil que idealizava a redemocratização e as possíveis aberturas que viriam com este advento. Dentre eles, se destacou o papel do movimento feminista que, embora já existisse há décadas, nesse período ganhou espaço político. Mulheres que durante muito tempo tiveram as suas existências voltadas ao lar, aos assuntos domésticos, enfim, à vida privada, juntas a outros grupos, colaboraram na elaboração da Constituição Cidadã de 1988. Após muita luta e resistência, a predestinação que garantia aos homens a sua função de participar da política, da economia, enfim, da vida pública, perdeu a sua garantia “natural”, fazendo com que os espaços culturais fossem reconfigurados.

Para refletir sobre a configuração do papel feminino neste contexto, é preciso levar em conta que a função dos jornais na reprodução e manutenção dos papéis sociais de gênero o torna mais do que simplesmente um folheto com notícias

diárias. Para além disso, é possível também compreender o jornal como um espaço cujo discurso é construído socialmente, mas também é construtor. Portanto, este capítulo apresenta o jornal enquanto fonte histórica para o estudo de gênero e o ensino de História. Especificamente para esta pesquisa, localizaremos o periódico na história da imprensa no Brasil, especialmente na década de 1950. Posteriormente, será problematizado o discurso específico do Jornal da Manhã, o caracterizando como um veículo carregado de representações sociais que sustentava os papéis femininos e masculinos entre os anos de 1954 e 1957. Por último, a fundamental relação entre gênero e educação e a necessidade de incluir a temática no ambiente escolar, de maneira a construir uma consciência histórica que considere a diversidade e a equidade social.

### 1.1 GÊNERO: O LUGAR DAS MULHERES

A condição atual das mulheres não é reflexo da sociedade contemporânea, ela se perpetua em razão de muitos processos estabelecidos inclusive no decorrer da historiografia e do ensino de História. A construção histórica e social do “ser mulher” versus a “função das mulheres” foi durante muito tempo fator preponderante no que diz respeito à sua participação, ou ocultação, nas páginas dos livros. Sem citar as variações entre o ser mulher e as suas diferenças de classe, raça ou religiosidade.

A não relatada participação feminina em diferentes contextos históricos não significa a sua inexistência. Estas ausências nos relatam os valores de determinadas épocas, suas hierarquias sociais, o que era considerado essencial e quem seria digno de tomar as decisões e, principalmente, de ser reconhecido por isso. A imagem deste sujeito privilegiado historicamente possui características específicas: gênero masculino, heterossexual, pele branca, religião cristã e classe alta. Esse histórico, ainda no século XIX, gerou questionamentos e impulsionou o surgimento dos movimentos feministas, com as suas lutas pelos direitos civis e pela representatividade histórica das mulheres.

No Brasil, ao longo do século XX tivemos uma série de movimentos de mulheres trabalhadoras e de outras categorias lutando por direitos, seja o direito a educação, ao voto, à participação política, aos direitos trabalhistas. Podemos citar alguns nomes que se tornaram conhecidos pelas bandeiras de luta e pelas

conquistas, mesmo antes do movimento feminista ser organizado no país: a bióloga Bertha Lutz, a médica psiquiatra Nise da Silveira, a trabalhadora e escritora Carolina Maria de Jesus, a professora Antonieta de Barros que foi a primeira mulher negra eleita deputada no estado de Santa Catarina e tantas mulheres lutaram. Essa lista de atuação pública das mulheres no Brasil tem crescido com os trabalhos de pesquisa e já não é possível continuar com uma narrativa que exclui as mulheres, dizendo que às mulheres restava o espaço doméstico.

Mas como movimento feminista organizado surgiu na década de 1960. E as manifestações feministas, iniciadas nesse período, foram além da luta pela equidade entre homens e mulheres nas conquistas civis e trabalhistas. Estas lutas influenciaram também a ampliação temática das pesquisas históricas. O movimento feminista também ocupou espaço na academia e começou a produzir a história das mulheres e a questionar a estrutura da historiografia produzida.

A partir do final do século XIX, o positivismo demonstrou restrito interesse à história política, administrativa, militar, com ligação à esfera pública – em outras palavras, predominavam os espaços masculinos. Posteriormente, a Escola dos *Annales* apresentou a renovação destes paradigmas, propondo à historiografia “novos objetos, problemas e abordagens” (REIS, 2000), trazendo à tona a valorização de novos sujeitos, fontes e espaços, deixando pelo caminho a chamada história oficial. Ainda que não suficiente para incluir a participação das mulheres, os *Annales* tiveram importante contribuição para que este espaço fosse alcançado no futuro (SOIHET, 2007).

Esse futuro chegou com o desenvolvimento da Nova História Cultural e seus novos campos de estudo como as representações (Roger Chartier), a história das mentalidades e a micro-história (Carlo Ginzburg). Estas novas proposições fortaleceram a abordagem do feminino, ao mesmo tempo em que permitiram novas leituras, como a da construção dos papéis sociais. Parafraseando Joan Scott, é nesse contexto que o conceito de gênero começa a delinear a sua trajetória como uma categoria útil para a análise histórica (SCOTT, 1995).

Com essa transição, o fator biológico, antes utilizado para diferenciar o gênero feminino e masculino, não é mais suficiente para problematizar as diferenças sociais existentes entre os sujeitos. A organização patriarcal da sociedade havia durante muito tempo moldado o papel feminino e masculino com base nesta diferenciação: o que é “natural” ao homem e à mulher. Essa dinâmica causou um

abismo entre o que o homem ou a mulher deveriam ser e quem eles de fato eram ou gostariam de ser. A complexidade resultante deste binarismo, ocasionou a necessidade de encontrar novos significados à categoria gênero. Para além de uma substituição para o termo “mulheres”, foi preciso considerar tal categoria como um aspecto relacional entre homens e mulheres pois, a definição de um é delimitada pela diferença em relação ao outro. É esta coexistência a responsável por moldar as relações entre os sexos:

[...] o termo gênero torna-se uma forma de indicar as ‘construções sociais’ – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. ‘Gênero’ é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1995, p.75).

De acordo com esta interpretação, é possível questionar os mecanismos que promovem a imposição das categorias sociais, dividindo papéis entre: poder da masculinidade *versus* fragilidade da feminilidade. A organização social entre os sexos se naturalizou de tal maneira que até indivíduos criados fora da bolha normativa conseguem associar valores que se diferenciam de acordo com o sexo. Tais objetivos são efetivados através de sistemas de significados. Ou seja, às maneiras pelas quais diferentes meios representam o gênero e a este constroem regras para as relações sociais e suas experiências<sup>5</sup>. Desta forma, é possível afirmar que significado e experiência são indissociáveis, assim como significação e significado. Em outras palavras, a categoria gênero se define como produto da construção social e cultural baseada na diferença entre masculino e feminino, cuja relação se constrói e reconstrói com base na interação social entre os sexos (SAMARA, 1997). Em suma, para Scott, gênero é um meio utilizado para compreender a complexidade existente entre as relações humanas.

Porém, está longe de existir um consenso no que diz respeito à utilização do gênero para a análise histórica. Além de se tratar de um conceito recente, é também uma categoria que corresponde à influência do seu tempo, “as mudanças na organização das relações sociais, correspondem sempre à mudança nas

---

<sup>5</sup> Exemplo disso foi o pronunciamento feito pela ministra da pasta *Mulher, Família e Direitos Humanos* no dia 02/01/2019. Após o seu discurso de posse, Damares Alves afirmou que “menino veste azul e menina veste rosa”. Depois de receber duras críticas, respondeu em sua própria defesa que se tratava de uma metáfora contra a “ideologia de gênero”.

representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. (SOIHET, 1997)

Portanto, se trata de uma abordagem complexa e múltipla. Não é possível pensar em uma identidade universal dentro do termo. É importante destacar a crítica desenvolvida por Judith Butler ao conceito de mulher como categoria. Para a autora, não se deve reduzir as mulheres a uma visão homogênea, pois, para além dessa definição, há uma fragmentação no que diz respeito às intersecções classe, raça, religião, etnia e sexualidade – características que tornam as mulheres sujeitos múltiplos, plurais. (BUTLER, 2010)

## 1.2 GÊNERO, EDUCAÇÃO E ENSINO DE HISTÓRIA

Dentre os variados desafios encontrados hoje no que se refere ao ensino de História, sem dúvida a questão de gênero se apresenta como um dos mais complexos. A determinação de valorizar uma educação para todas e todos é uma pauta que vem sendo discutida desde meados do século XX e, ainda hoje, permanece encontrando entraves mais ou menos agudos de acordo com os interesses políticos nos diferentes contextos históricos.

Desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), as práticas educacionais para a implantação do respeito às liberdades individuais passaram a ser discutidas em cada nação. Não diferente no Brasil, foram desenvolvidos debates democráticos de onde originaram inúmeros documentos que versavam sobre a promoção de uma educação plural, que garantisse a igualdade de direitos entre os sujeitos, sem distinção de qualquer espécie (REIS; EGGERT, 2017). Portanto, a luta para a promoção da equidade entre os gêneros não é uma luta recente, assim como a garantia do respeito à diversidade sexual também não o é. De todo modo, são assuntos que encontram na educação o caminho necessário para que seus objetivos sejam alcançados. Contraditoriamente, também é a educação que apresenta o caminho mais tortuoso, pois se trata de um espaço de disputas onde conflitam necessidades sociais com interesses políticos.

Apesar de se tratar de um objetivo universal, promover a educação em favor da equidade de gênero e da diversidade sexual se torna ainda mais relevante no caso específico do Brasil. Não suficientes fossem os elementos históricos do país em relação as suas configurações culturais e sociais que promovem desigualdades



como as de classe, de raça e de gênero, ainda temos como produto dessa realidade a repressão e a violência contra as minorias. Segundo o Mapa da Violência (2015), de 1980 a 2013 foram assassinadas no Brasil 106.093 mulheres. Desde 2006, ano em que foi sancionada a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), cerca de 4 mil mulheres são assassinadas por ano no país (BRASIL, 2019), com tendência de crescimento nos períodos mais recentes. Desta maneira, incorporar questões de gênero no ensino de história vai além da relevância temática e se torna uma questão de política pública – urgente para a manutenção da democracia, construção da cidadania e preservação da vida das mulheres.

A presença do tema gênero no currículo educacional é relativamente recente, e mesmo com a garantia dessa temática presente já nos PCNs da década de 1990, a introdução do assunto nos livros didáticos foi muito lenta e superficial. Em alguns casos a temática aparece de forma sutil, mas na maior parte dos casos a temática aparece em anexos separados do conteúdo central, como apêndices. A Professora Angela Ribeiro Ferreira já identificava isso em pesquisa de 2006 sobre a representação das mulheres na história do Brasil nos livros didáticos (FERREIRA, 2006). E Suzane Oliveira tratou em dois textos de 2019 sobre a violência contra mulheres nos livros didáticos, a linguagem violenta e o tema da violência sexual em guerras e conflitos, demonstrando que ainda temos muito a avançar na produção didática em relação a abordagem de gênero (OLIVEIRA, 2019).

Se há uma esperança de abordagem aprofundada e naturalmente integrada dentro dos livros didáticos, atualmente ela aparece assombrada por um espectro conservador que surgiu de maneira embrionária no início desta década e ganhou força com o passar dos anos e com as disputas por poder político. Este, nos últimos tempos fortaleceu alianças com grupos religiosos e reacionários, fundando inclusive o que foi chamado de “Frente Parlamentar Evangélica”, ou simplesmente “bancada evangélica”, no Congresso Nacional do Brasil. A ligação direta entre estado e igreja, tão antiga quanto trágica, provocou lesões em áreas que deveriam ser tratadas com a laicidade que a constituição prevê ao país, entre elas a educação. Fato que pôde ser comprovado durante a discussão do Plano Nacional de Educação (2014) e nos Planos Municipais e Estaduais de Educação (2015), com protestos realizados pela classe político-religiosa e inflamada por grupos organizados, como o intitulado

“Escola Sem Partido”<sup>6</sup>. Foi com a interferência não especializada de tais grupos, que o termo “ideologia de gênero” passou a ser utilizado para se dirigir ao tema. A partir do discurso articulado entre estes setores, o assunto foi polemizado e a intenção de incorporar a discussão de gênero passou a ser vista como uma tentativa de doutrinação por parte da área da educação a fim de incitar e promover a homossexualidade entre crianças e adolescentes, cujo objetivo seria desconstruir o modelo tradicional e patriarcal de família.

Em relação ao que chamam “ideologia de gênero”, o movimento “Escola Sem Partido” defende que temas como as desigualdades entre homens e mulheres, o combate à homofobia e à transfobia não são assuntos que devem ser discutidos no ambiente escolar. Tais tópicos devem ser abordados pelos pais no processo de educação dos seus filhos.

É possível concluir algumas questões a partir dessa consideração. Primeiramente, além de tornar a questão de gênero um tema “ideológico”, como o próprio termo designa, o movimento atribui a questão ao setor político-partidário. Pois, o próprio nome do movimento traz em si a negação de discussões consideradas partidárias em ambientes escolares. Portanto, a temática gênero supostamente corresponde a um determinado setor da política que estaria “negando” os valores morais e religiosos destes indivíduos, apresentando um risco à integridade da “família tradicional”.

O movimento conta com espaços virtuais amplamente divulgados por seus membros, os quais apresentam à população alertas e conselhos para evitar e combater o que chamam de “doutrinação ideológica”. Ao fazer uma lista chamada “Flagrando o Doutrinador”, um dos procedimentos que o Professor chamado “mestre militante” poderia fazer:

utiliza-se da função para propagar ideias e juízos de valor incompatíveis com os sentimentos morais e religiosos dos alunos, constrangendo-os por não partilharem das mesmas ideias e juízos. (MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO, 2012)

Os criadores e seguidores do movimento condenam uma educação que garanta o reconhecimento da existência de indivíduos que não se enquadram numa

---

<sup>6</sup> De acordo com uma das páginas divulgadas pelo movimento: “O Movimento Escola sem Partido surgiu em 2004, a partir de uma iniciativa do então procurador do estado de São Paulo, Miguel Nagib, com objetivo de combater a presença de ideologias particulares dentro das discussões em sala de aula”. (Movimento Escola Sem Partido, 2012)

realidade heteronormativa ou patriarcal, afirmando que tal prerrogativa se configura como um investimento contra a moral familiar. O procedimento defendido é a da negação da diversidade social e sexual de um lado, e a defesa da tradicional família pai, mãe submissa e filhos heterossexuais de outro. Se analisado de maneira literal, considerar apenas a heterossexualidade no ambiente escolar em detrimento da diversidade é o que de fato configuraria uma soberania, ou, uma “ideologia de gênero”. Portanto, se trata de um termo que se caracteriza de maneira contraditória em sua própria definição.

É necessário destacar que a tão estimada equidade de gênero depende de um trabalho conjunto entre uma educação democrática e o enfrentamento à violência, inclusive a doméstica. A grande dimensão preconceituosa da nossa sociedade é, em grande parte, reflexo das relações estabelecidas em família. Segundo o já citado Mapa da Violência (2015), dos casos de agressão cometidos contra as mulheres que foram atendidos pelo SUS, 67,2% foram cometidos por parentes imediatos, companheiros ou ex-companheiros. Isso comprova que o núcleo familiar não necessariamente representa uma instituição habilitada no que se refere a questões de gênero, para orientar as crianças e jovens.

Mais do que um tema necessário à educação, os debates de gênero dizem respeito aos direitos humanos universais. A ONU (Organização das Nações Unidas) e a OEA (Organização dos Estados Americanos) vêm há mais de uma década aprovando resoluções que afirmam a necessidade dessa prática no que se refere à proteção contra a violência de gênero. Portanto, como adentra no âmbito dos direitos humanos, conseqüentemente submerge no âmbito da educação (REIS; EGGERT, 2017). Nessa direção, o Estatuto da Juventude dedica uma seção ao Direito à Diversidade e à Igualdade, na qual para a efetivação desse direito do jovem, a ação do poder público deverá considerar a:

[...] III – inclusão de temas sobre questões étnicas, raciais, de deficiência, de orientação sexual, de gênero e de violência doméstica e sexual praticada contra a mulher na formação dos profissionais de educação, de saúde e de segurança pública e dos operadores do direito. (BRASIL, 2013, p.29)

De acordo com a CONAE<sup>7</sup> (2018), a educação deve ter como pilar os dispositivos legais referentes aos direitos humanos para garantir o princípio da igualdade social, onde a dignidade humana deve ser reconhecida independente de sexo e identidade de gênero, pois se aplicam a todos os membros da “Família Humana”. Desta forma:

O direito à educação ampara-se nos princípios da igualdade e dos direitos fundamentais e constitui-se como elemento primordial para construir, na sociedade atual, o sujeito enquanto indivíduo e enquanto ser social. O direito à educação é pleiteado novamente nos Quatro Pilares da Educação, havendo a necessidade de discutir e de desenvolver o ‘aprender a ser’ para ‘aprender a conviver’. (BRASIL, 2018, p. 96)

Do que foi exposto, fica evidente que as atitudes em prol da equidade entre os gêneros dizem respeito a um movimento global, que encontra na educação um dos principais espaços para as suas implantações. Longe de privilegiar qualquer norma social, de raça, de religião ou de gênero, o papel da educação é o de garantir a existência de todos os grupos humanos. E, além disso, garantir as suas coexistências.

Nesse sentido, é necessário promover uma reflexão sobre o ensino de História, suas concepções e objetivos. Bem como, questionar o espaço destinado às mulheres nos conteúdos dos livros didáticos que, durante muito tempo, as colocou como personagens secundários ou inferiores nos contextos trabalhados. A principal explicação para esta sombra está no predomínio da história política, espaço que durante muito tempo marginalizou as mulheres e impediu as suas participações.

Joan Pagés Blanch e Edda Sant Obiols desenvolveram análises partindo de pesquisas realizadas em livros didáticos da Catalunha, sobre as quais é possível estabelecer comparativos com a realidade brasileira. Para os autores, existem três respostas para a invisibilidade das mulheres no ensino de História: a) Boa parte dos conteúdos históricos são sobre história política – que durante muito tempo negou a participação feminina; b) As mulheres só são visíveis nos conteúdos de história social e de maneira totalmente anônima e despersonalizada; c) As poucas mulheres que aparecem como personagens históricos recebem títulos de princesas, bruxas ou feministas.

---

<sup>7</sup> A Conferência Nacional de Educação – CONAE se define como espaço democrático aberto pelo Poder Público e articulado com a sociedade para que todos possam participar do desenvolvimento da Educação Nacional”. (BRASIL, 2018)

É natural que os alunos transformem o conhecimento histórico em narrativas que atribuam sentido às suas próprias vivências, e isso tende à simplificação do conteúdo aprendido. Portanto, a história passa a ser relacionada com os indivíduos que tomam o papel de personagens históricos – terreno onde as mulheres não costumam pisar.

Ainda segundo Pagés e Obiols (2011), nos livros didáticos as imagens dos homens aparecem personificadas, com nomes e descrições da sua participação na história. Já as mulheres recebem imagens inferiores, despersonificadas e são classificadas no grupo de pessoas de “classe social humilde” ou simplesmente generalizadas como “mulheres”. Nos dois casos as mulheres não se relacionam com nenhum feito histórico em concreto. Esse espaço vago das mulheres ressoa em discursos presentes em várias manifestações culturais consumidas pela sociedade de maneira geral, como o cinema, por exemplo. Para os autores, tal acontecimento fornece suporte à uma construção dual da subjetividade feminina que divide o papel das mulheres em campos simplistas: as mulheres negociáveis e as mulheres consumíveis, as mulheres masculinizadas e as vítimas, as vampiras e as virgens, as bruxas e as princesas. Rejeitando, assim, as infinitas variáveis relacionadas ao ser mulher e toda a complexidade que se atribui apenas aos personagens masculinos.

É importante reconhecer que nas últimas décadas a ampliação dos temas gênero e história das mulheres recebeu grande legitimidade no âmbito acadêmico. No entanto, na educação básica o esforço ainda necessita ser fortalecido se levado em conta a quase nula reverberação destes temas na sociedade que, conforme os dados estatísticos, comprovam a deficiência na incorporação de valores que deveriam ser estimulados a partir de um ensino que desconstruísse a margem que separa os excluídos dos incluídos.

Para atingir uma representação equilibrada é necessário reconhecer os mecanismos que perpetuam a marginalização e a criação de estereótipos das mulheres. Isso acontece, por exemplo, quando há a inclusão da sua participação na história em barras laterais, páginas em separado ou apêndices. Mesmo que bem-intencionada, esta abordagem pouco contribuiu para a percepção de uma participação historicamente efetiva.

De acordo com Margaret Smith Crocco (1997), existem dois problemas quando se está em debate a abordagem da história das mulheres. A primeira diz respeito à construção dos currículos, cujos próprios teóricos concordam tratar se de

um processo normativo. Ou seja, é um documento que representa a verdade e carrega em si significados culturais aos alunos. Portanto, se a vida das mulheres e de outros grupos marginalizados forem deixados de fora, a mensagem que é passada é a de que estas vivências não têm importância histórica. Assim, privilegia-se a história política e econômica em detrimento de uma história social inclusiva, o que influenciará o olhar dos estudantes sobre quais sujeitos e comunidades possuem mais ou menos significados no decorrer do tempo. Deste modo, a visão que se tem do conhecimento histórico se restringe a guerras, poder político e econômico.

O segundo problema narrado por Crocco é a abordagem histórica que torna as mulheres invisíveis, fazendo com que se tenha uma visão incompleta de mundo. Pois, se a história masculina for sinônimo de história humana, teremos uma falsificação do passado. O ideal seria garantir ao aluno o reconhecimento de si aliado ao conhecimento dos outros, construindo um diálogo que garanta o equilíbrio entre o ser e o conviver.

Desta problemática surge a urgência em tornar as mulheres visíveis nos conteúdos históricos, além dos estereótipos maquiavélicos e dos papéis passivos. A discussão a respeito da história das mulheres é uma maneira de repensar a história como um todo e propor alternativas para alterar a visão que classifica o sujeito masculino como sujeito universal. É inserindo a diversidade nos processos históricos que será possível construir um ensino capaz de promover a cidadania e a democracia entre os estudantes – principais responsáveis pela construção de uma sociedade igualitária.

### 1.3 GÊNERO, IMPRENSA E REPRESENTAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Vivemos em um contexto em que a informação já não se apresenta como exclusividade do espaço escolar. Os profissionais da área de ensino vivem permanente discussão em relação a metodologias de ensino que se aliem às recentes tecnologias e às novas realidades dos estudantes. No que diz respeito à disciplina de História, se busca uma abordagem capaz de tornar o ensino dinâmico, atrativo e atualizado. Além deste desafio, há no caminho a vigilância constante dos conteúdos, impulsionada pelos grupos conservadores da sociedade.

A afirmação de que o ambiente escolar não mais representa a única fonte de conhecimento se justifica pela imensa variedade de plataformas que hoje oferecem conteúdos informativos. Em outras palavras, houve a dissipação do conhecimento. Como consequência, as informações disponibilizadas por estes mecanismos – sendo genuínas ou não – estabelecem uma característica educacional na vida do estudante.

Não suficiente, os conteúdos disponíveis aos usuários apresentam cada vez mais características direcionadas aos interesses próprios dos indivíduos, pois praticamente toda interação realizada em meios digitais pode ser rastreada através de algoritmos. Isso possibilita compreender o comportamento dos usuários na internet e aprimorar recursos e estratégias digitais, sejam elas dos meios de informação ou de conteúdos comerciais. Essa realidade coloca as pessoas cada vez mais dentro de nichos isolados uns dos outros, dificultando a ampliação dos horizontes espaciais, sociais e intelectuais.

Esta prática, chamada teoricamente de pedagogia cultural, reforça que não é somente o ambiente escolar que promove o processo de aprendizagem. No decorrer do tempo, vários setores ocuparam esta posição e promoveram modelos de sujeitos em relação a gênero, sexualidade e comportamento. Instâncias como a família, igreja, cinema e imprensa são alguns exemplos de instituições “educacionais”. Mais recentemente podemos citar a internet, as redes sociais e a grande publicidade que promovem. De acordo com Guacira Lopes Louro:

Conselhos e palavras de ordem interpelam-nos constantemente, ensinam nos sobre saúde, comportamento, religião, amor, dizem-nos o que preferir e o que recusar, ajudam-nos a produzir nossos corpos e estilos, nossos modos de ser e de viver. Algumas orientações provêm de campos consagrados e tradicionalmente reconhecidos por sua autoridade, como o da medicina ou da ciência, da família, da justiça ou da religião. Outras parecem ‘surgir’ dos novos espaços ou ali ecoar. Não há uniformidade em suas diretrizes. Ainda que normas culturais de há muito assentadas sejam reiteradas por várias instâncias, é indispensável observar que, hoje, multiplicaram-se os modos de compreender, de dar sentido e de viver os gêneros e a sexualidade. (LOURO, 2008, p. 19)

Para a autora, o controle exercido pelos diferentes espaços culturais foram fundamentais para a hegemonia que se construiu a partir da figura do homem branco e heterossexual. Assim, as representações construídas através desses meios causaram diversos efeitos sobre os demais sujeitos. Um dos efeitos dessas atribuições de significados é a de tornar socialmente verdadeiro e natural o papel

das mulheres como “segundo sexo” ou “sexo fraco”. Esses embates culturais refletem em si as relações de poder exercidas em determinados períodos históricos através das pedagogias culturais.

Neste contexto, a escola precisa se adequar e promover ações que incluam essas ferramentas pois, além de educar, elas regulam as práticas sociais e promovem diferenças e desigualdades. A escola deve assumir a responsabilidade de ser filtro. Atitudes como esta auxiliarão não só na atualização metodológica, como fortalecerá a credibilidade do espaço escolar, o enfrentamento ao anticientificismo que hoje assombra a educação<sup>8</sup> e a desconstrução de estereótipos que alimentam os preconceitos e a violência de gênero. Problemas visíveis no cotidiano escolar cuja causa se mantém invisível graças ao esforço permanente dos meios de comunicação em tornar as desigualdades algo natural.

Um dos atalhos possíveis para contornar estes problemas é a utilização das fontes históricas no processo de ensino aprendizagem. Como já citado, os meios de comunicação exercem forte influência na vida dos indivíduos, mas é preciso reconhecer que esta característica não é unanimidade da pós-modernidade. Os grupos dominantes sempre encontraram meios para divulgar ou legitimar os seus interesses às massas. Discursos com caráter educativo podem ser encontrados em diferentes contextos e diferentes meios. Um exemplo a ser analisado e problematizado é a imprensa e a sua característica de ser construída e ao mesmo tempo construir representações sociais, propagar estereótipos e reverberar padrões de comportamento no decorrer do tempo.

Nesse contexto, é importante lembrar que nenhuma atividade educacional é dotada de neutralidade, sendo ela formal ou não:

Educação e imprensa, dois elementos aparentemente desvinculados, mas que se revelam como unidades estruturais que possibilitam a análise de diferentes grupos representantes de determinadas forças de poder, sejam elas expressas nas questões políticas, religiosas ou educacionais. Nesse sentido não se pode pensar em educação sem antes considerar sua ação como um processo de ‘não neutralidade’, ou seja, toda e qualquer atitude educativa institucionalizada ou não, possui uma intencionalidade, e de certo modo responde direta ou indiretamente ao seguinte questionamento: Que tipo de homem pretende-se formar? O homem é um ser social e, são consideradas as condições materiais em que vive, que se encontram as bases para suas relações tanto material quanto cultural. Pode-se então,

---

<sup>8</sup> Paráfrase influenciada pelo título do livro “*O Mundo Assombrado pelos Demônios*” de Carl Sagan (1995), onde o cientista aborda o senso comum, as superstições e credences populares que contrariam evidências científicas.



afirmar que no ato de fazer a história o homem, numa relação dialética, também, é feito por ela. (PASQUINI; TOLEDO, 2014, p. 265)

Portanto, utilizar a imprensa como metodologia no ensino de História é uma atividade que desconstrói para reconstruir. E a pergunta fundamental nessa atividade deve ser: Qual sociedade queremos formar? Para além dos papéis individuais pré-estabelecidos pelas variadas plataformas culturais, é preciso exaltar a diversidade e não as diferenças. Uma educação democrática só se efetiva através da alteridade e da empatia.

#### 1.4 O JORNAL NA HISTORIOGRAFIA

O uso da fonte impressa na historiografia como possibilidade de conhecimento do passado é relativamente recente. Este momento se encontra no período de renovação historiográfica acrescidas através das propostas da terceira geração dos Annales a partir de 1970, como a interdisciplinaridade e os “novos objetos, problemas e abordagens” (REIS, 2000). A partir de então a noção de documento foi ampliada, bem como as suas possibilidades. Neste contexto os impressos ganharam espaço no campo de investigação do historiador e passaram a revelar através dos seus discursos a sua intervenção nos processos históricos (CALONGA, 2012). Para Maria Helena Rolim Capelato, o jornal permite a análise da vida em sociedade na medida em que se caracteriza como um instrumento que manipula interesses, ao mesmo tempo em que é produzido por “sujeitos dotados de consciência determinada na prática social” (CAPELATO, 1988, p.13).

Partindo desse debate, ao investigar o discurso de um jornal é preciso considerar as características específicas do jornalismo e o contexto em que estão inseridos os seus discursos. De acordo com Capelato e Prado:

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se inserem (CAPELATO; PRADO, 1980, p. 19)

Portanto, a linguagem do jornal vai além de um agrupado de palavras. É preciso reconhecer a estrutura do jornal, as intenções existentes nos filtros escolhidos para as suas publicações. Mais do que análise textual, é preciso levar em

conta o corpo do jornal, a seleção das notícias, as colunas propostas e a disposição das páginas. O conjunto destas análises podem desvendar as relações sociais estabelecidas e o poder exercido pelos diferentes grupos sociais.

De acordo com Zicman, existe uma “linguagem da imprensa”:

Há uma linguagem específica da Imprensa produzida pelo sistema global de informação, correspondente às diversas funções do jornalismo, e ligada ao próprio modo de produção jornalístico. Ela é composta por três elementos principais: a expressão escrita (textual, manchetes...), a expressão icônica (fotos, desenhos...) e a composição do jornal (distribuição dos artigos e colunas pelas páginas do jornal). Vamos observar que o problema da linguagem própria da Imprensa estará presente ao longo de todo o processo de Informação (na seleção das fontes noticiosas e no próprio curso da transmissão) (sic). (ZICMAN, 1985, p. 91)

Analisar essas características próprias auxilia a compreensão dos valores sociais difundidos pela imprensa a fim de manter uma ordem pré-estabelecida pelos grupos que dominam a sociedade e a comunicação. Através da maneira como distribuem os artigos ao virar das páginas, como compõem as suas imagens podemos vislumbrar a expressão própria do jornal. Suas escritas e intencionalidades, os temas que mais abordam e com qual prioridade tratam os seus assuntos permitem uma leitura que traduz a visão de mundo que era vendida como ideal. Até mesmo o não dito e o texto não assinado podem desvendar o posicionamento presente em um impresso.

Para embasar esta pesquisa, pautamos a análise na teoria das representações sociais de Serge Moscovici (1961). A partir dessa referência é possível compreender o processo de influência que o discurso do jornal causava entre seus leitores. Apoiado pela psicologia social, o autor caracteriza as representações sociais como um sistema de valores, ideias e práticas com a função de conhecer e intervir na realidade. Assim, tem como fim um movimento que promove a comunicação e se recria para fazer surgir novas representações. Neste sentido, elas podem ser compreendidas através de dois processos: a “ancoragem”, que consiste em aproximar novas realidades a outras já conhecidas pelo grupo ou indivíduo – desta maneira transformando um objeto não-familiar em familiar. O outro diz respeito à objetivação, que consiste em transformar conceitos abstratos em realidades concretas:

O processo social no conjunto é um processo de familiarização pelo qual os objetos e os indivíduos vêm a ser compreendidos e distinguidos na base de

modelos ou encontros anteriores. A predominância do passado sobre o presente, da resposta sobre o estímulo, da imagem sobre a 'realidade' tem como única razão fazer com que ninguém ache nada de novo sob o sol. A familiaridade constitui ao mesmo tempo um estado das relações no grupo e uma norma de julgamento de tudo o que acontece. (MOSCOVICI, 1961, p.26)

A partir dessas considerações, é possível compreender de que maneira o indivíduo configura novas informações. A princípio, estas passam a ser significadas partindo de experiências já apreendidas pelo sujeito (ancoragem). Posteriormente, essa experiência cognitiva cede espaço para uma reificação, concretizando o que foi classificado (objetivação).

A imprensa voltada ao público feminino pode ser entendida por esse viés. Quando as mulheres se veem representadas na mensagem lida, ancoram a informação desconhecida a uma imagem já construída de si mesmas e a ressignificam em prática no seu convívio social. Essa dinâmica impacta da mesma forma o restante da sociedade que, desde a infância, convive com representações dos papéis atribuídos aos homens e mulheres. Quando a imprensa divulga esses papéis, o indivíduo os apoia em conceitos já conhecidos, reafirmando os papéis pré-definidos. Desta forma, passa a reproduzi-los como algo "natural".

## **CAPÍTULO 2**

### **GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA**

#### **REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO DISCURSO DA IMPRENSA**

O ensino de História apresenta uma trajetória marcada pela busca de novas temáticas, metodologias e representatividade social. No entanto, se por um lado o caminho que vinha se traçando apresentava alguns avanços, por outro ainda nos deparamos com narrativas que contam a história dos grupos marginalizados de maneira isolada dos conteúdos históricos. Outro ponto a se destacar são as recentes discussões, influenciadas por questões políticas, que apontam para um momento instável no que diz respeito à garantia da participação da diversidade e da própria categoria gênero presentes nos livros didáticos. Este capítulo propõe uma reflexão sobre as representações de gênero presentes na imprensa e as relações possíveis de serem estabelecidas com as atuais ferramentas de acesso à informação, que permanecem alimentando as relações de poder.

Esta pesquisa iniciou da necessidade de discutir a categoria gênero no ensino de História a fim de resistir ao retrocesso que ameaça a garantia das minorias nos materiais didáticos e nos currículos, e como meio de promover debates que colaborem para uma educação democrática, cidadã, atuante no combate à violência contra as mulheres.

Recorrer ao passado para historicizar as representações sociais através da imprensa é uma maneira de inserir a participação atual das diferentes mídias no processo de construção de comportamentos, personalidades e práticas sociais. Assim como no passado, os meios de informação continuam influenciando o modo de ser e agir dos indivíduos.

A proposta em apresentar um referencial que possibilite uma visão crítica buscou um recorte temporal localizado entre o período da história do Brasil que ficou conhecido como “Anos Dourados” (1945 a 1964). Este período ficou marcado pela influência do pós Segunda Guerra Mundial e a crescente modernização que passou a existir no interior e exterior das residências das famílias de classe média/alta no país. Acompanhado das novas tecnologias veio a participação das mulheres da classe média no mercado de trabalho e a difusão dos meios de comunicação, como revistas, jornais, televisão e rádios.

Outro motivo a justificar o recorte temporal foi pela circulação da coluna “*Da Mulher para a Mulher*” no Jornal da Manhã em Ponta Grossa, que marca a relevância das publicações direcionadas às mulheres naquele período. Afinal, um momento com novos caminhos disponíveis precisava de meios para controlar e manter as mulheres dentro das rédeas socialmente estabelecidas.

As fontes são os discursos voltados para as mulheres no Jornal da Manhã durante os anos de publicação da coluna “*Da Mulher para a Mulher*”. Os textos, de dentro e fora da coluna, foram divididos em temas para facilitar a análise da pesquisa e o recurso pedagógico do material paradidático.

## 2.1 O JORNAL DA MANHÃ

A imprensa em Ponta Grossa teve vários jornais fundados até o ano de 1907, mas com curta duração. A partir de 1907, a cidade passou a contar com a regularidade do jornal *O Progresso*, fundado por Jacob Holzmann. Em 1913 o jornal alterou o nome para *Diário dos Campos*, veículo de comunicação de maior circulação do interior do Paraná até a década de 1950 (CHAVES, 2011). A partir deste momento, a cidade passou a contar com mais uma opção nos impressos: o *Jornal da Manhã*. Fundado em Ponta Grossa no dia 4 de julho de 1954. Este impresso teve como Diretor Gerente Adherbal Calderari, Diretor Superintendente Petrônio Fernal e como Chefe de Redação o professor e jornalista João Ricardo Von Borell Du Vernay (SANTOS, 2014). A primeira edição do jornal contou com uma apresentação ao povo pontagrossense mostrando quais eram as suas intenções:

Ponta Grossa, a partir de hoje conta, com mais um veículo de divulgação – O JORNAL DA MANHÃ .

É um jornal que nasce sob os melhores auspícios e os mais elevados propósitos de bem servir coletividade, deixando à margem quaisquer sentimentos de ordem subalterna.

Com diretriz firme e segura, alicerçada nos mais profundos sentimentos de democracia cristã, JORNAL DA MANHÃ irá realizar o grande ideal da verdadeira imprensa que é o de servir, com absoluta sinceridade, à causa pública, propugnando pela sua elevação cultural e orientando-a com absoluta isenção de ânimo, em todos os acontecimentos que de algum modo, possam contribuir para falsear os julgamentos da opinião pública.

Com estes propósitos e estas finalidades apresentamo-nos ao público, do qual esperamos receber a mais decidida colaboração, a fim de que possamos atingir, sem maiores percalços, ao ideal confirmado.

Temos consciência da tarefa árdua que nos cabe desempenhar; porém não nos assalta o receio de que não a possamos levar a bom termo.

Se é verdade que só os espíritos voltados ao sacrifício podem servir a boa imprensa, estamos a vontade para proclamar, alto e bom som, que nos sentimos em perfeitas condições para servir a tão justa quão benfazeja causa. A imprensa não deixa de ser, a certo feitio, u“ma espada de dois gumes para a coletividade. Arma forjada pelo próprio povo que em última análise, torna possível sua vida e manutenção, dele dependendo exclusivamente.

Se é verdade tal assertativa, somente se pode conceber uma imprensa honesta enquanto a serviço leal dessa mesma coletividade, refletindo seus justos anseios, exprimindo suas reais necessidades, realçando seus esforços na senda do progresso no objetivo sempre terno da paz social.

Encetamos assim, os nossos passos. Dos propósitos que nos animam e das atitudes que assumimos, será juiz o povo princesino. É uma caminhada infinita que percorremos, invocando sempre os sadios princípios morais e cristãos, que servem de norte à nossa conduta.

A DIREÇÃO<sup>9</sup>. (JORNAL DA MANHÃ, 1954, p.1)

Tais determinações seriam expressas diariamente no impresso de forma que enriqueceriam as informações aos cidadãos através de uma transparência que garantiria maior credibilidade ao trabalho do jornal (FERREIRA, 2002).

Muitos dos compromissos firmados nesta apresentação se encontram presentes no discurso do jornal como um todo, principalmente no que diz respeito aos preceitos morais e cristãos – sobretudo, católicos. É possível perceber tal postura em algumas colunas fixas, como a assinada por Omar Leite Gondim. Sem título fixo, o espaço era garantido diariamente ao autor, na página três, e publicava reflexões sobre a existência humana. Os papéis desenvolvidos por homens e mulheres muitas vezes eram citados, bem como a necessidade de as pessoas aliarem suas vidas aos ensinamentos cristãos.

Voltado para ao público feminino a coluna “*Da Mulher para a Mulher*”, também tratava de temas e valores previstos pelo jornal, principalmente no que se refere aos princípios “morais” e “cristãos” da época. A coluna foi inaugurada no *Jornal da Manhã* no dia primeiro agosto de 1954 e sua publicação se manteve por pouco mais de três anos. Durante 2 anos a publicação era diária, sempre na sétima página, depois de todas as principais notícias e ao lado da coluna social. Este lugar dentro do jornal aponta também para o lugar que lhe cabia naquela sociedade: à sombra do marido e do que a ele era destinado. No seu último ano de veiculação, a coluna foi

---

<sup>9</sup> Jornal da Manhã em edição especial – A nossa História, página 02. Em 04 de julho de 1984.

publicada de maneira esporádica, sem dias fixos, até a sua última publicação no dia três de maio de 1957.

O teor utilizado nas representações sobre a mulheres na coluna e no restante do jornal vai de encontro aos preceitos morais e cristãos defendidos pela direção do impresso. As regras que delineavam o ideal feminino estavam ligadas ao modelo socialmente estabelecido para as boas moças, mulheres e mães das classes abastadas. As demais matérias e notícias que se espalhavam nas outras páginas do jornal eram selecionadas ao público masculino: política, notícias locais/nacionais/internacionais, esporte e classificados. *Da Mulher para a Mulher* ficava na sétima página, na penúltima folha, apresentando às mulheres e homens qual era o lugar feminino e o papel esperado para ser bem-sucedida na vida: ter uma postura discreta, casar-se com um homem provedor e ser uma mãe dedicada aos filhos e ao lar. Essas representações funcionavam como espelho para a sociedade que consumia o jornal à época, pois refletia os valores desses leitores e reafirmava o ideal de vida que buscavam para si e para seus iguais.

## 2.2 A ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS

A análise das representações construídas na coluna *Da Mulher para a Mulher* e no restante do jornal apresenta, de maneira geral, um muro intransponível entre o ser homem e o ser mulher na década de 1950. Segundo as publicações do jornal, o sexo masculino era majoritariamente o destinatário do material do impresso. E este se fazia representado por uma conduta patriarcal, viril, provedora do lar e da sua família. Geralmente, o perfil deste homem era construído com base em assuntos considerados “próprios” do seu universo: política, economia, esportes, notas policiais. Dentre estas temáticas, eram apresentados contextos referentes à cidade, ao país e ao mundo. Sua visão política era influenciada por um discurso conservador, característica que identificava e identifica a cidade de Ponta Grossa. Desta maneira, seu lar deveria ser coerente com tais visões - uma extensão delas. O seu papel de homem era o de garantir que os costumes da sua família fossem também conservadores e conservados.

Nesse sentido, a coluna serviu como uma confirmação do que deveria ser aceito e cobrado por ele dentro do lar. Nela estavam presentes as atribuições necessárias à sua esposa: como se comportar, o que vestir, como se maquiar,

cuidar da saúde, como ser mãe e o que cozinhar. Neste lugar só seria permitido a expressão da delicadeza, da beleza, do corpo ideal, da boa mãe e esposa, que desempenhava o trabalho doméstico com prazer e sem reclamações.

A página onde era impressa a coluna “*Da Mulher para a Mulher*” era o espaço destinado ao público feminino, a partir do qual é possível desvendar outras ligações que colaboravam para a construção daquelas mulheres. Ali, além da coluna feminina, disputavam espaço as “Notas Sociais”, com as notícias da sociedade pontagrossense, o horóscopo do dia, dicas de cinema e propagandas de filmes, passatempos, “piadas do dia”, curiosidades, provérbios, testes, notas de nascimentos e óbitos e, também, textos e divulgações de eventos das principais Igrejas Católicas de Ponta Grossa. Muitas vezes estas informações estavam inseridas em uma pequena coluna chamada “Notas Religiosas”, em outras recebiam títulos de acordo com o assunto divulgado. Mas sempre presentes na página sete.

Foi a partir desta penúltima página do jornal que a pesquisa foi construída, e em constante diálogo com o restante do impresso na intenção de compreender como o Jornal da Manhã foi construção e construtor de um modelo feminino considerado ideal entre os anos 1954 e 1957.

Para identificar as temáticas publicadas dentro e fora da coluna, foi realizada uma análise quantitativa e qualitativa através da construção de tabelas (Apêndice 1). Com essa metodologia foi possível fazer a leitura das publicações ao mesmo tempo em que critérios temáticos foram se delineando. Assim, foram identificados temas fixos, nos quais as matérias foram naturalmente se encaixando de acordo com o teor dos textos.

A seguir, uma descrição sobre estas temáticas identificadas na coluna *Da Mulher para a Mulher*:

- Receitas: o tema que aparece em maior número de vezes se comparado com os demais. Todas as colunas apresentavam pelo menos uma receita e, em determinados dias, era composta apenas delas.
- Trabalho doméstico: apresentavam dicas de como desempenhar o trabalho doméstico, seja na limpeza, organização do lar ou economia doméstica. Também contava com dicas de como colocar a mesa, decidir o cardápio e como agir quando o marido chegava em casa após um dia exaustivo de trabalho no lar.
- Maternidade: nesse espaço eram oferecidos conselhos às mães, desde a amamentação até a criação dos filhos.



- Saúde: um dos papéis das mulheres era manter-se saudável para poder desempenhar as suas funções. Portanto, nestas publicações apareciam sugestões para cuidar preventivamente da saúde.
- Corpo Ideal: para este tema eram apresentados discursos com propostas de “equilíbrio estético”. O corpo ideal deveria corresponder a um padrão específico, nem abaixo, nem acima do peso imposto. Sendo este último o mais criticado.
- Beleza: depois das receitas, é um dos temas que mais aparecem. Dicas para emagrecer (“manter a linha”), receitas de tratamentos de beleza para diferentes partes do corpo. Títulos como “Combata o cansaço, minha amiga...”, ou “Se é feia, é porque quer” ditavam o tom da publicação. A busca pela beleza deveria ser encarada como algo intrínseco do ser mulher, uma atividade importante como qualquer outra desempenhada no ambiente doméstico.
- Maquiagem: na grande maioria dos textos a regra era usar uma maquiagem natural e suave para garantir e preservar a elegância da boa moça/esposa. Era também considerada uma atividade indispensável, inclusive a noite - quando o marido deveria encontrar a casa, os filhos e a esposa arrumados quando chegasse do seu dia cansativo de trabalho.
- Curiosidades: com poucas publicações, esse tema trazia algumas informações sobre assuntos novos ou conselhos úteis para o dia a dia.
- Moda: dicas e regras de vestimentas e acessórios ideais para diferentes ocasiões, levando em conta as novidades do período – geralmente influenciados pela moda internacional.
- Regras de comportamento: construía a imagem ideal das mulheres com base na maneira como elas deveriam agir em ambientes privados e, principalmente, em ambientes públicos. Seu papel era manter a discrição e a elegância para não constranger o seu marido ou pretendente perante a presença de outras pessoas.
- Regras de etiqueta: um pouco diferente das regras de comportamento, nessa temática eram disponibilizadas dicas de como agir em situações específicas, como na recepção de visitas em casa, ou como agir quando frequentar um restaurante.
- Dicas de leitura: tema de pouquíssimo destaque e com sugestões de leitura de revistas.
- Reflexão: outro tema de pouca recorrência, apresentava algum texto de autoajuda.

- Casamento: a temática era destinada às moças que buscavam alcançar este objetivo, considerado o maior das suas vidas. (Apêndice 1)

A partir dessas temáticas identificadas na coluna foram criadas quatro categorias de análise em que algumas temáticas relacionadas são agrupadas. A primeira reúne os temas relacionados à maternidade, a segunda categoria reúne colunas que trataram de beleza, a terceira trata das profissões das mulheres (especialmente as funções de mãe e esposa) e, a quarta categoria trata do casamento. Denominamos as categorias da seguinte forma: 1-Eva ou Maria? A Maternidade; 2- “Se é feia é porque quer”: as regras de beleza; 3- Profissão: esposa e mãe; 4- Casamento. Cada uma delas será analisada a seguir.

### 2.2.1 Eva ou Maria? A Maternidade

O Jornal da Manhã como um todo era conduzido por uma visão cristã-católica, que era visível na própria construção das suas páginas, quanto no seu discurso. Um dos colunistas fixos era Omar Leite Gondim, que costumava escrever às mulheres de maneira imperativa no que diz respeito a sua personalidade – sempre utilizando uma linguagem poética, seus textos mais pareciam crônicas. Em várias passagens é possível encontrar adjetivos direcionados às mulheres como amorosa, bondosa, generosa e sempre era citado o seu papel “natural” de mãe. Era evidente a importância que Gondim conferia à figura divina, atribuindo valor às famílias que seguiam as regras de uma vida cristã.

No dia cinco de setembro de 1954, o escritor publicou um texto intitulado “Mulher Messias”. Em um enredo descrito pelo autor, as mulheres são descritas como as culpadas pela introdução do pecado no mundo – através da personagem Eva. E somente outra mulher como ela poderia redimir este pecado. Portanto, as “filhas de Eva” deveriam carregar em si a “extrema potência do AMOR”:

Figura 1: Mulher Messias.

Ponta Grossa, domingo, 5 de setembro de 1954

# MULHER MESSIAS

OMAR LEITE GONDIM

A quietude sob o manto da verdade.

Sim, leitores, estávamos todos reunidos, faltavam uns 10 minutos para meia noite, quando o nosso poeta entrou — acompanhado de uma mulher.

Cumprimentou distintamente os presentes, sorriu e disse: — 'Hoje, meus nobres, tenho que dizer-lhes ALGO sôbre a mulher.

Portanto, peço a atenção de todos. E, resoluto, começou: — 'Foi a mulher, meus ilustres, foi a mulher que introduziu o pecado no mundo, e só uma segunda EVA poderá totalmente expiá-lo e pagá-lo.

Com EVA começou a tragédia dos homens, e sem a culpa de EVA, notem — não teria havido história, nem luta pela conquista da história...

E sem EVA, ó esplendor!

não teria aparecido a glória de MARIA!

A Virgem-Mãe, meus senhores, participou, com a sua paixão, na paixão do filho, mas não teve, nem podia ter, o papel principal.

A sua dor não foi senão um necessário complemento da primeira redenção.

Mas a história dos homens é história de pecado e de angústia; E Maria mais não pode que sofrer.

A Eva que todos esperamos, A Eva Messias, reconduzirá ao mundo a inocência perdida, a alegria invocada, a consolação e o remédio da tortura humana.

Cristo deu por AMOR todo o seu sangue, mas nem o seu sangue bastou.

Sômente na mulher, perdão,

perdão por falar assim sômente na mulher pode haver a extrema potência do AMOR que purifica, exalta, salva — para tôda a eternidade!

Nós, sim, nós — e não me digam que não — nós sabemos que o próprio Cristo foi, é — e será mais bem compreendido e verdadeiramente amado pelas mulheres do que pelos homens.

Esta predileção, meus prezados amigos, pelas filhas de EVA é uma promessa implícita, mas clara, da nova redentora que esperamos com fervor e convicção.

Nenhuma filosofia pode ser vitoriosa se não reconhecer uma MESTRA feminina.

E não basta esperá-la, meus nobres, é preciso preparar os seus caminhos, os caminhos da SENHORA CELESTIAL.

No coração da mulher está guardada a única esperança daqueles que se dizem mortos e dos que se declaram de VIVOS!"

E partiu.

Ficamos todos sem saber o que falar. Um silêncio profundo nos cercou. Eu, este teu amigo e irmão, fiquei em êxtase, pois esperava tudo, menos tamanha certeza e tamanho TINO. Após alguns minutos, olhei para todos os lados — e não vi mais ninguém. Os homens tinham desaparecidos. Para onde? Sabe Deus. Deus sabe.

Será possível que... Sim, é verdade. Estudem. EU MESMO VÍ.

VÍ E FELIZMENTE COMPREENDÍ.



PARA DEPUTADO FEDERAL

**Newton Carneiro**

**O progresso do Paraná  
está exigindo uma representação à altura de suas responsabilidades.**

JORNAL NA MANHÃ, 05 de setembro de 1954, p. 3.

De acordo com Silvana Mota Ribeiro, ao longo da história, o cristianismo forneceu uma série de imagens justificadoras que serviu de base para representações mentais e sociais referentes ao feminino. Assim, disponibilizando às

mulheres modelos que são recebidos passivamente como naturais ou divinos - e não construídos histórico e socialmente. Desta maneira, a Igreja fixou representações a respeito do que as mulheres são e do que deveriam ser. Estes modelos foram veiculados pelo cristianismo a partir da história de duas mulheres antagônicas: Eva e Maria. A primeira vista como reflexo do pecado, da desobediência e da ruptura com o divino. A segunda, ligada às virtudes, ao divino e a esperança de uma “Nova Era”. Nas palavras da autora, podemos entender:

[...]Eva como aquilo que a Igreja define que a mulher é e Maria como um modelo de virtudes daquilo que a mulher deveria ser. É essencial constatar que as características de Maria a tornam um modelo inatingível para qualquer ser humano do gênero feminino[...] Para além de aproximarem as mulheres das características negativas de Eva, as imagens fixadas pela Igreja Católica afastam-nas definitivamente de Maria, e de todas as suas qualidades. (RIBEIRO: 2000)

Portanto, dentro desse comparativo, as mulheres estão inseridas em um imaginário que constrói referências ao universo feminino baseado numa dicotomia entre a pecadora e a virgem. Sendo a referência de Maria considerado um modelo inalcançável para qualquer mortal, e o de Eva ao que atribui às mulheres um perfil de pecadora desde o seu nascimento. Das duas formas, essa relação tem ao longo da história disciplinado papéis e práticas sociais. Mesmo que inconscientemente, levando em conta o mundo ocidental, essa prática vem construindo a autopercepção das mulheres e contribuído para a perpetuação estrutural da ordem masculina e feminina. (RIBEIRO, 2000)

O texto de Omar Leite Gondim confirma a ideia da inatingibilidade das virtudes de Maria por parte das mulheres, definindo como “Mulher Messias” uma nova versão de Eva. Sendo o maior feito da pecadora ter contribuído para a glória de Maria. Ou seja, a mãe de Cristo não existiria sem a traição de Eva. Porém, é relegado à Virgem Maria um papel secundário, ao qual ela foi designada somente a sofrer. Portanto, para se redimir do pecado original, essa nova “mulher Messias” deveria assumir uma postura que reconstruísse a inocência perdida. Por mais que Cristo tenha oferecido a sua vida para salvar a humanidade, este não pode ser comparado ao poder de uma mulher ao oferecer amor e pureza. Mais do que simplesmente procurar se aproximar – em vão - da perfeição de Maria, a mulher

ideal deveria se retratar pela história vivida por Eva e construir um caminho que a purifique e a reconheça como “senhora celestial”.

Se historicamente as mulheres foram consideradas, em vários aspectos, inferiores aos homens, em relação à sua “natural” missão de amar elas receberam sua medalha de superioridade. Somente as mulheres seriam capazes de amar no sentido de “purificar”, “exaltar” e “salvar”, como afirma Gondim. Esta condição coloca os homens em uma espécie de inferioridade seletiva - a eles seria permitido cometer erros, fraquezas e irresponsabilidades, pois, não era natural à sua espécie a condição de “amar” de maneira incondicional. Desta forma, é conferida uma predestinação às mulheres que as aprisiona em uma missão que, no fundo, somente permite uma liberdade maior às ações dos homens, mesmo que implicitamente. (PINSKY, 2014)

É neste tom que, durante todo o período pesquisado, o jornal discursa a respeito do papel feminino: o de detentora de um amor incondicional – o amor de mãe, com o peso da culpa de Eva.

Por trás de cada construção a respeito do papel de mãe, existe a visão do que é ser pai. Portanto, em contrapartida, o Jornal da Manhã confere a estes homens um papel “moral”, o de “sustentáculo da sociedade”, aquele que tem a responsabilidade de manter e dirigir a família. Diferentemente da missão da mãe, ao pai cabe a função de reunir qualidades morais para garantir que a família seja reconhecida como tal na sociedade. Na edição do dia oito de agosto de 1954, o Jornal da Manhã publicou uma homenagem ao Dia dos Pais:

[...] o ‘Papai’ é que tem sob a sua responsabilidade o peso da manutenção e direção da família, que tanto melhor cumprirá a sua missão na sociedade, quanto maior poder moral tiver o seu chefe o Papai. [...] às funções morais do Papai, como centro integrador da família, soma-se a função econômica que o leva a desdobrar-se em atividades para desincumbir-se dos cargos que assumem perante os seus. (JORNAL DA MANHÃ, 08 de agosto de 1954, p.1)

A partir dessas afirmações é possível confirmar que há uma distinção não só pessoal e “natural”, mas também econômica. Cabe ao pai buscar o sustento fora de casa e se impor moralmente perante a família, enquanto à mãe se reserva o espaço privado e o já citado “poder de amar”.

No decorrer das publicações do jornal, tanto dentro, como fora da coluna, esse discurso de papéis separados para os pais é reafirmado. Quando os assuntos

dizem respeito à criação direta dos filhos, é à mãe a quem os textos se referem. Questões comportamentais e de alimentação dos filhos fazem parte da rotina de trabalho no ambiente doméstico – considerado o “habitat feminino”. No dia 22 de agosto de 1954, uma matéria intitulada “Meu filho não tem apetite” (JORNAL DA MANHÃ, 22 de agosto de 1954, p.7) foi publicada na página sete – a página dedicada ao público feminino. O texto é todo direcionado para as mães, especialmente às inexperientes, que sofrem pelos maus hábitos alimentares dos filhos, que acabam por tornar a criança “franzina”, “mofina” e “tristonha”. Ao meio de várias dicas e conselhos, é direcionado à mãe mais uma missão: a de criar crianças “fortes, coradas e vivazes”.

Ainda na página sete, mas na coluna “*Da Mulher para a Mulher*”, o discurso se mantém. Questões sobre o aleitamento, conselhos para a criação dos filhos no que diz respeito à educação e à alimentação se repetem – todos responsabilidade das mães.

Em dezessete de setembro de 1954, a coluna “*Da Mulher para a Mulher*” escreveu sobre o aleitamento materno (JORNAL DA MANHÃ, 17 de agosto de 1957, p.7), considerado o “natural” aquele feito pelo peito materno ou por uma ama de leite, e o “artificial” o servido em mamadeiras. Mas o importante seria ouvir as orientações do médico pediatra. Em “Conselhos para as mães” (JORNAL DA MANHÃ, 05 de outubro de 1954, p.7) é apresentado uma série de ações que devem ser tomadas em relação à higiene dos filhos, como lavar as mãos, espantar as moscas que podem propagar doenças, a importância dos banhos noturnos e dicas sobre a dentição dos bebês.

Ainda em 1954, a coluna ocupou o espaço todo para sugerir “Vinte idéias para divertir o bebê” (JORNAL DA MANHÃ, 05 de dezembro de 1954, p.7). Entre conversas com a criança e diferentes sugestões de brincadeiras apresentadas em dezenove itens, o vigésimo apontou – talvez como último recurso: “Entregue-o ao pai dele – Ele se sentará nos joelhos, se pendurará no pescoço e fará mil outras coisas divertidas. É uma idéia para terminar o seu dia tranquilamente”. As responsabilidades com a criação dos filhos, portanto, era uma atividade essencialmente materna.

No ano seguinte, a coluna tratou da obrigação de todas as mães em criarem filhos com bons hábitos de higiene. Ao longo do texto aparecem descrições do que

são atividades típicas das meninas e dos meninos, e como proceder em cada um dos casos:

Figura 2: Nunca é Cedo Demais!



**Da Mulher Para a Mulher**

**NUNCA É CEDO  
DEMAIS !**

Os hábitos, bons ou maus, são geralmente adquiridos em criança. Por isso, tôdas as mães devem ter como obrigação fazer que seus filhos, meninas ou meninos, cresçam com bons hábitos de higiene, hábitos que mais tarde serão transformados em uma segunda natureza.

E existem períodos em que as crianças são rebeldes, e desanimadora é a obrigação de ensinar-lhes qualquer coisa. Mas não perca a coragem nesses períodos difíceis: continue a tentar !

A menina costuma ser vaidosa, desde muito cedo, gostando de vestidos bonitos e de arranjar-se bem. Trate, então, de aproveitar esta tendência para ensinar a sua filhinha a conservar sempre limpos seus pertences, bem como seu próprio corpo.

Se sua filha não gosta de lavar a cabeça, experimente um xampu só para ela. Verá que com êste interêsse, a lavagem da cabeça se tornará, para ela, um prazer. Ela sairá do banho sem reclamar, se já tiver pronta, a seu lado, sua lata de talco para aplicar na pele, depois de sêca. E assim você estará implantando, na sua menina, o hábito de estar sempre limpa.

Seu garôto também merece atenções, especialmente durante o período de férias, quando costuma chegar em casa necessitando de uma escovadela em regra. Veja que êle tenha seus próprios objetos de limpeza, como, por exemplo, sua escôva de unhas e a tezourinha para apará-las.

Os pés das crianças devem ser examinados, principalmente quando elas andam descalças. Tenha sempre em casa completo material para socorro urgente, a fim de poder cuidar imediatamente dos infidáveis arranhões e esfoladuras dos garotos quando brincam. E, ao vê-la ter êsse cuidado, seus filhos adquirirão também o hábito de examinar e cuidar dos próprios pés, sem esperar que você o faça.

Papeis distintos para meninas e meninos são definidos desde a infância. À menina cabia ser vaidosa, gostar de vestidos bonitos e estar sempre arrumada e, portanto, limpa – praticamente uma mulher adulta em miniatura. Preocupada com a sua aparência desde muito cedo, as brincadeiras das meninas não permitiam aventuras como as dos meninos – cuja regra era apenas a de ser criança, colecionando infundáveis arranhões e esfoladuras após as brincadeiras. Assim, podemos entender que “nunca é cedo demais” para definir o lugar de cada indivíduo.

A experiência da criação dos filhos para a classe média e alta nesse período, portanto, foi marcada por distinções bem definidas de gênero dentro de uma família “tradicional”, de caráter patriarcal. São estabelecidos padrões a respeito do espaço reservado à mãe e ao pai, de tal maneira que o papel feminino da criação dos filhos e o de mantenedor do lar pelo pai se tornam questões naturalizadas, sem questionamentos.

### 2.2.2 “Se é feia é porque quer”: as regras de beleza

Durante a década de 1950, era comum que os conselhos de beleza publicados em revistas e jornais estabelecessem como regra geral “manter a linha”. O objetivo maior era a construção de mulheres que, através da sua postura e dos seus dotes, se destacassem no “jogo matrimonial”. Mais do que uma preocupação com um ideal de beleza, o essencial era estabelecer um marcador social que definisse um ideal feminino – mulheres prendadas, discretas, amáveis e obedientes. Essa era a receita das mulheres “distintas” – a que acabava influenciando também a sua aparência. (SANT’ANA, 2018). Tal distinção aparecia no discurso da coluna feminina do Jornal da Manhã de diversas maneiras, das mais sutis às mais duras.

No dia três de agosto de 1956, era publicado um texto intitulado “*Nem muito... nem muito pouco!*”, que apresentava dicas de beleza para as pernas femininas, beleza esta considerada de extrema importância para a chegada do verão:



Figura 3: Nem muito... Nem muito pouco!

<p><b>NEM MUITO... NEM MUITO POUCO!</b></p> <p>Os primeiros dias de sol quente fazem pensar no verão e no alegre período das férias, em que "shorts" e "mail-lots" de banho permitirão a todos aproveitar plenamente os benefícios do sol. E então a beleza das suas pernas será de extrema importância na harmonia da sua silhueta.</p> <p><b>VOCÊ TEM A PERNA E A COXA FINAS?</b></p> <p>A falta de desenvolvimento muscular dos membros deve-se a uma existência demasiado sedentária, à falta de exercício, à carência de toda prática desportiva. O único meio de "engrossá-las" consistirá em desenvolver os músculos pela cultura física. Insista particularmente nos movimentos de flexão, que lhes darão excelentes resultados.</p> <p>Pratique o ciclismo e, se isto não lhe fôr possível, execute o movimento dito "de bicicleta", deitada de costas, 40 vezes por dia. Este exercício trará benefício para as suas pernas e para os seus músculos abdominais.</p> <p>Ande o mais que puder; vá a pé para o trabalho e substitua as sessões de cinema por longos passeios ao ar livre. E se apreciar a dança, frequente bailes; a dança é uma cultura física natural, que tem a vantagem de não ser enfadonha. Pernas bem musculadas nunca são finas.</p>	<p><b>VOCÊ TEM A PERNA PESADA E A COXA MUITO GROSSA?</b></p> <p><b>1.a causa — Insuficiência muscular</b> — Você é preguiçosa, negligente, com tendência a engordar. A cultura física pode fazer emagrecer, assim como pode fazer engordar. Para as suas pernas, alternar os movimentos de <b>elongação</b> (nas quais você insistirá mui particularmente) com os movimentos de <b>flexão</b>. Mas, no seu caso, os exercícios deverão ser executados sempre enérgicamente e com contração dos músculos.</p> <p><b>2.a causa — Você tem celulite</b> — E' nas panturrilhas, nos joelhos, nas coxas e nas ancas que ela se instala as mais das vezes. A celulite pode ser combatida pela cultura física, mas impõe-se o competente tratamento médico para sua completa eliminação. Consulte um bom especialista e siga rigorosamente as prescrições que o mesmo lhe fizer.</p> <p>São vários os processos atualmente utilizados no tratamento de celulite: aplicação de parafina, banhos de musgo ou de luz, seguidos de massagem em profundidade, que opera o esmagamento progressivo das nodosidades celulíticas. Essa massagem é muita vez desagradável, mas nunca deve ser brutal, pois poderia provocar uma reação que determinaria o agravamento da anomalia. Recorra aos préstimos de massagistas especializados neste tratamento.</p> <p>São igualmente recomendáveis certos tratamentos elétricos, que ativam a circulação e auxiliam a eliminação dos dejetos orgânicos e das massas gordurosas.</p> <p><b>AS VARIZES</b></p> <p><b>Como evitá-las</b> — Vigie o seu fígado. Restabeleça a sua</p>	<p>circulação, decongestionando as pernas; para isso, durma com os pés em plano mais alto que a cabeça (basta enfiar um travesseiro debaixo do colchão). Poderá também estirar-se no leito, várias vezes ao dia, apoiando os pés na parede, pernas verticalmente elevadas. Ou à americana, sentando-se numa boa poltrona e descansando os pés em cima da mesa; mas faça-o quando estiver sôzinha, porque esta postura higiênica e confortável é considerada, entre nós, como indício de má educação.</p> <p><b>Como fazê-las desaparecer</b> — Você pode escolher entre dois processos: injeções que dissecam a esclerosam as veias varicosas, ou a intervenção cirúrgica, que consiste em extirpar a parte varicosa da veia. Ambos êsses tratamentos pertencem estritamente ao domínio médico e não podem ser praticados senão por médicos especialistas.</p>
--	---	--

JORNAL DA MANHÃ, 03 de agosto de 1954, p.7.

As dicas foram direcionadas em tópicos que classificavam as mulheres entre as que têm pernas e coxas finas, as que têm as pernas pesadas e coxas grossas e as que possuem varizes. As primeiras deveriam apostar em atividades que exercitassem seus músculos, como flexão, ciclismo, caminhadas e danças. As

segundas foram divididas em dois grupos: as que possuem insuficiência muscular por serem “preguiçosas, negligentes, com tendência a engordar” e as que possuem celulite – que deveriam buscar várias alternativas para melhorar a sua aparência, como exercícios, massagens e até tratamentos “elétricos”. Por último, as com varizes deveriam cuidar da saúde do fígado e manter as pernas para o ar sempre que possível - mas quando estivessem sozinhas, pois essa postura corporal era considerada “indício de má educação”. (JORNAL DA MANHÃ, 1956, p.7)

De maneira geral, o ideal de beleza era incentivado desde cedo, sendo a adolescência considerada o período ideal para a educação social das mulheres. Tal construção baseada em um padrão socioeconômico restrito à parcela mais abastada da sociedade, evidente em orientações de beleza que indicavam banhos de banheira com sais e o uso de colônias perfumadas. Segundo a própria coluna, “*essas pequenas coisas fazem parte da vida de toda mocinha e são preciosas para a sua educação social. O uso desses produtos dá-lhe a sensação de já ser crescida [...]*” (JORNAL DA MANHÃ, 1954, p.7).

Figura 4: Treino de beleza para as adolescentes.



É possível compreender que estes conselhos de beleza carregavam a necessidade de um casamento bem-sucedido no futuro. Os cuidados com a higiene e a aparência deveriam ser constantes, praticamente formariam a base de sustentação da estrutura frágil do amor matrimonial. Portanto, longe de ser uma realização pessoal com o próprio corpo, tais cuidados eram sempre dirigidos às expectativas do marido.

O discurso da coluna “*Da Mulher Para A Mulher*” apontava que a falta de beleza era uma questão de escolha, pois as mulheres possuíam uma enorme gama de recursos para cuidarem da sua beleza. Após a Segunda Guerra Mundial, os produtos de higiene pessoal passaram a ser produzidos em ampla escala. Quase uma década depois, o consumo destes produtos não marcava apenas a “distinção” entre as classes sociais, mas também impulsionava o consumidor a participar do *american way of life* (DEL PRIORE, 2017). Foi na década de 1950 que muitas propagandas prometiam juventude e beleza em produtos como Cashmere Bouquet e os sabonetes perfumados Lifeboy, Lever, Palmolive e Gessy. As marcas buscavam através de perfumes e essências florais acentuar o imaginário da “mulher-flor”: as meninas eram brotos que desabrochavam em bailes de debutantes e deveriam ser colhidas na hora certa por bons partidos. Após casadas, se transformavam em rosas, rainhas do seu próprio jardim, o lar. (SANT’ANNA, 2018)

De acordo com Janaína Jaskiu, “para enquadra-se nessa representação [...] era necessário comprar, consumir e comportar-se conforme o discurso publicitário” (JASKIU, 2018, p. 19). E a representação publicitária dava o tom discursivo das colunas e revistas destinadas ao público feminino, a ponto de publicar que “*se é feia, é porque quer*”:

Figura 5: Se é feia, é porque quer.

<p><b>SE É FEIA, É PORQUE QUER</b></p> <p>Antigamente falava-se em mulher bonita porque as mulheres não tinham tantos meios para se tornarem belas ou atraentes como agora. Ao atingirem os trinta anos, consideravam-se velhas e em realidade o eram. Se você não acredita, folheie os velhos albuns de família.</p> <p>Embelezamento, naquele tempo, era considerado como uma coisa atentatória à moral, como um recurso indigno de uma mulher honesta, uma coisa vergonhosa que não era permitida às moças de família.</p> <p>Hoje, felizmente, reprova-se o contrário, isto é, a falta de vaidade, de cuidados, no embelezamento físico. O culto à</p>	<p>beleza tem tornado a mulher não só mais bela de aparência, mas também mais humana, bem mais feliz.</p> <p>A pele pode rejuvenescer pelo simples fato de dar maior atenção às regras de saúde, tomando ar fresco diariamente, fazendo exercícios, comendo apropriadamente, usando cremes protetores e nutritivos.</p> <p>Mesmo os cabelos mais sem vida podem tornar-se lindos, macios, flexíveis.</p> <p>A mulher, enfim, pode fazer do seu físico o que deseja. Pode e deve. Não se tolera mais uma mulher desleixada, gorda como uma bola, nem de carnes moles como um pudim. Qualquer mulher pode fazer dieta, exercícios, parecer bela, elegante, distinta. Isto leva tempo, reconhecemos, exige paciência, é certo, mas pode e deve ser feito.</p>
--	--

JORNAL DA MANHÃ, 19 de setembro de 1954, p.7.

O cuidar da saúde, usar produtos de beleza e roupas adequadas não garantem apenas a beleza, mas também tornam as mulheres “distintas”, superiores. O padrão ideal de mulher estava estritamente ligado ao poder de consumo. E se os produtos não surtiram efeito, havia as dicas do Dr. Pires - médico que prometia rejuvenescimento facial através da cirurgia plástica. Porém, esse ainda era um recurso para poucas, restando à maioria das mulheres as dicas oferecidas pelo cirurgião na Rádio Clube do Brasil, e replicadas também no Jornal da Manhã na mesma página sete. Alguns títulos tratavam da diminuição da papada, das “veiazinhas da perna” (JORNAL DA MANHÃ, 12 de janeiro de 1956, p.7), a remoção de tatuagens (JORNAL DA MANHÃ, 27 de janeiro de 1956, p.7), e até o branqueamento da pele com a remoção de manchas (JORNAL DA MANHÃ, 15 de janeiro de 1957, p. 7). Ter a pele manchada ou “encardida” era considerado um problema. A beleza enfatizada era branca, outras nuances de pele não pareciam ter qualidade estética.

Havia, portanto, uma lista: cuidar da saúde, da alimentação, praticar exercícios, utilizar produtos de beleza ou recorrer a cirurgias plásticas. Mesmo que todas essas medidas fossem seguidas, as mulheres que ainda não atingissem o encanto desejado em sua aparência deveriam recorrer à construção do seu espírito e da sua ternura. Segundo a coluna, estas mulheres ditas “feias”, muitas vezes são preferidas pelos homens. Pois se esforçam todos os dias para serem amadas:

Figura 6: Também são amadas

## 2) TAMBÉM SÃO AMADAS

As mulheres que em sua maioria não foram favorecidas

pela natureza, que não conseguiram nascer com um nariz perfeito e a pele parecida com pétala de rosa, ficam desoladas. Julgam-se inferiores às demais que são bonitas e, quantas vezes, se detêm diante do espelho pensando: “Nunca serei amada”.

Essa falsa impressão não atinge todas as mulheres em idênticas circunstâncias. Há o caso das que se firmam no talento de Tolstói e sabem que “quem o feio ama, bonito lhe parece”. Ou se confortam na filosofia de Molière, “Toda mulher acha um homem a quem agrada”.

Ainda outras, mais objetivas, se encontram com Schopenhauer e concordam com êle: “Toda Joana encontra o seu João”.

O que será interessante observar para tirar uma clara conclusão é que as moças que se julgam feias são, muitas vezes, amadas e preferidas por muitos rapazes. Elas se apuram na arte de vestir com elegância e tornar-se centro de atração, porque sàbiamente usam o espírito, a graça e a vivacidade. São, em geral, essas moças, dóceis criaturas que, pela ternura e pela dedicação, fazem sempre tentativa de agradar. As feinhas estão convencidas de que para atrair é preciso valer-se de todos os sortilégios do refinamento e da sedução. Como ninguém, elas conseguem ser compreensivas e boas companheiras, tirando partido da inteligência para conversar com sutileza e compreender os que estão à sua volta.

Muitas mulheres feias sabem ser, realmente, fascinantes. Elas conseguem atenuar os prováveis defeitos com truques de maquilagem e usam a voz como verdadeira arma de atração. E essas qualidades não cansam o homem porque cada dia podem ser renovadas. As mulheres bonitas agradam à primeira vista, mas a beleza só terá raízes para prender se souber esquecer-se e apurar-se com qualidades mais profundas. Pois, em geral, as belas são desdenhosas, convencidas e têm a presunção de que todas as homenagens lhes são devidas. E isso desaponta qualquer rapaz, mesmo o mais medíocre.

Em relação às maquiagens, enquanto as regras pregavam sutileza e vestes decentes,

“[...] o cinema divulgava dezenas de exemplos sugestivos de uma beleza fatal e ardente, nem sempre considerada honesta ou moralmente decente. O glamour das estrelas hollywoodianas era um convite sedutor para deslizar rumo a paragens proibidas pelos pais daquelas jovens ansiosas para viver um grande amor. A imprensa feminina traduziu o glamour da mulher fatal em moldes mais superficiais e ligeiros. Durante anos, ela alimentou a polêmica sobre o que deveria ser o glamour e, a partir da década de 1950, contrastou-o com o que seria o *sex appeal* de uma *pin-up*”. (SANT’ANNA, 2018, p. 111)

O Jornal da Manhã não fugia à regra. Era comum cartazes de filmes com atrizes em situações bastante diferentes das defendidas na coluna “*Da Mulher Para a Mulher*”, ambas impressas na mesma página. A exemplo:

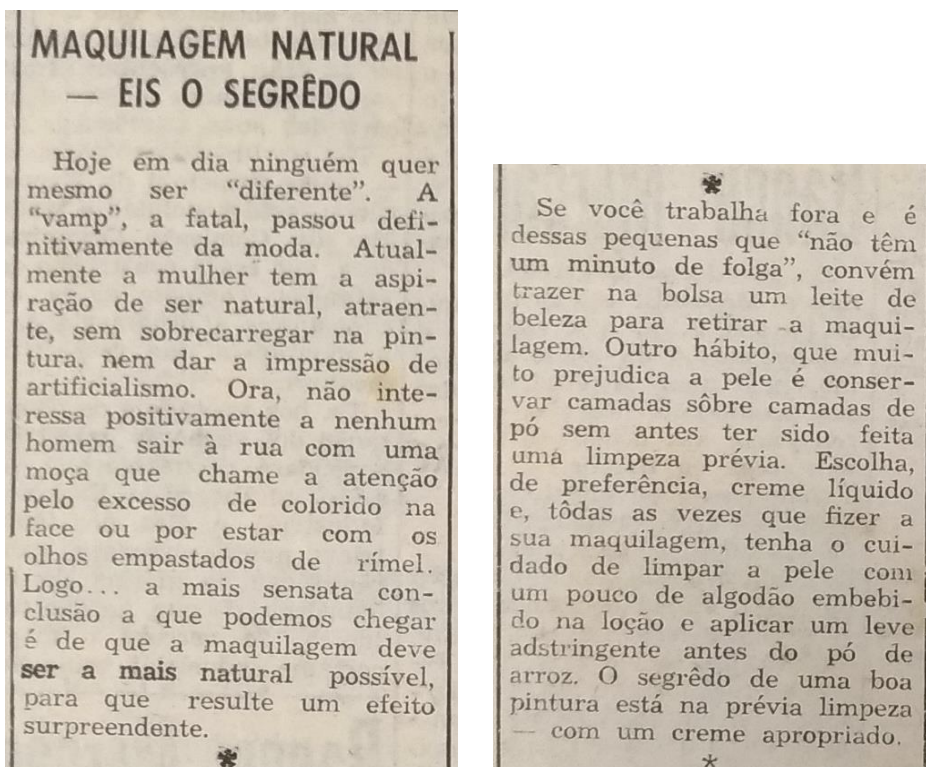
Figura 7: As Garotas da Ilha dos Prazeres.



JORNAL DA MANHÃ, 05 de abril de 1956, p.7.

As vestes de banho, a associação ao prazer e ao namoro, representam um grande contraste com as mulheres modestas e recatadas que eram idealizadas nos textos da coluna. As atrizes eram direcionadas ao espaço público, suas exposições possibilitavam a imaginação e o desejo. Às anônimas cabia o espaço privado, a discrição e a dedicação irrestrita ao marido, aos filhos e ao lar. A imagem de uma não era associada à outra. As muitas dicas de maquiagem apontam para uma aparência sutil, neutra, suave – assim seria possível atrair homens de maneira “positiva”:

Figura 8: Maquiagem natural – eis o segredo.



JORNAL DA MANHÃ, 05 de setembro de 1954, p.7.

Na medida em que as cidades brasileiras cresciam, as mulheres integravam o mercado de trabalho. As dicas de beleza passaram, então, a se adaptar a esse novo estilo de vida. A intenção era aconselhar as mulheres a como se comportar no ambiente público através de dicas de maquiagem, vestimentas, de como andar etc. Ou seja, havia uma grande necessidade de educar o corpo para a vida social. (SANT’ANNA, 2018)

Figura 9: Se você trabalha.

### SE VOCÊ TRABALHA

Tôda mulher deve esforçar-se por apresentar sempre seu melhor aspecto, quer esteja com um aspirador de pó na mão, quer sentada a uma mesa de trabalho.

Mas a mulher que trabalha fora, principalmente esta, precisa empregar pequenos truques, para conservar-se elegante e fresca durante todo o tempo em que permanece no local onde trabalha.

O primeiro passo para isso é não fiar-se unicamente no conteúdo de sua bolsa, para os retoques de maquilagem que deverá fazer uma ou duas vezes durante as horas de trabalho. Tenha no escritório ou

na loja um estojo contendo sabonete, um creme de limpeza, se preferir, e um pouco de base. Poderá acrescentar a êsse estojo uma lixa de unhas, algodão, um vidro do esmalte que usa habitualmente, para algum reparo de emergência em suas unhas, e um vidro de água de colônia.

Quando estiver muito cansada, em lugar de mostrar um rosto abatido, com uma expressão nada atraente, vá um instante ao "toilette", retire rapidamente a pintura, pinte-se novamente, aplique no pescoço e nos braços um pouquinho de água de colônia. Êstes minutos dedicados à renovação do seu aspecto, não podem ser considerados roubados ao seu trabalho, porque ao voltar para êle você estará mais bem disposta, mais calma, muito mais ativa.

Estivemos falando da mulher que trabalha, porque em casa, por mais atarefada que seja, a mulher sempre dá um jeitinho de retocar a pintura e perfumar-se um pouco, a menos que acredite ser desnecessário conservar os pequenos truques que empregava quando queria fazer-se sedutora, para arranjar um marido... Mas, ao que parece, as mulheres que pensam desta forma já pertencem ao passado...

JORNAL DA MANHÃ, 20 de outubro de 1954, p.7.

O trabalho feminino na década de 1950 já era razoavelmente naturalizado. No que corresponde ao discurso da coluna, sempre era apresentado dicas de comportamento no ambiente profissional. Porém, no restante do jornal, o ato de permanecer trabalhando após o casamento era condenável. Mas esse é um assunto para outro tópico.



### 2.2.3 Profissão: esposa e mãe

Segundo Maria Izilda Matos e Andrea Borelli (2018), o termo “trabalho feminino” por si só apresenta uma dualidade entre funções domésticas e funções remuneradas no mundo do trabalho. O trabalho remunerado das mulheres chegou a ser questionado por apresentar um impedimento das chamadas “funções naturais” das mulheres, as de ser mãe e esposa. Quando olhamos para o passado, é possível perceber que as mulheres sempre trabalharam, em diferentes situações e períodos. Ora exercendo atividades consideradas “vocacionais” (como fiar, tecer, costurar), ora enfrentando preconceitos ao assumirem postos vistos como masculinos. Porém, apesar dessa participação constante no mundo do trabalho, as mulheres só adquiriram o direito de trabalhar livres da autorização do marido em 1943. E somente com a Lei n 4121, de 27 de agosto de 1962, que dispunha sobre a situação jurídica da mulher casada (BRASIL, 1962), que ficou conhecido como Estatuto da Mulher Casada, é que foi retirado do Código Civil o direito do marido impedir a sua esposa de trabalhar fora do lar.

Entre 1920 e 1940 houve uma diminuição da participação feminina no ambiente fabril devido a um processo de transformação no processo de industrialização, o qual privilegiava a participação masculina nas linhas de montagem. Por outro lado, houve um maior desenvolvimento no setor de serviços, proporcionando às mulheres o acesso a funções como telefonistas, escriturárias, secretárias e datilógrafas. Empregos direcionados especialmente para as mulheres solteiras, consideradas mais disponíveis, ágeis, dóceis e submissas (MATOS; BORELLI, 2018).

Ao analisar a coluna “Da Mulher Para a Mulher” foi possível confirmar em seus discursos que as atividades direcionadas às mulheres apontavam para duas realidades: o trabalho doméstico e o formal/profissional. Por vezes as duas funções eram tratadas como complementares, em outros momentos como rivais. Porém, em qualquer um dos contextos, o trabalho exercido pelas mulheres dentro do lar sempre foi tratado exclusivamente como um prazer natural, sinônimo de felicidade, ou até mesmo uma obsessão, como fica evidente na coluna do dia 01 de agosto de 1954:

Figura10: Felicidade no lar (1).



JORNAL DA MANHÃ, 01 de agosto de 1954, p.7.

A organização indicada à dona na coluna sugere que a leitora que buscavam atingir pertencia à uma classe privilegiada, com condições de enviar roupas para serem limpas em uma lavanderia, com acesso a teatro, hotéis, etc. Uma vida com benefícios não alcançáveis tão facilmente por grande parte da população brasileira na década de 1950. De qualquer maneira, apesar de indicar um trabalho terceirizado, era responsabilidade da dona casa organizar essa rotina doméstica.

Ao longo dos três anos de existência da coluna feminina no Jornal da Manhã, o assunto que correspondeu à maioria das publicações se referiram às receitas culinárias. Por muitas vezes a coluna apresentou somente esta temática dentro do periódico, apenas com lista de ingredientes e modo de preparo. Em poucos momentos houve uma mensagem adicional, como a publicação do dia 4 de agosto de 1954:

Figura 11: Breakfast... para o seu marido.

#### 4) BREAKFAST... PARA O SEU MARIDO

“Breakfast” — a primeira refeição do dia, deve ser substancial e alimentícia. Ela é muito importante para que seu marido fique bem disposto durante o trabalho. E dessa maneira o organismo se sentirá mais fortalecido nas primeiras horas. O “breakfast” contribui para que as atividades possam resultar mais eficientes e o trabalho ser melhor aproveitado. Nunca pense que o simples café com leite e pão com manteiga sejam suficientes. É bem melhor variar o “menu”, todos os dias, proporcionando

uma refeição mais rica em calorias e proteínas. Estou certa de que “ele” apreciará muito:

- Torradas coroadas por ovos estrelados.
- Ovos estrelados servidos com fatias de presunto cru.
- Ovos estrelados com queijo ralado e toucinho.
- Torradas francesas com melado quente ou mel também quente.
- Cereais de cozimento rápido. Cozinhe os cereais com leite em vez de água para aumentar-lhes o valor nutritivo.
- Tâmaras, passas, abricots cozidos e ameixas aos cereais antes de servi-los.
- Sirva uma combinação de frutas cozidas ou enlatadas tais como pêssegos, peras, ameixas, abricots, ou bananas cortadas em fatias.
- Cereais com açúcar pardo, mel de abelhas ou melado.
- Sirva uma combinação de dois cereais diferentes no mesmo prato.
- Leve os cereais ao forno alguns minutos antes de servi-los.
- A manteiga e o açúcar pardo com um pouco de canela podem, de vez em quando, substituir o leite e o açúcar comuns na feitura dos pratos de cereais.
- E sucos de frutas, sucos à vontade, pois são as eternas fontes de vitaminas.

A proposta do café da manhã, ao melhor estilo do American way of life da década de 1950 (CUNHA, 2017), uma clara influência da cultura norteamericana ao chamar de “breakfast” e incluir vários alimentos não comuns na dieta brasileira. Além disso, aponta para a obrigatoriedade da sua realização pela mulher. O texto em si não permite concluir se esta mesma mulher também exercia trabalho formal fora do ambiente doméstico. Mas deixa claro a sua responsabilidade sobre a disposição e a produtividade masculina através da sua nutrição alimentar. Se trata do desdobramento do papel maternal, que após o casamento é transferido para a esposa. No dia 11 de janeiro de 1956, a coluna tratou deste tema mais uma vez, dedicando todo o seu espaço à importância do preparo do café pela dona de casa:

Figura 12: A vida começa diariamente, à mesa do café.



**Da Mulher Para a Mulher**

**A VIDA COMEÇA DIARIAMENTE, À MESA DO CAFÉ**

Algumas simplificações e um serviço individual darão tempo para se converter um pouco no momento em que os de casa se encontram pela primeira vez, cada dia.

Tenha sempre para o café da manhã, caldo de laranja, ovos cozidos, para que os seus entes queridos, que saem pela manhã para o estudo ou o trabalho conservem-se fortes e resistentes às doenças. O tempo voa durante a primeira refeição do dia. As crianças têm de estar no colégio à hora certa e os homens geralmente têm de obedecer ao horário de trabalho. Os mais dorminhocos da família são sempre tentados a tomar um café muito rápido, ou mesmo suprimi-lo, alegando que não têm fome, somente para aproveitar a cama alguns minutos mais. O café, tendo de ser tomado muito rapidamente, deve ser leve, para evitar o hábito de comer sem mastigar, mas deve ser substancial para nutrir até a hora da próxima refeição, que se segue, geralmente, 4 horas depois.

É grande erro tomar refeições apressadamente. Todos que assim o fazem terão de pagar cedo ou tarde esse hábito. Apesar de todo o mundo concordar com essa advertência, não se evita tomar o café da manhã com os olhos no relógio. Somente no domingo são possíveis as delícias de um café demorado e com pequenos comentários sobre as novidades da semana. Todas as distrações de domingo devem respeitar o café, dando bastante tempo para contrabalançar a pressa dos dias de trabalho.

Essa pressa diária cansa muito a dona da casa, que tem de atender a diversos pedidos e reclamações ao mesmo tempo. A filha quer um botão no casaco, a merenda do filho tem de ser preparada. O marido não acha a camisa que deseja. E o tempo voa. Se você na noite anterior verificar todas essas coisas poderá ter mais tempo disponível para preparar o café sem ter de se enervar. Nessa conversinha damos algumas sugestões que a auxiliarão a preparar o café de maneira mais simples. O tempo que você leva esperando a família para dar o café, e o tempo que a família leva esperando ser servida é sempre um tempo perdido e cheio de reclamações. Deixe que cada um se sirva. Isso fará com que eles tenham mais tempo para saborear seu café e até para temperá-lo com algumas frases.

A manteiga e a geléia devem ser servidas na mesma vasilha em que foram guardadas na geladeira. Os pratos devem ficar em pilha, tendo a um lado os talheres para que cada membro da família se sirva à vontade. Na mesma cabeceira ficarão as xícaras e o açucareiro. Por último, vem o café e apesar da família ter muita pressa, não tolera o café frio. Trate, pois, de adquirir uma máquina que dará uma boa quantidade de café quente, mesmo para os retardatários.

Não se esqueça que o almoço dos elementos da família que comem na rua vai ser pouco nutritivo e que, portanto, é preciso dar pela manhã uma alimentação sadia que torne mais suportáveis as cansaças do dia.

Há uma enorme variedade de frutas, e não sendo própria a estação para tê-las frescas, poderá tê-las em conserva, pois agora as conservas de frutas em geral são feitas com pouco açúcar e, assim, são próprias para a primeira refeição. Poderá também servir suco de frutas ou de tomate. Em caso de servir suco, este não deve ser tirado senão à hora de ser tomado. Tirando-o de véspera, perderá o sabor e, o que é mais importante, grande quantidade de vitamina C. É muito nutritivo servir fatias de banana com creme de leite, e açúcar, ou banana amassada com aveia. É uma combinação que reúne todas as vitaminas e ao mesmo tempo é muito gostosa.

Segundo a publicação, as mulheres preciavam cuidar de toda a logística do café da manhã para preparar os filhos para a escola e o marido para o trabalho, pensando nas suas necessidades específicas. Se necessário, ela deveria começar a preparar a refeição na noite anterior, para não correr o risco de se “enervar”. Ou, pior, permitir que os filhos ou o marido saíssem mal alimentados ou mal vestidos. Inclusive, a aparência da família muitas vezes funcionava como vitrine para expor o empenho e o conseqüente valor da dona de casa.

Essa associação natural das mulheres como mãe e como responsável pela administração do lar, apesar de pequenas mudanças, ainda hoje é incentivada através da diferença existente entre brinquedos “de menina” e brinquedos “de menino”. Sendo os brinquedos de meninos voltados às possibilidades de profissões formais ou a jogos de aventura, e os de menina voltados ao trabalho doméstico, como réplicas de itens de cozinha e eletrodomésticos que geralmente são fabricadas na cor rosa. Isso é possível de ser confirmado em qualquer busca rápida no Google Imagens com as palavras chave “brinquedo de menina” e “brinquedo de menino”. Além do histórico já conhecido na produção de bonecas com características de recém-nascidos, com necessidades de cuidados que treinarão a menina para a maternidade. A própria diferenciação entre as cores azul e rosa voltou recentemente a ser reforçada através do evento popular chamado “chá-revelação”. Marcado pela celebração da família ao descobrir o sexo do bebê, o momento esperado conta com diferentes formas de se revelar a cor azul que representa o nascimento de um menino, ou a cor rosa para uma menina. Portanto, antes mesmo de nascer, o indivíduo já tem o seu destino atrelado a elementos socialmente pré-estabelecidos de gênero.

Em publicações onde a coluna “*Da Mulher Para a Mulher*” admitia a participação feminina no mercado de trabalho, uma lista de regras de comportamento era sugerida. A discrição e submissão já recomendadas para o ambiente doméstico, eram reforçadas no ambiente público do trabalho. A maneira de se vestir, a maneira de se comportar e de comunicar deveriam ser as mais discretas possíveis para não chamar a atenção para si ou, ainda, incomodar o patrão. Era aconselhado manter um equilíbrio para não demonstrar ser uma mulher independente, nem uma que precisasse trabalhar:

Figura 13: Como conseguir e conservar o emprêgo?

2) COMO CONSEGUIR E CONSERVAR O EMPRÊGO?

\* Vista-se com simplicidade e discreta elegância. Prepare-se sempre com tanto cuidado como se fôsse ser apresentada a uma figura importante.

\* Evite dizer: "Não sei fazer isso". Tente antes, dando o

melhor de si. O que impede às vezes um bom trabalho é a hesitação.

\* Ouça as ordens com o máximo de atenção para não ter que pedir novos esclarecimentos e, ainda, errando em seguida.

\* Quando não entender alguma coisa, não jogue um "nada compreendi". Mas também não implore humildemente e elucidação. Se você fôr hábil, fará as perguntas de tal jeito que obrigará o chefe imperceptivelmente a repetir.

\* Não fume na sala de trabalho antes de saber se o chefe gosta de fumaças.

\* Evite fazer a maquilagem sôbre a máquina de escrever.

\* Não grite "OK" quando lhe mandarem fazer alguma coisa.

\* Não há necessidade de mascar goma ou de retirar de segundo em segundo um bom-bom da gaveta.

\* Não assuma ar de "eu sou a independência" e muito menos de "pobre mulher que precisa trabalhar".

\* Não atenda longos telefonemas durante o trabalho. Se chamada ao telefone, não use em voz alta expressões como estas: "Mas isso é formidável, minha filha!" "Que xuxú é" "Não diga, meu bem!" etc.

\* Se qualquer coisa no escritório a deixa humilhada, defenda-se. Perdendo o emprêgo, certamente arranjará outro onde possa conservar a dignidade e o amor de si mesma.

\* Agora, use a sua cabeça e "boa sorte"!

JORNAL DA MANHÃ, 24 de setembro de 1954, p.7.

No dia 26 de outubro de 1954, a publicação foi sobre o trabalho feminino doméstico, expondo as atividades no lar como algo secundário, menos importante do que o trabalho realizado pelo marido. Como fica exemplificado com o trecho da coluna "[...] você sente necessidade de lhe fazer compreender que você também trabalha, que sua vida não é tão desocupada como êle às vezes insinua" (grifo nosso):

Figura 14: A casa também é dele...

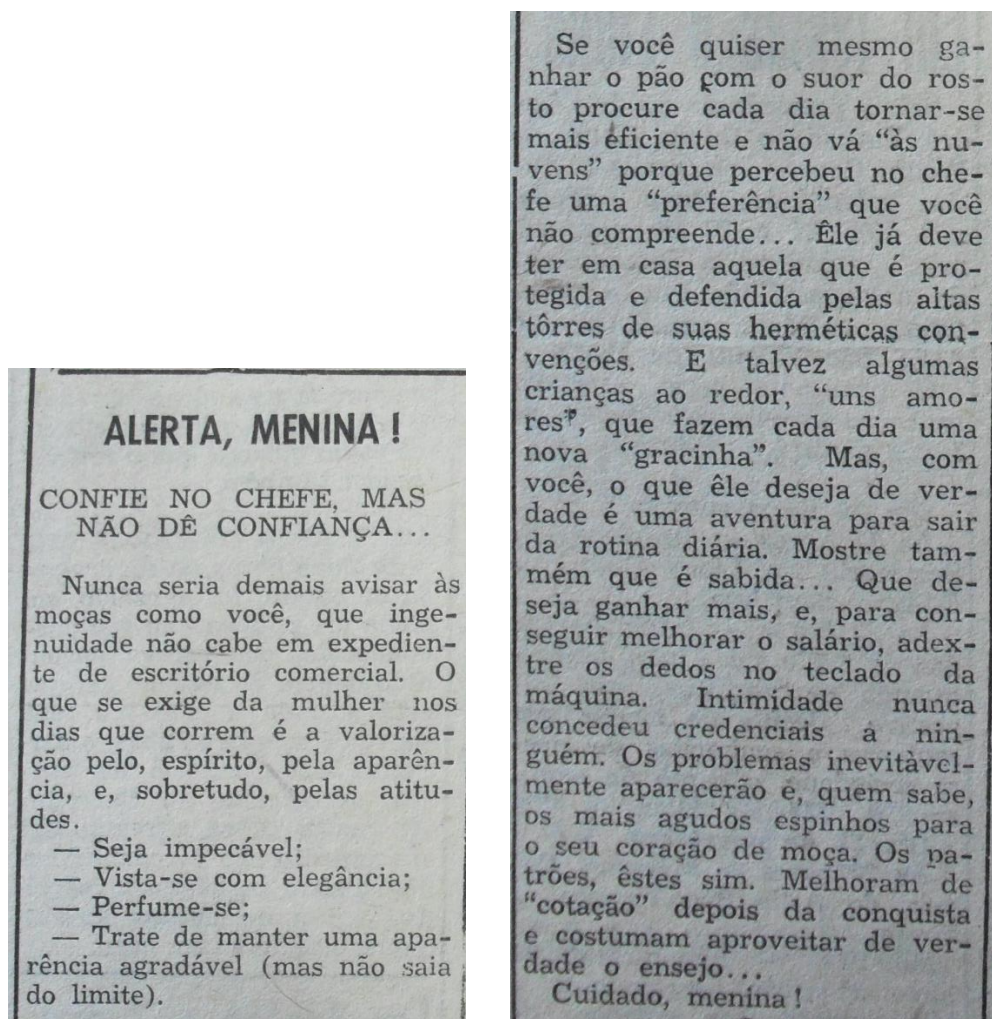


JORNAL DA MANHÃ, 26 de outubro de 1954, p.7.

Do início ao fim, o texto afirma que o assunto trabalho doméstico sequer deve ser citado ao marido, é considerado uma tarefa menos importante mas, ao mesmo tempo, essencial e deve ser desenvolvido diariamente pela esposa. O homem é o provedor, “não tem culpa” se o trabalho do lar precisa ser frequente.

Nesse revesamento de temas, onde ora se aconselha sobre o trabalho fora do lar, ora se posiciona sobre a indissociabilidade do lar às funções femininas, a coluna segue ditando regras sobre o comportamento ideal no ambiente de trabalho:

Figura 15: Alerta, menina!



JORNAL DA MANHÃ, 22 de novembro de 1955, p.7.

Ao citar a palavra “menina” certamente a autora, ou o autor do texto se referia às moças solteiras. Na coluna do dia 22 de novembro de 1955, a intenção era aconselhá-las em casos de possíveis assédios vindos dos seus chefes. Não se deveria ter intimidades com os patrões, pois estes já têm suas esposas. O correto seria se dedicar ao trabalho e demonstrar rendimento para ser reconhecida. Não causaria boas impressões moças solteiras desenvolverem intimidades com seus chefes. Mesmo em sua aparência era preciso se manter elegante, mas sem “sair do limite”.

O trabalho no ambiente público era encarado como uma atividade possível enquanto as moças fossem solteiras. A partir do matrimônio era aconselhado às mulheres assumirem a sua posição de dona do lar. Essa atribuição



geralmente aparecia em matérias publicadas fora da coluna feminina no Jornal da Manhã, como no dia 15 de julho de 1956:

Figura 16: Donas de Casa

# Donas de casa

DAILY LUZ WAMBIER

Há manifesta incompatibilidade, a meu ver, entre as tarefas da dona de casa e o exercício de quaisquer funções, fora do lar, por parte da mulher. Uma senhora, quando se casa, deve deixar todos os quefazeres que acaso realizava, em escritórios, bancos, escolas, etc., sob pena de perecer um dos dois setôres, isto é, o seu lar ou a sua ocupação fora d'ele.

Quero, nesta oportunidade, aplaudir a exposição que a superintendente geral do Ensino Primário, do Rio Grande do Sul, fez ao respetivo Secretário de Educação, a propósito da sua formal reprovação ao exercício magisterial primário (incluem-se os outros, naturalmente) por parte das professoras que se consorciam. O seu trabalho, que acaba de chegar ao meu conhecimento, é simples e claro. Conta a coisa como ela é, sem fraseado, mas com objetividade. E as suas alegações merecem ser comentadas, porque os males expostos também são do Paraná.

Um parêntesis para dizer que, neste caso, quem tinha razão era o saudoso administrador Sr. Manoel Ribas, quando se opunha, por todos os modos ao seu alcance, a que professoras casadas exercessem o magistério.

Segundo a lúcida mestra gaúcha, a professora, que também é dona de casa, falta muito às aulas, impondo que sua classe seja atendida por substitutas ou adjuntas, em prejuízo dos alunos, pela descontinuidade do ensino consoante o regime, método, critério ou jeito que cada mestre possui, como peculiaridade própria de lidar com as crianças. E, quando essa professora comparece, é uma ausente, pelo pensamento, aos misteres da sua profissão. Problemas do lar, de mil-e-um aspectos, forçam o desvio do seu pensamento para longe daquilo que devia estar realizando, concentradamente.

Uma verdade insofismável, a meu ver, e que se poderá facilmente verificar em nossos estabelecimentos de ensino.

Deve-se ressaltar, de outro lado, que uma esposa e mãe, consciente dos seus deveres no lar, tem todas as suas horas inteiramente tomadas com o govêrno da casa, maximé nestes tempos que passamos, de crises várias, a desafiar a resistência física e moral dos indivíduos.

O assunto comporta exame, por certo, dado que existe outra face no problema, também sério. Da próxima vez a êle voltarei.

Diferente de muitas matérias encontradas, esta opinião sobre a temática feminina foi assinada pelo seu autor. Dono de um espaço fixo no jornal, neste dia Daily Luiz Wambier dissertou sobre a obrigação das mulheres em abandonar o trabalho fora de casa a partir do matrimônio. A consequência de manter as duas atividades seria, a seu ver, o fracasso de uma delas: o lar ou o emprego formal. O seu argumento é embasada pelo exemplo da dona de casa que também é Professora. O resultado dessas atividades em conjunto representaria danos ao aprendizado dos estudantes, pois essas mulheres faltavam muito ao trabalho. Além do mais, causavam prejuízo ao erário por gerar a necessidade de contratação de substitutas. E caso a Professora e dona de casa comparecesse ao expediente, não conseguiria se concentrar em sua função, pois as preocupações com o lar desviavam o seu pensamento. Chega a citar com saudade Manuel Ribas<sup>10</sup>, que foi governador do Paraná até 1945, que segundo Wambier, “se opunha, por todos os modos ao seu alcance, a que professoras casadas exercessem o magistério”.

Mesmo que a profissão de Professora fosse, na teoria, mais aceita neste período por se tratar de uma atividade com característica “maternal”, após o casamento a atividade deveria ser excluída. De acordo com Pinsky:

[...] A escola normal deveria formar professores para atuar no magistério primário, mas muitas mulheres a procuraram não com objetivos profissionais e sim em busca de uma formação que contribua no preparo para o desempenho da função de mão educadora de seus filhos. Além disso, a base intelectual da instrução normal proporciona às alunas prestígio social e, em certos círculos sociais, um valor maior no mercado de casamento. Com isso, muitas moças sem intenções de exercer a profissão procuram essas escolas em busca de ‘cultura geral’ e de um diploma ‘para mostrar aos outros’ e, depois, guardar na gaveta. (PINSKY, 2018, p. 188)

Contraditoriamente, dois anos antes, Daily Luiz Wambier havia escrito outro texto onde exaltava a importância da participação feminina no setor político brasileiro. Seu discurso tratou dos benefícios que a colaboração das mulheres na atuação política poderia proporcionar, tanto no legislativo, quanto no executivo. Aqui foram reconhecidas como “grande reserva moral” a que o país dispõe, não apenas para as funções desempenhadas no lar e nas escolas, mas como um “dique poderoso à onda ateísta” que ameaçava a ordem construída pela moralidade cristã:

---

<sup>10</sup> Manoel Ribas foi governador do Paraná, assumiu o cargo no dia 30 de janeiro de 1932 e permaneceu durante treze anos à frente do governo do estado, ora como interventor de 1932 a 1934, ora como governador de 1935 a 1937, e outra vez como interventor de 1937 a 1945. (PARANÁ, 2021)

Figura 17: Idéias e Opiniões.

## Idéias e Opiniões

DAILY LUIZ WAMBIER

É fato incontestável que as mulheres brasileiras estão se desinteressando, em excesso, das lutas político-partidárias em que os homens se encontram metidos até a ponta do nariz. É raro acharmos um homem que não pertença a uma das hostes políticas em atividade. Como é raro encontrarmos uma mulher que esteja atuando numa dessas agremiações, em postos de relevo.

Talvez resida nesse fato estar o País a braços com umas das mais graves crises político-partidárias de que temos memória, quase nenhum dos grêmios vivendo harmônicamente, em perfeita consonância com os postulados do regime, como era preciso, a fim de que pudessemos mais rapidamente consolidar as instituições democráticas.

Acreditamos que a colaboração do elemento feminino, de modo mais direto e atuante, nos quadros dessas agremiações, teria influência das mais benéficas na vida pública do País, de sorte a que melhor padrão de vida resultasse da cooperação da mulher não só ali, como também em nossas casas legisladoras e até mesmo nos postos executivos.

A mulher brasileira, sem dúvida alguma, ainda é a grande reserva moral de que a Nação dispõe, não apenas para o seu gigantesco trabalho no lar e na escola, como dique poderoso à onda ateísta que nos ameaça, mas também na esfera em que se jogam os mais altos interesses públicos, pelo elevado senso de responsabilidade e pelo alto conceito de moral que servem de apanágio às Evas de nosso tempo. Virtudes que, infelizmente, os homens estão atirando fora, como carga incômoda para que possam dar livre curso às suas aventuras, nem sempre honestas.

Eis porque, leitor amigo, recebemos com alegria o trabalho que está sendo executado pela professora Hildenê de Gusmão Castelo Branco, do Maranhão, no sentido de ser constituído o Partido Feminino Brasileiro, de caráter nacional. D. Hildenê, na sua terra, foi cognominada de «Joana D'Arc Maranhense», em face da sua marcante atuação em defesa dos princípios de moralidade que estão sendo pisados pelo homem de hoje.

A idéia do lançamento desse Partido, na capital da República, provocou alvoroço nos meios políticos e desde logo recebeu aplausos da totalidade dos jornais e rádios cariocas. Dizem que D. Hildenê, além de sincera, é persistente e de invulgar capacidade realizadora, circunscritância que nos leva a crer na concretização da sua grande idéia.

Propõe-se o grêmio, se acaso as diligências de D. Hildenê forem coroadas de êxito, como esperamos, tomar posição saliente nos rumos da política brasileira, através de elementos próprios ou de apoio a elementos de outros partidos que sejam, efetivamente, autênticos valores nacionais, estaduais ou municipais, segundo o local de sua atuação na vida pública.

Formulamos sinceros votos para que a idéia vingue e se torne realidade o mais breve possível. O Brasil, hoje mais do que nunca, precisa contar com a cooperação mais direta da mulher, como uma tentativa de recuperação moral e reabilitação espiritual das normas de vida, já que o elemento masculino, pelo que se verifica, está fracassando vergonhosamente no seu trabalho de reajustar a Nação ao seu tradicional sentido de dignidade e nobreza em face do bem comum.

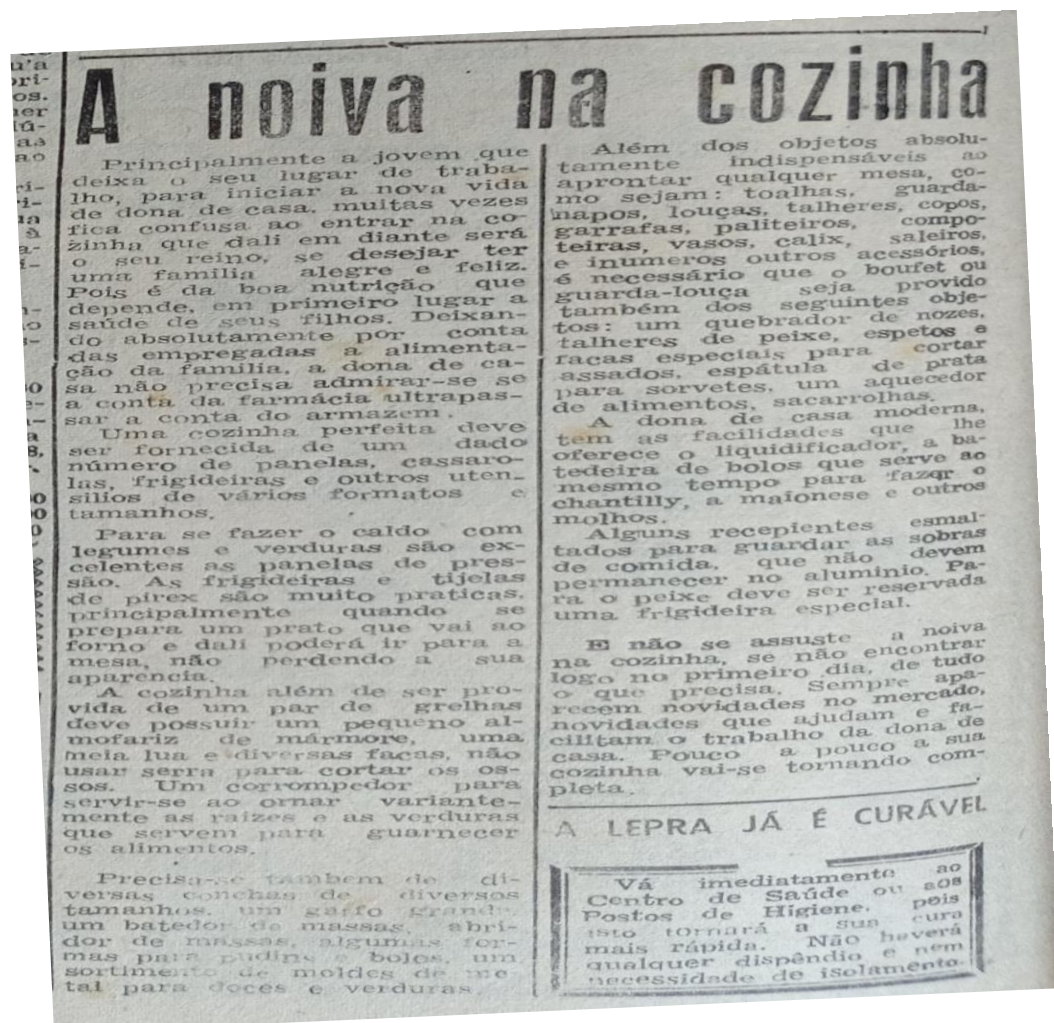
JORNAL DA MANHÃ, 04 de agosto de 1954, p.3.

Nas linhas que seguem, é citada a criação do Partido Feminino Brasileiro no estado do Maranhão, pela Professora Hildenê de Gusmão Castelo Branco,

conhecida como “Joana D’Arc Maranhense” por sua atuação marcante naquela região. Ao fim, são declarados votos de que o mesmo movimento se amplie pelo Brasil, construindo uma participação política mais direta das mulheres, em contrapartida à julgada incapacidade masculina ao tratar deste setor.

Ainda sobre a linha do trabalho doméstico exclusivo, no dia de 2 de março de 1957 o Jornal da Manhã publicava uma matéria de título “A noiva na cozinha”. Dessa vez sem autoria, o texto colabora com a ideia de que o trabalho das mulheres casadas são exercidos dentro do lar. Através de uma lista de utensílios de cozinha e eletrodomésticos, o texto pretende contribuir na formação da dona de casa inexperiente:

Figura 18: A noiva na cozinha.



Com ou sem assinatura, o teor das matérias confirmam a postura do jornal, pois tudo o que era publicado necessariamente passava pelo crivo dos responsáveis pela edição. Porém, essa posição não deve ser julgada de maneira isolada, fazia parte da mentalidade da época e sobreviveu até meados dos anos 1960 (PINSKY, 2018).

É possível concluir que qualquer profissão exercida pelas mulheres era considerada inferior ao casamento. As suas atividades dentro do ambiente doméstico eram encaradas como virtudes, como destino natural. Pelo menos nos núcleos familiares onde o marido pudesse sustentar financeiramente a casa, a esposa que insistisse em uma profissão remunerada poderia, inclusive, ser julgada por fugir dos seus deveres de dona de casa. Portanto, a partir do momento em que a aliança era colocada na mão esquerda, se iniciava uma nova fase de regras a serem seguidas.

#### 2.2.4 Casamento

Há algumas décadas as mulheres deixaram de ser reconhecidas exclusivamente como “filhas”, “esposas” ou “mães”. A estrutura familiar, de maneira geral, também passou por mudanças e hoje apresenta novos arranjos para além do modelo heterossexual e patriarcal, amplamente valorizado pela influência europeia/cristã a partir do período colonial no Brasil. Após a abolição da escravidão e o início da República, a grande vinda de imigrantes e as mudanças proporcionadas pela Segunda Revolução Industrial no Brasil com suas inovações tecnológicas urbanas e industriais, o país passou por várias alterações para seguir a “modernização” e também a “higienização”. Entre elas, um novo arranjo de família começou a ser desenhado. A partir de então, a vontade dos indivíduos passou a ser mais valorizada, deixando de lado os interesses familiares comandados pelo patriarca. Entrou em cena a chamada “família conjugal moderna”, que enfatizava o amor romântico reconhecido inclusive pelo Estado e pela Igreja. Esta família deveria prezar pela intimidade entre o casal e, conseqüentemente, zelar pelo espaço privado do lar - sinônimo de proteção, aconchego e higiene. A nova família necessitava também da construção de uma “nova mulher”: esposa e mãe dedicada, responsável pela criação dos filhos, pela manutenção do lar e, ainda, submissa ao marido. A partir do casamento, essas mulheres estariam desobrigadas do trabalho formal e

deveriam se voltar exclusivamente ao trabalho doméstico, ao ambiente privado, considerado o seu habitat natural, o seu “reino”. A hierarquia se manteve, e aos homens coube a função de prover o sustento da família (SCOTT, 2018).

É importante ressaltar que, de início, não existia um modelo de família comum a todas as famílias brasileiras. Nesse contexto tínhamos uma sociedade extremamente heterogênea e desigual. As camadas rural e urbana apresentavam um contraste considerável que se refletia nos arranjos familiares. De um lado a classe dominante estabelecia os seus parâmetros com um ideal considerado “civilizado” de família e, de outro, tivemos as classes populares fornecendo a sua mão de obra para as indústrias, o que incluía a participação de mulheres e crianças. Porém, a participação feminina da classe operária foi diminuindo à medida que aumentou a concorrência no mundo do trabalho. A entrada de grande número de imigrantes e a migração do campo para a cidade causou uma queda na participação feminina no chamado trabalho formal. Segundo Scott:

[...] a mulher (de qualquer classe social) deveria restringir-se ao lar. O estímulo para a permanência da mulher operária no lar ia ao encontro da aspiração dos dirigentes que procuravam enquadrar grupos considerados potencialmente ‘perigosos e de valores morais e familiares fracos’. O papel das mulheres/mães das famílias das classes populares seria, então, aquele de formar o ‘trabalhador ideal’ que já sairia de casa com hábitos de rotina doméstica, ciente de suas responsabilidades, sem vícios, adaptado à disciplina do trabalho. Enfim, cabia à mulher manter a família ‘higienizada’ que se pretendia, afinal eram elas, as mães, as responsáveis pela formação de uma descendência saudável, cuidando e vigiando o comportamento e as escolhas de seus filhos e filhas. Na prática, porém, as mulheres pobres, mesmo alijadas dos postos de trabalho nas indústrias, não deixaram de combinar atividades domésticas com as que pudessem gerar rendimentos para garantir condições mínimas de sobrevivência para sua família. (SCOTT, 2018, p. 18 e 20)

É neste cenário que as publicações, de maneira geral, vão construir as suas narrativas voltadas ao público feminino. Seus discursos alimentavam um ideal de amor romântico que tinha por finalidade o casamento e, por consequência, as suas atribuições. Desta maneira, o homem/marido é colocado como protagonista nas relações sociais, visto como um objetivo de vida a ser conquistado. O futuro das mulheres estava diretamente ligado aos seus cônjuges, bem como as suas felicidades pessoais. Após a efetivação do matrimônio, os discursos voltavam a puxar as mulheres para a realidade de suas obrigações de esposa e mãe. Como uma espécie de ciclo construído entre o antes e o depois do casamento. A

idealização romântica deste momento na vida das jovens era uma isca para as inevitáveis anulações sentimentais e pessoais que viriam a seguir. Ciúmes, cobranças e os chamados “caprichos” seriam uma ameaça às bases da instituição familiar. Nesse momento o ciclo se fecha e a vida das mulheres se torna ainda mais restrita ao que realmente interessa: a manutenção das organizações sociais. Por tais motivos, a família durante os “anos dourados” era vista como uma instituição essencial e indissolúvel. (PINSKY, 2014)

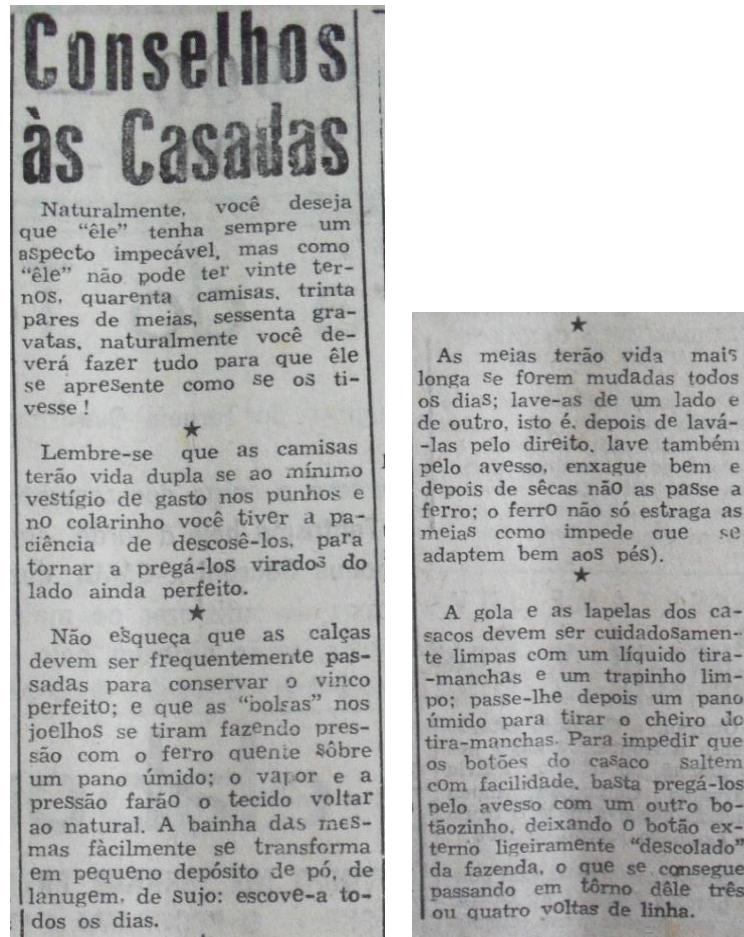
A questão financeira sempre foi uma pauta importante a ser levantada. A “boa mulher” não poderia gastar demais, deveria ter uma boa noção de economia doméstica e não desperdiçar a renda familiar com futilidades. O trabalho feminino, mais uma vez, aparece como uma atividade essencial antes do casamento. Porém, com uma finalidade específica: reconhecer o valor do dinheiro do marido após o casamento.

Figura 19: Para um casamento feliz.



Além da economia financeira, as esposas deveriam também presar pela aparência masculina. Mesmo que as condições econômicas não permitissem gastos desnecessários, a aparência do marido deveria refletir uma vida de opulência:

Figura 20: Conselhos às casadas.



JORNAL DA MANHÃ, 22 de fevereiro de 1956, p.7.

No dia dezoito de setembro de 1954, a coluna "Da Mulher para a Mulher" publicou um manual com a listagem de alguns tipos de marido: o protetor, o proprietário, o frágil e o vagão. Todos com algum tipo de característica mais ou menos dependente ou autoritário. Porém, o modelo ideal é exposto como aquele que as esposas devem amar acima de todas as coisas, independentemente de sua personalidade. O amor feminino é sempre colocado como incondicional, nato, que não se abala independente das situações:



Figura 21: Existem cinco tipos de maridos.

**EXISTEM CINCO TIPOS DE MARIDOS**

**Tipo protetor** — O que se arvora de possuir muitos poderes. Não sabe como dissimular o seu instinto “paternal”. O tipo protetor pensa até em desviar os rumos impostos pelo destino. O que êle quer é proteger e, impulsionado por êste complexo, que muitas vezes é até favorável a quem com êle convive, vai pela vida afora...

**Tipo proprietário** — O que manda em tudo. O que rege os destinos. O que delibera e se impõe ao menor gesto. A espôsa é portátil. Traz sempre na fisionomia um ar de superioridade. Êle é dono de sua vida e da dos outros também. Está sempre adquirindo tudo. O que êle deseja mesmo é “possuir”.

**Tipo frágil** — Não altera a voz porque a espôsa o faz primeiro. Não paga as contas porque a cara-metade é mais eficiente. E’ pesado e saudável, embora diante da vida se sinta pequenino. Sente-se nas mãos da sua “queridinha espôsa do seu coração” como um bonequinho que ela vira e revira a seu bel-prazer.

**Tipo vagão** — Aquêle que precisa ser arrastado até para escovar os dentes. Nada faz sem o auxílio da espôsa ou dos que o cercam. E’ preciso ser dirigido sempre. Casa-se mas a locomotiva é a espôsa, êle não passa nunca de um vagão. Não raciocina, porque tem sempre quem o faça por êle. Não delibera, não “resolva uma parada” porque não tem confiança em si próprio.

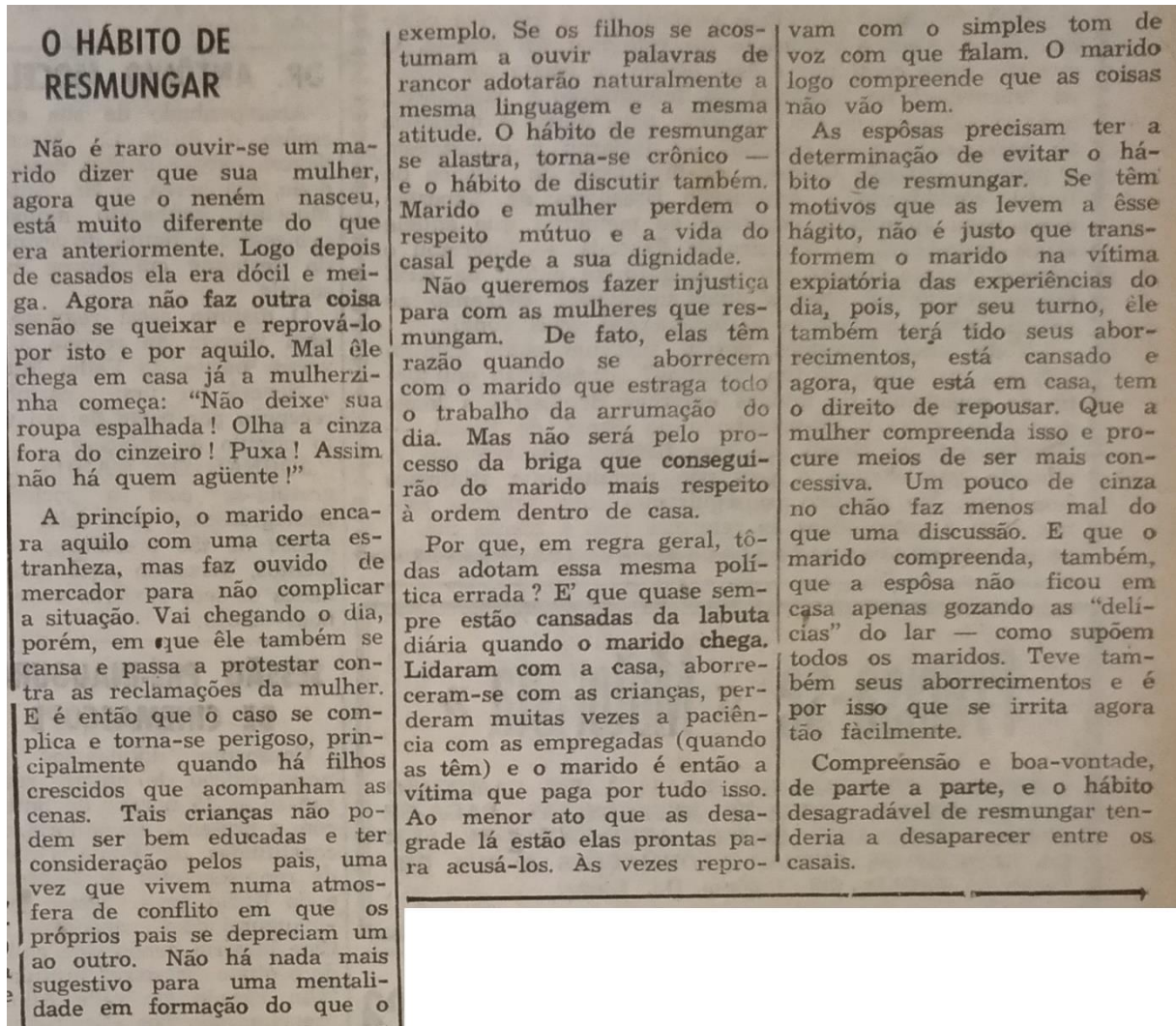
**Tipo ideal** — O homem que a gente ama. E pode ser como quiser...

JORNAL DA MANHÃ, 18 de setembro de 1954, p.7.

Cabia principalmente às esposas a adequação a qualquer situação dentro do casamento. Acima do pedestal do marido estaria apenas a devoção e o amor que tudo deveria relevar. Inclusive, as queixas e confidências a terceiros sobre possíveis conflitos conjugais deveriam ser evitados, pois representariam um risco para o casal. Reclamações entre o casal também deveriam ser evitados. Mesmo ao admitir que deveria haver compreensão entre maridos e mulheres dentro do casamento, o discurso da coluna associava o hábito de “resmungar” principalmente às mulheres,

que transformavam os maridos em “vítimas expiatórias” para justificar os seus aborrecimentos domésticos.

Figura 22: O hábito de resmungar.



JORNAL DA MANHÃ, 27 de agosto de 1955, p.7.

A discricção e a responsabilidade adquirida com o matriônio, dentro e fora do ambiente privado, solucionariam qualquer crise. Marido e esposa deveriam “suportar” os problemas em silêncio, pois esse seria o remédio, as vezes amargo, que curaria os problemas causados pela convivência. Separação não era uma alternativa, como se apresenta a prescrição publicada no dia 21 de junho de 1955:

Figura 23: O grande remédio.



## Da Mulher Para a Mulher

### O GRANDE REMÉDIO

O conhecimento de que o casamento é indissolúvel opera como um grande remédio toda vez que uma crise ameaça separar o casal. Esse conhecimento, porém, não deve ser aceito como algo a que a pessoa se subordina porque não há outro jeito. Deve ser encarado como fazendo parte das responsabilidades aceitas quando o casamento foi contraído. Quando há essa noção de res-

ponsabilidade as piores crises se solucionam com o tempo. É preciso, porém, coragem, paciência e sobretudo discrição, se a pessoa começa a participar aos outros os seus desentendimentos e suas dificuldades o problema tenderá a agravar-se.

Infelizmente, há muitos casais em que a esposa tem quase que um verdadeiro deleite em perder-se em confidências com as amigas sobre os casos íntimos da sua família. Há maridos, também, que, desgostosos com a esposa, procuram

alguma confidente com quem desabafar as mágoas. Essa confidente dentro de algum tempo, se transforma em amiga inseparável, sem a qual ele não pode viver. E ao tempo em que a crise deveria estar passando, eis que "a amiga" está ali, firme, para reavivar as feridas antigas... Ninguém perde por ser discreto.

Em muitos casais, depois de alguns anos de convivência, eis que a vida em comum lhes parece de repente sem nenhum encantamento. É que, talvez, o marido tivesse guardado da esposa a lembrança de uma moça que ele julgou "sobre-humana, inigualável, superior". E, agora, vê que ela não passa de um ser humano com seu cortêjo de virtudes e de qualidades. Mas um ser humano que também um dia acreditou nele como se acredita em um deus. E que, agora, também não o vê mais assim. Acha-o um homem igual a muitos, com suas grandezas e suas limitações. Mas há o amor que os uniu um dia, os sonhos vividos em comum, as lembranças do passado, os filhos.

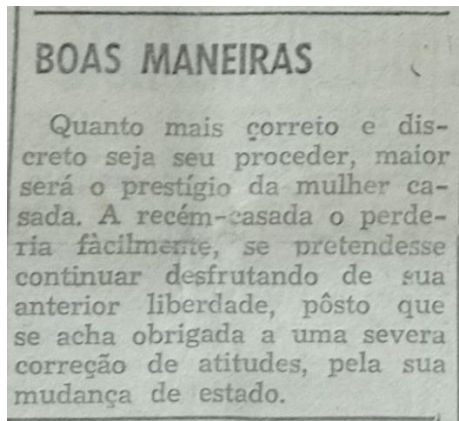
E são marido e mulher. Têm que se suportar como são, porque a vida é realidade. Se, porém, tiverem paciência, boa-vontade e compreensão verão que, mesmo dentro dessa realidade, encontrarão poesia — a verdadeira poesia...

JORNAL DA MANHÃ, 21 de junho de 1955, p.7.

A visão católica, predominante na população brasileira desde o período colonial, indicava o matrimônio entre um dos seus sete sacramentos. Assim como o batismo, a comunhão, a crisma e a extrema unção, eram práticas enraizadas no imaginário brasileiro. Portanto, não seria o sistema político da República, que livraria

a população destes dogmas (ALMEIDA, 2014). O Jornal da Manhã, inclusive, desde a sua primeira edição se colocou à disposição da religião católica para promover a manutenção dos preceitos religiosos voltados principalmente à família. Discursos como os divulgados pela coluna “*Da Mulher para a Mulher*” estavam em consonância com outros textos do impresso. Um exemplo está nesta publicação do dia 23 de fevereiro de 1956:

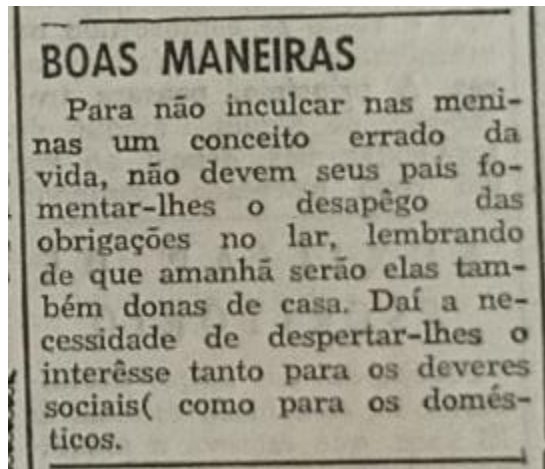
Figura 24: Boas maneiras (1).



JORNAL DA MANHÃ, 23 de fevereiro de 1956, p.7.

Os pequenos quadros informativos voltados para o comportamento das mulheres casadas se apresentavam na página sete, a parte da coluna feminina. As vezes intitulado como “Boas Maneiras”, outras como “Conselhos”, apareciam com frequência e possuíam uma finalidade educativa, promovendo a manutenção dos valores cristãos tradicionais. Os temas variavam, mas geralmente eram voltados à valorização dos atributos femininos de amabilidade, pureza, doçura, moralidade cristã, maternidade e espiritualismo. Valores que deveriam fazer parte da vida das mulheres desde a infância:

Figura 25: Boas maneiras (2).

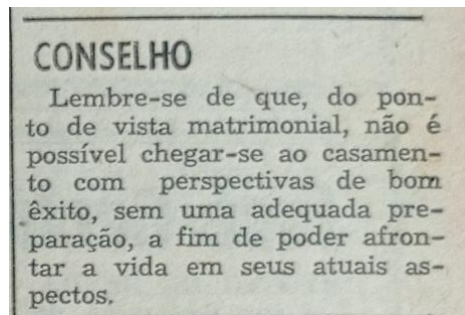


JORNAL DA MANHÃ, 08 de maio de 1956, p.7.

Todos os atributos que deveriam ser construídos nas mulheres estavam em direção oposta ao que se esperava dos homens. Se de um lado as mulheres precisavam desenvolver qualidades que a preparassem para a vida privada do lar após o casamento, de outro os homens desfrutavam dos espaços públicos. Enquanto as mulheres recebiam listas de deveres a serem cumpridos, os homens desfrutavam dos seus direitos. Esse imaginário normatizou a vida em sociedade na década de 1950 e teve a sua divulgação nos periódicos e impressos cujos objetivos não eram construir igualdades, mas sim contribuir para conservar um modelo de sociedade que não poderia ser ameaçado pelas mudanças que a modernidade da época poderia propor.

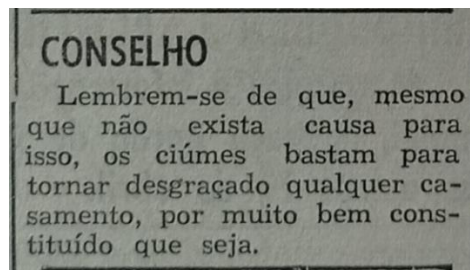
Neste caminho, o Jornal da Manhã publicou vários conselhos e regras de boas maneiras em relação ao casamento. A educação infantil das meninas, a preparação para o casamento, o papel da esposa e da mãe, a introspecção feminina, os males do ciúme eram alguns dos temas apresentados, como espécies de lembretes daquilo que deveria ser construído ou conservado:

Figura 26: Conselho (1).



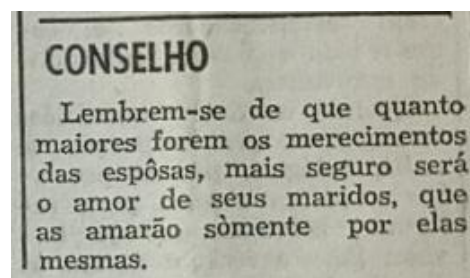
JORNAL DA MANHÃ, 11 de abril de 1956, p.7.

Figura 27: Conselho (2).



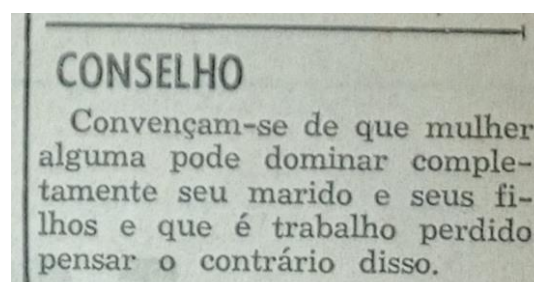
JORNAL DA MANHÃ, 18 de abril de 1956, p.7.

Figura 28: Conselho (3).



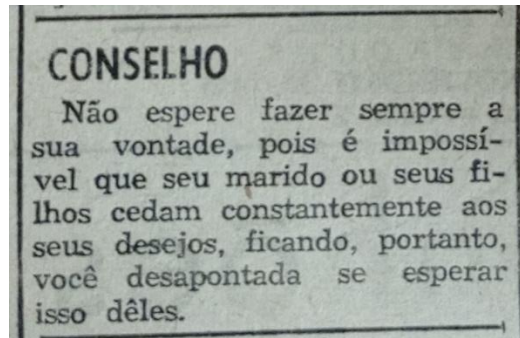
JORNAL DA MANHÃ, 08 de maio de 1956, p.7.

Figura 29: Conselho (4).



JORNAL DA MANHÃ, 17 de junho de 1956, p.7.

Figura 30: Conselho (5).



JORNAL DA MANHA, 23 de junho de 1956, p.7.

Os conselhos para se ter um bom casamento sugerem ações unilaterais. Cabe às mulheres “merecerem” o amor dos seus maridos através das suas atitudes. A “boa esposa” não procura dominar a relação, nem o espaço do lar ou as liberdades masculinas. Reclamações e cobranças causariam aborrecimento ao marido e, assim como assuntos de limpeza doméstica ou tratamentos de beleza, eram consideradas “futilidades femininas”. Se algo no marido a desapontasse, a mudança deveria acontecer dentro de si mesma, era necessário relevar qualquer situação em nome dos seus deveres matrimoniais. Ser amável, amiga e compreensiva era o que garantiria a felicidade no lar e o seu título de rainha:

Figura 31: Felicidade no Lar (2).

## Felicidade no Lar

Seria uma felicidade que as noivas, logo após a cerimônia nupcial, pudessem contar com uma pessoa amiga que lhes perguntasse: Que vais ser para teu marido? Juiz? Policia? Aborrecimento? Inimiga? E, logo depois, lhes desse estes conselhos valiosos, capazes de ajudá-las a vencer as dificuldades que se apresentam sempre nos primeiros tempos do casamento: «Procura, antes de tudo, ser sua companheira, pois as uniões matrimoniais fracassam( às mais das vezes, devido à incompreensão gerada por insensato orgulho. Sê a sua amiga maior e sêrás também a rainha do teu lar».

\*

JORNAL DA MANHÃ, 21 de março de 1957, p.7.

Figura 32: Felicidade no Lar (3).

## Felicidade no lar

São as mulheres as responsáveis pela desorganização da mocidade, hoje em dia. Ser uma boa mãe não é missão que se possa exercer nos intervalos, entre o cumprimento de uma e outra obrigação. É tarefa que exige sacrifício permanente e que põe a prova a paciência o caráter e a inteligência de uma mulher. Como conseguir, porém que a mulher moderna compreenda esse importante problema? E as os desfiles de moda? No entanto, é preciso saber ser mãe, pois que a influência materna é que governa o mundo e faltando ela, tudo estará perdido...

JORNAL DA MANHÃ, 23 de março de 1957, p.7.



De maneira geral, as funções femininas deveriam ter o mesmo peso em questão de prioridade. Entretanto, no dia 18 de outubro de 1956, o colunista Daily Luiz Wambier assemelhou o papel das mulheres no casamento a um tripé onde cada parte é importante para manter a estrutura. Porém, nesta ordem: esposa, mãe e dona de casa.

#### “CASAIS

Existe, entre nós, sem sombra de dúvida, uma crise muito séria sobre o **casamento**. A **instituição basilar** da **família** e da **sociedade** está varando fase sobremodo delicada. Por culpa de marido e mulher, quase sempre. Creio que mais devido à posição da **mulher**, quando ela na qualidade de esposa, se investe de todos os atributos de honestidade. Esse tipo de mulher, antes de ser a companheira do marido, quer ser **mãe** e **dona de casa**. Gasta tôdas as horas de que dispõe no trato e cuidado dos assuntos pertinentes aos seus **deveres** de mãe e dona de casa. A outra parte, que completaria o tripé no qual se apóia o casamento, essa fica de lado, esquecida ou, quando muito, tratada com certa indiferença. Por cima, como se nada quisesse expressar para a perfeita união das duas pessoas ligadas pelo matrimônio.

Existem inúmeras esposas que seguem este critério, de todo em todo desaconselhável.

O homem é bicho muito **egoísta**, especialmente quando se trata da sua situação de chefe de família. Não raro chega ao ponto de alimentar **ciúmes dos próprios filhos**, quando sua esposa a eles dedica carinhos excessivos a que ele se julga com direito.

É claro que somente aplausos merecem as mulheres que, como mães e donas de casa, dispensam cuidados especiais às respectivas tarefas. São dignas de todos os elogios, sem dúvida. Todavia, são as duas varas do tripé. O casamento não se firma direito se a outra vara fica sem apóio. Tripé com dois pés não existe...

Vai daí, o marido, quando não procura recalcar sentimentos até certo ponto naturais, como imposição da sua feitura moral e espiritual, começa a **procurar fora do seu lar, o que ali lhe falta**.

O azar, evidentemente, é da esposa. Da família e da sociedade, conseqüentemente.

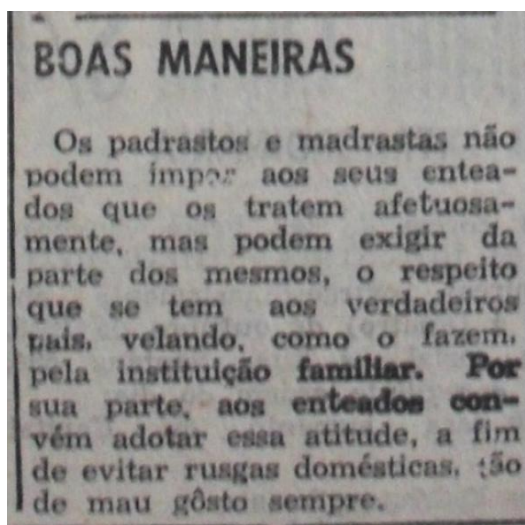
Creio que essa tem sido uma das causas mais comuns para a crise de que se trata. E que pede, naturalmente, uma solução qualquer, a fim de evitar que os mais sérios fundamentos da grandeza da Pátria – a família bem e fortemente constituída – se abalem e provoquem o enfraquecimento daquilo que é de nossa obrigação tornar cada vez mais forte.

Pode ser que eu esteja errado. Pode ser. Todavia, não custa nada as esposas, que se julgam frustradas no casamento, experimentarem a receita, que é gratuita. **Mãe, companheira e dona de casa**. Tripé completo, firme e capaz de resistir aos constantes vendavais da vida”. (WAMBIER, Daily Luiz, Jornal da Manhã, 18 de outubro de 1956, pág. 3. Grifo nosso.)

Nesse contexto, se o casamento sofresse abalos irreconciliáveis, só um caminho era possível: o desquite, instituído no ano de 1942, a partir do artigo 315, da Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916 (Código Civil de 1916). A partir de então, o casal poderia separar-se fisicamente e materialmente, porém, sem rompimento do

vínculo conjugal. Dessa forma, novos casamentos eram proibidos, reforçando o casamento como uma instituição indissolúvel, perpétua (SANTANA; RIOS; MENEZES, 2017). Portanto, novos casamentos só eram legalmente e socialmente aceitos para viúvos e viúvas. E para estes novos arranjos familiares, teremos regras também. Padrastos e madrastas não poderiam esperar relações afetuosas com seus enteados, pois não fazem parte da instituição familiar de origem:

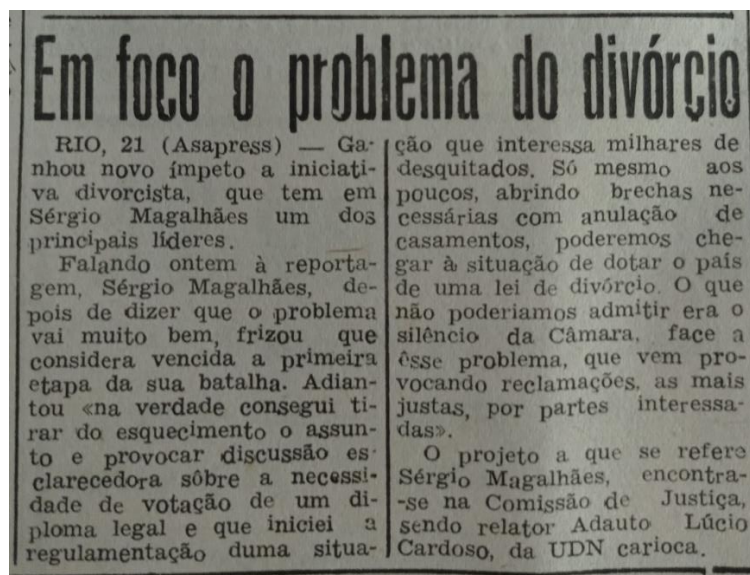
Figura 33: Boas maneiras (3).



JORNAL DA MANHÃ, 27 de setembro de 1956, p.7.

Sobre o fim do vínculo matrimonial, apesar do discurso do jornal, de maneira geral, fortalecer a manutenção dos valores cristãos tradicionais em relação ao casamento, não foi possível negar que algumas mudanças estavam em curso. No dia 22 de fevereiro de 1957, foi notícia a discussão em andamento no país sobre a legislação do divórcio, considerado interesse de “milhares de desquitados”. A necessidade de criação desta lei estava baseada, portanto, no número de casais que haviam decidido pela interrupção de seus matrimônios, ainda que de maneira limitada:

Figura 34: Em foco o problema do divórcio.



JORNAL DA MANHÃ, 22 de fevereiro de 1957, p.3.

Fica evidente o interesse coletivo em conquistar o direito de assumir um novo vínculo matrimonial. Apesar do incansável trabalho realizado pelos periódicos e impressos, o conservadorismo nem sempre encontrou terreno fértil para criar raízes. Ao contrário, esse terreno já possuía sementes que floresceriam e seriam colhidos alguns anos mais tarde, nas décadas de 1960 e 1970. Como o aumento da participação feminina no mercado de trabalho formal e as suas lutas por reconhecimento profissional, o maior acesso à educação, os métodos contraceptivos e, finalmente, a instituição do divórcio, em 1977. (BRASIL, 1977)

Por meio da análise de discurso presentes na imprensa, em especial às voltadas ao público feminino, é possível perceber quais intencionalidades fizeram parte do projeto de construção do papel das mulheres e, por consequência, também dos homens. Especificamente em relação ao Jornal da Manhã, foi possível concluir que durante os anos de 1954 a 1957, a quantidade de discursos conservadores sobrepõe a quantidade dos discursos progressistas. Porém, o impresso apresentava uma linha de escrita inconstante, o que refletia as mudanças que vinham acontecendo com a organização da sociedade. Ora os seus textos defendiam a preservação dos papéis da “rainha do lar”, ora expunha a necessidade de avançar em relação às funções desempenhadas pelas mulheres. Muitas vezes o mesmo autor escrevia sobre a necessidade de as mulheres não possuírem trabalho formal após o casamento, e em outras publicações estava dissertando sobre a importância

de contar com maior participação feminina na política brasileira. Alguns dias a frente, voltava a defender que as mulheres deveriam colocar os maridos acima até mesmo dos próprios filhos.

O ritmo descompassado da imprensa deixa nítido que já não era mais possível ignorar as conquistas femininas que há anos eram trilhadas, passo a passo. Pelo menos não completamente. Tal construção, por vezes contraditória, faz parte dos caminhos da História: uma estrada repleta de curvas, desníveis e bifurcações que podem indicar destinos diferentes. Nestes lugares podemos encontrar tanto rupturas, quanto continuidades.

Compreender que os processos históricos não são lineares é essencial para o desenvolvimento do ensino de História. Longe de ser somente um acumulado de informações sobre o passado, a disciplina deve proporcionar aos estudantes a possibilidade de participar ativamente dos seus processos de aprendizagem os auxiliando a perceber mudanças, transformações e continuidades em diferentes contextos sociais e culturais, possibilitando o reconhecimento no presente. Resignificando, assim, o conhecimento para construir relações democráticas e de respeito às diferenças. (OLIVEIRA, 2017)

Analisar as representações a respeito dos papéis femininos e masculinos na imprensa auxilia os estudantes a visualizar que determinados padrões e comportamentos são resultado de construções sociais. E, se são construções, não são “naturais”. Portanto, o espaço de sala de aula é também um lugar de refletir e questionar problemas que ainda afetam a sociedade, como o preconceito e a violência de gênero.

### CAPÍTULO 3

## FONTES PARA O DEBATE DE GÊNERO E HISTÓRIA DAS MULHERES NO ENSINO DE HISTÓRIA

### 3.1 APRESENTAÇÃO

Caro colega,

Esse material foi desenvolvido como parte integrante de uma dissertação de mestrado intitulada “*Mulheres distintas: o ensino de História e as representações de gênero a partir do Jornal da Manhã em Ponta Grossa (1954 – 1957)*”, realizado através do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

O objetivo é propor uma análise sobre as representações sociais construídas pela imprensa (Jornal da Manhã) entre os anos de 1954 e 1957 e que fortaleceram a divisão entre papéis femininos e masculinos refletidos em nossa sociedade até os dias de hoje. Através de um diálogo estabelecido com o conceito de gênero, também pretende promover a utilização do uso de jornais como fonte durante as aulas de História na Educação Básica.

Nas próximas páginas serão apresentados os fundamentos teóricos que embasaram a escrita do trabalho e esta produção didática. Desta forma, a teoria servirá como base para o desenvolvimento de uma consciência histórica capaz de perceber que os padrões sociais foram construídos no decorrer do tempo.

### 3.2 QUAL A INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES?

Prezado colega,

Você já parou para pensar que no contexto em que vivemos a informação já não se apresenta como exclusividade do espaço escolar? Você, Profissional da área de ensino, deve passar por diversas reflexões em relação a metodologias de ensino que se aliem às recentes tecnologias e às novas realidades dos estudantes. No que diz respeito à disciplina de História, a busca por uma abordagem capaz de tornar o ensino dinâmico, atrativo e atualizado é uma constante. Além deste desafio, há no caminho a vigilância constante dos conteúdos trabalhados, impulsionada pelos grupos conservadores da sociedade.

A afirmação de que o ambiente escolar não mais representa a única fonte de conhecimento se justifica pela imensa variedade de plataformas que hoje oferecem conteúdos informativos. Em outras palavras, houve a dissipação do conhecimento. Como consequência, as informações disponibilizadas por estes mecanismos – sendo genuínas ou não – estabelecem uma característica educacional na vida do estudante.

Não suficiente, os conteúdos disponíveis aos usuários apresentam cada vez mais elementos direcionados aos interesses próprios dos indivíduos, pois praticamente toda interação realizada em meios digitais pode ser rastreada através de algoritmos. Isso possibilita compreender o comportamento dos usuários na internet e aprimorar recursos e estratégias digitais, sejam elas dos meios de informação ou de conteúdos comerciais. Essa realidade coloca as pessoas cada vez mais dentro de nichos isolados uns dos outros, dificultando a ampliação dos horizontes espaciais, sociais e intelectuais.

Esta prática, chamada teoricamente de pedagogia cultural, reforça que não é somente o ambiente escolar que promove o processo de aprendizagem. No decorrer do tempo, vários setores ocuparam esta posição e promoveram modelos de sujeitos em relação a gênero, sexualidade e comportamento. Instâncias como a família, igreja, cinema e imprensa são alguns exemplos de instituições “educacionais”. Mais recentemente podemos citar a internet, as redes sociais e a grande publicidade.

Estes mecanismos oferecem produtos, conselhos e palavras de ordem a todo momento. Informações sobre saúde, comportamento, religião, amor (verídicas ou não) ditam constantemente as preferências e rejeições a serem seguidas. Ensinam a produzir corpos e estilos padronizados e influenciam nas maneiras e ser, de viver e de agir. Nem sempre são informações novas, muitas vezes vêm de campos tradicionais (medicina, ciência, família, justiça ou religião) e se ressignificam através das novas mídias sociais. Não há uma diretriz uniforme, muitas normas culturais já antigas na sociedade ainda hoje ecoam nestes ambientes. E desta maneira, multiplicaram-se os modos de compreender e de dar sentido a muitas questões. Entre elas, a que diz respeito aos gêneros e a sexualidade. (LOURO, 2008)

Para Guacira Lopes Louro, o controle exercido pelos diferentes espaços culturais foram fundamentais para a hegemonia que se construiu a partir da figura do homem branco e heterossexual. Assim, as representações construídas através

desses meios causaram diversos efeitos sobre os demais sujeitos. Um dos efeitos dessas atribuições de significados é a de tornar socialmente verdadeiro e natural o papel das mulheres como “segundo sexo” ou “sexo fraco”. Esses embates culturais refletem em si as relações de poder exercidas em determinados períodos históricos através das chamadas pedagogias culturais.

Neste contexto, a escola precisa se adequar e promover ações que incluam essas ferramentas. Pois, além de educar, elas regulam as práticas sociais e promovem diferenças e desigualdades. A escola deve assumir a responsabilidade de ser filtro. Atitudes como esta auxiliarão não só na atualização metodológica, como fortalecerá a credibilidade do espaço escolar, o enfrentamento ao anticientificismo que hoje assombra a educação<sup>11</sup> e a desconstrução de estereótipos que alimentam os preconceitos e a violência de gênero. Problemas visíveis no cotidiano escolar e cuja causa se mantém invisível graças ao esforço permanente dos meios de comunicação em tornar as desigualdades algo natural.

Um dos atalhos possíveis para contornar estes problemas é a utilização das fontes históricas no processo de ensino aprendizagem. Como já citado, os meios de comunicação exercem forte influência na vida dos indivíduos, mas é preciso reconhecer que esta característica não é unanimidade da pós-modernidade. Os grupos dominantes sempre encontraram meios para divulgar ou legitimar os seus interesses às massas. Discursos com caráter educativo podem ser encontrados em diferentes contextos e diferentes meios. Um exemplo a ser analisado e problematizado é a imprensa e a sua característica de ser construída e ao mesmo tempo construir representações sociais, propagar estereótipos e reverberar padrões de comportamento no decorrer do tempo.

Nesse contexto, é importante lembrar que nenhuma atividade educacional é dotada de neutralidade, sendo ela formal ou não. Portanto, utilizar a imprensa como metodologia no ensino de História é uma atividade que desconstrói para reconstruir. E a pergunta fundamental nessa atividade deve ser: Qual sociedade queremos formar? (PASQUINI; TOLEDO, 2014)

---

<sup>11</sup> Paráfrase influenciada pelo título do livro “*O Mundo Assombrado pelos Demônios*” de Carl Sagan (1995), onde o cientista aborda o senso comum, as superstições e credences populares que contrariam evidências científicas.

Para além dos papéis individuais pré-estabelecidos pelas variadas plataformas culturais, é preciso exaltar a diversidade e não as diferenças. Uma educação democrática só se efetiva através da alteridade e da empatia.

### 3.2.1 O jornal como fonte histórica

A utilização da fonte impressa na historiografia como possibilidade de conhecimento do passado é relativamente recente. Está situado no período de renovação historiográfica proposta pela terceira geração dos Annales a partir de 1970 que apresentou inovações ao propor a utilização da interdisciplinaridade e a adoção de “novos objetos, problemas e abordagens” (REIS, 2000).

Através desta perspectiva, o jornal aparece como uma opção. Seus discursos permitem a análise da vida em sociedade, além de se apresentar como um instrumento que manipula interesses, ao mesmo tempo em que é produzido por “sujeitos dotados de consciência determinada na prática social” (CAPELATO, 1988).

Ao investigar o discurso de um jornal é preciso considerar as características específicas do jornalismo e o contexto em que estão inseridos os seus discursos. Mais do que um simples veículo de informação ou de transmissão imparcial dos acontecimentos, o jornal faz parte da construção político-social na qual se insere (CAPELATO; PRADO, 1890). Portanto, é preciso reconhecer a estrutura do jornal, as intenções existentes nos filtros escolhidos para as suas publicações. Mais do que análise textual, é preciso levar em conta o corpo do jornal, a seleção das notícias, as colunas propostas e a disposição das páginas. O conjunto destas análises podem desvendar as relações sociais estabelecidas e o poder exercido pelos diferentes grupos sociais.

Há, assim, uma “linguagem da imprensa”, ligada às diferentes funções do jornalismo e que norteia a sua própria produção dividida entre três elementos: expressão escrita (textos e manchetes), expressão icônica (fotos e desenhos) e a composição do jornal (distribuição dos artigos e colunas pelas páginas do impresso). (ZICMAN, 1958)

Analisar essas características próprias auxilia a compreensão dos valores sociais difundidos pela imprensa a fim de manter uma ordem pré-estabelecida pelos grupos que dominam a sociedade e a comunicação. Através da maneira como distribuem os artigos ao virar das páginas e como compõem as suas imagens,



podemos vislumbrar a expressão própria do jornal. Suas escritas e intencionalidades, os temas que mais abordam e com qual prioridade tratam os seus assuntos permitem uma leitura que traduz a visão de mundo idealizada. Até mesmo o não dito e o texto não assinado podem desvendar o posicionamento presente em um impresso.

Com base na teoria das representações sociais de Serge Moscovici (1961) é possível compreender o processo de influência que o discurso do jornal causava entre seus leitores. Apoiado pela psicologia social, o autor caracteriza as representações sociais como um sistema de valores, ideias e práticas com a função de conhecer e intervir na realidade. Assim, tem como fim um movimento que promove a comunicação e se recria para fazer surgir novas representações. Neste sentido, elas podem ser compreendidas através de dois processos: a “ancoragem”, que consiste em aproximar novas realidades a outras já conhecidas pelo grupo ou indivíduo – desta maneira transformando um objeto não-familiar em familiar. O outro diz respeito à objetivação, que consiste em transformar conceitos abstratos em realidades concretas.

A partir desse viés é possível compreender de que maneira o indivíduo configura novas informações. A princípio, estas passam a ser significadas partindo de experiências já apreendidas pelo sujeito (ancoragem). Posteriormente, essa experiência cognitiva cede espaço para uma reificação, concretizando o que foi classificado (objetivação). (MOSCOVICI, 1961)

A imprensa voltada ao público feminino pode ser entendida por esse viés. Quando as mulheres se vêem representadas na mensagem lida, ancoram a informação desconhecida a uma imagem já construída de si mesmas e a ressignificam em prática no seu convívio social. Essa dinâmica impacta da mesma forma o restante da sociedade que, desde a infância, convive com representações dos papéis atribuídos aos homens e mulheres. Quando a imprensa divulga esses papéis, o indivíduo os apoia em conceitos já conhecidos, reafirmando os papéis pré-definidos. Desta forma, passa a reproduzi-los como algo “natural”.

### 3.2.2 Para os docentes

Quando usar este livro?

Este material foi produzido a partir de uma pesquisa realizada com publicações do Jornal da Manhã, de Ponta Grossa, entre os anos de 1954 a 1957. Este período, conhecido como “anos dourados” no Brasil, durou de 1945 a 1964. Seu contexto ficou marcado pela influência do pós Segunda Guerra Mundial e a crescente modernização que passou a existir no interior e exterior das residências das famílias de classe média/alta no país. Acompanhado das novas tecnologias veio a participação das mulheres da classe média no mercado de trabalho e a difusão dos meios de comunicação, como revistas, jornais, televisão e rádios.

Embora seja possível trabalhar esta temática em diferentes situações, é importante também estabelecer um diálogo com determinadas temáticas presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREPE). Assim, aos docentes vinculados ao Estado do Paraná, o material pode aprofundar o ensino da unidade temática “Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: O Brasil após 1946” (BRASIL, 2018). Também há a possibilidade de utilizar este material no Ensino Médio quando o recorte temporal remeter ao processo de modernização/urbanização do Brasil a partir de 1946.

#### BNCC: HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS (9º ANO)

<b>UNIDADES TEMÁTICAS</b>	<b>OBJETOS DE CONHECIMENTO</b>	<b>HABILIDADES</b>
Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946	O Brasil da era JK e o ideal de uma nação moderna: a urbanização e seus desdobramentos em um país em transformação.	(EF09HI18) Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.

Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946	Os anos 1960: revolução cultural? A ditadura civil-militar e os processos de resistência As questões indígena e negra e a ditadura.	(EF09HI19) Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos.
---	---	--

Fonte: BRASIL, 2018, p. 432-433

De maneira geral, a discussão sobre gênero e através fontes impressas não precisa necessariamente estar atrelada a algum conteúdo específico. Os papéis sociais estabelecidos para homens e mulheres sempre estiveram presentes em muitos espaços e contextos históricos distintos. Portanto, a abordagem deste assunto pode fazer parte de diferentes momentos pedagógicos. Como as mulheres foram representadas no decorrer do tempo? Quais eram as diferenças entre as regras impostas às mulheres em relação aos homens? Quais espaços eram destinados as mulheres e aos homens? Nesse mesmo período existiram mulheres que fugiram às regras socialmente impostas? E em outros momentos históricos? Nos dias de hoje, quais papéis as mulheres exercem na sociedade?

### 3.3 LISTA DE CONTEÚDOS

Mensagem aos estudantes

Conceito de gênero

Vamos conhecer o Jornal da Manhã?

Atividades:

Unidade I

Unidade II

Unidade III

Conclusão

Referências

### 3.4 MENSAGEM AOS ESTUDANTES

Olá, estudante!

Você já ouviu expressões como: “isso não é coisa de menina” ou “meninos não choram”? Já se perguntou de onde vieram essas afirmações? Quem definiu quais ações são destinadas às meninas e quais são voltadas aos meninos?

São situações que há muito tempo restringem o que deve ou não fazer parte do universo feminino e masculino. Você já deixou de fazer alguma coisa por julgarem que essa ação não se adequava com o seu gênero?

Muitas mulheres ainda hoje enfrentam preconceitos por desempenhar profissões e cargos durante muito tempo considerados “masculinos”. Inclusive a sua remuneração ainda é inferior à do homem, mesmo executando a mesma função.

Da mesma forma, muitos homens também sofrem preconceitos ao se dedicarem a categorias consideradas “femininas”, como o balé e a área da moda, por exemplo.

Mas será que realmente existem profissões que são destinadas a mulheres e outras destinadas a homens? O sexo biológico é capaz de interferir na execução de alguma tarefa? Em sua família, quais são as profissões desempenhadas pelas mulheres? E em relação ao trabalho doméstico, quem dedica mais tempo cuidando da cozinha, dos filhos e da limpeza da casa?

Essas perguntas serão o nosso passaporte para viajarmos no tempo em busca de respostas. Conhecendo outros períodos históricos podemos compreender como todas essas definições de gênero foram construídas. Para esse objetivo, analisaremos o discurso do Jornal da Manhã, entre os anos de 1954 e 1957, período conhecido na história do Brasil como “anos dourados”. Esta denominação se explica pelo momento de crescente modernização que fez parte da vida pública e privada das famílias de classe média/alta no país entre 1946 e 1960. Com as novas tecnologias, vieram também muitas mudanças em relação a participação das mulheres no mercado de trabalho. Também tivemos uma grande difusão dos meios de comunicação, como revistas, jornais, televisão e rádios. Mas assim como as transformações, muitas permanências também fizeram parte deste contexto, algumas presentes até os dias de hoje.

Vamos juntos desvendar essa História?

### 3.5 CONCEITO DE GÊNERO

Mas... o que é gênero? Você já deve ter ouvido falar nessa palavra!

Podemos concordar que entre as cores branca e preta existe uma infinidade de tons, certo? Então por qual motivo somente a cor rosa representa as meninas e a cor azul os meninos? Por essas e outras questões o conceito de gênero é essencial para compreendermos que há uma diversidade muito grande de pessoas ao nosso redor, e cada uma pode carregar um arco-íris dentro de si.

Nós sabemos que homens e mulheres dividiram o mesmo espaço e tempo em todos os períodos históricos. Porém, grande parte dessas histórias foram contadas apenas pela visão masculina. Mas por quê?

Durante muito tempo os estudos históricos se basearam em documentos chamados de “oficiais”, que registravam apenas as ações desenvolvidas pelos homens – considerados os chefes dentro e fora do ambiente do lar. Estes homens também representavam uma elite branca, heterossexual e cristã. Todos que não se enquadravam nesse padrão ficavam excluídos da narrativa histórica. Entre eles podemos citar os mais pobres, os negros, os analfabetos e as mulheres.

Sendo assim, será que podemos dizer que grande parte da História que nós conhecemos está incompleta? Teríamos visões diferentes se conhecêssemos as histórias que não foram contadas?

Essas pessoas que não tiveram suas vozes ouvidas ficaram conhecidas como minorias, já que não alcançaram espaço no poder político da sociedade e muitas vezes não tiveram nem os seus direitos garantidos. Mas em vários períodos encontramos formas de resistências vindas desses grupos sociais. Foi através de muitas lutas que essas vozes se uniram e tornaram coletivos os problemas que enfrentavam individualmente.

Graças a esses movimentos que histórias silenciadas foram reconhecidas e se tornaram objeto de pesquisa. Entre elas, destacamos nesse material a história das mulheres. Através do movimento feminista muitos direitos e espaços foram conquistados. Outra mudança alcançada diz respeito à elaboração do conceito de **gênero**.

A partir de então, seria necessário mais do que apenas considerar a história das mulheres um complemento da história dos homens. Era necessário questionar as estruturas da sociedade para compreender como homens e mulheres se

relacionaram no decorrer do tempo – é essa relação que vai construir os papéis femininos e masculinos.

Para compreender esse cenário, o conceito de gênero contou com a fundamental contribuição da historiadora e professora da Escola de Ciências Sociais do Instituto de Altos Estudos de Princeton (EUA), Joan Wallach Scott. Ao questionar os motivos que fizeram as mulheres se tornarem invisíveis na História, a autora sugeriu que as diferenças existentes entre homens e mulheres precisavam ser explicadas e não somente citadas. A partir de então, gênero passou a ser considerado uma construção cultural do que é ser homem e ser mulher. Ou seja, essas diferenças não eram “naturais”, mas sim impostas pela sociedade.

Então, afinal de contas, quem decide o que é “coisa de mulher” e o que é “coisa de homem”?

Vamos tentar descobrir!

### 3.6 VAMOS CONHECER O JORNAL DA MANHÃ?

O *Jornal da Manhã* foi fundado em Ponta Grossa, no Paraná, no dia 4 de julho de 1954 e teve como Diretor Gerente Adherbal Calderari, Diretor Superintendente Petrônio Fernal e como Chefe de Redação o professor e jornalista João Ricardo Von Borell Du Vernay (SANTOS, 2014).



Capa da edição de 08/08/1954 do Jornal da Manhã. Fonte: Foto da autora.

A primeira edição do jornal apresentou ao povo pontagrossense a intenção de ser um veículo de imprensa marcado pelos princípios morais e cristãos (católicos). Essa postura é apresentada em algumas colunas como a “Ideias e Opiniões”, assinada por Daily Luiz Wambier e outra de autoria de Omar Leite Gondim, sem título fixo. O espaço era garantido diariamente a esses escritores na página três, onde o primeiro escrevia sobre política e questões sociais, enquanto o segundo publicava reflexões sobre a existência humana. Os papéis que deveriam ser desenvolvidos por homens e mulheres muitas vezes eram citados, bem como a necessidade de as pessoas aliarem suas vidas aos ensinamentos cristãos.

Voltado para o público feminino, o jornal publicava a coluna “Da Mulher para a Mulher”. A coluna foi inaugurada no dia primeiro agosto de 1954 e sua publicação se manteve por pouco mais de três anos. Durante 2 anos a publicação era diária, sempre na sétima página, depois de todas as principais notícias e ao lado da coluna social. Este lugar dentro do jornal aponta também para o lugar que cabia as mulheres naquela sociedade: à sombra do marido e do que a ele era destinado. No

seu último ano de veiculação, a coluna foi publicada de maneira esporádica, sem dias fixos, até a sua última publicação no dia três de maio de 1957.

osto de 1954 Sétima página

## Da Mulher Para a Mulher

**MANTENHA SUA LINHA**

Não deixe desaparecer essa silhueta esbelta que você conseguiu durante o verão nas praias ou em longas temporadas ao lar livre, bem como graças a uma alimentação equilibrada que lhe fez um bem enorme. Pois continue a seguir esse regime de alimentação e a fazer um pouco de exercício.

Aprender a fazer a contagem das calorias não é uma coisa que se consiga da noite para o dia. Será preciso algum esforço, mas você terá a recompensa de saber que quando aprender a contar as calorias o seu peso não aumentará nem de algumas gramas que seja. Há uma porção de livros que ensinam a contar as calorias. Quanto aos exercícios, também, e até já se fabricam nos Estados Unidos lenços que trazem impressas todas as figuras indispensáveis.

Conte as calorias de cada refeição e não se esqueça de que se tomar uma laranja, vamos dizer, entre as refeições, isso influirá também na contagem final. Seja honesta na alimentação para que algumas dezenas de calorias não se introduzam na sua alimentação diária. Lembre-se de que as calorias a mais ficarão no seu organismo e não sairão enquanto você não fizer alguma coisa para que se retirem. As calorias não são como as vitaminas. As calorias, quer você as queira quer não, ficarão no seu organismo, ao passo que as vitaminas, depois de servirem às necessidades do seu organismo, terão o seu excesso eliminado.

Conserve a elegância do seu corpo e ele conservará a sua aparência juvenil. Além dos exercícios, procure fazer um pouco de marcha, de 10 a 15 minutos por dia. Caminhar ao ar livre servirá para que você respire ar fresco e purifique a corrente sanguínea. Dessa atividade resultarão benefícios orgânicos e morais que melhorarão a sua aparência física.

Procure não perder, no inverno, os resultados vantajosos conseguidos durante o verão. Em benefício da sua beleza, faça exercícios e não se descuide do regime alimentar.

**PERU À BRASILEIRA**

Um pouco antes de matar-se o peru embebba-se o mesmo com um copo de aguardente. Quando este cair, mata-se, fazendo-se um corte no

pescoço mais ou menos no meio. Dependura-se então pelas pernas para que o sangue escorra bem. Logo a seguir, enquanto ainda quente, depena-se. Deve ser depenado a seco e não como as outras aves que são depenadas com água fervendo. Depois de depenado chamasca-se em fogo bem forte para retirar as penugens. Para clarear o peru, esfrega-se com fubá.

Retira-se então o papo com cuidado, o que se consegue cortando-se o resto do pescoço que ainda está no peru. Corta-se bem rente, puxando-se antes a pele do mesmo para que fique inteira, e abre-se no lado da direção do papo. Para se retirar do peru as tripas, coração, fígado e moela, abre-se o peru na parte de baixo.

Lava-se muito bem o peru, os miúdos e o papo. Põe-se tudo em uma terna e tempera-se com o seguinte: vinagre, vinho branco, alho socado, limão, salsicha, mangerona, cebola cortada em rodela, louro, pimenta do reino e sal. Faz-se alguns furos no peru para que entranhe bem o tempero. Esfrega-se bem o peru e o papo por dentro, com esse mesmo tempero. Deixa-se assim até o dia seguinte.

Coluna Da Mulher para a Mulher, edição do dia 15/08/1954.  
Fonte: Foto da Autora.

A coluna apresentava muitas receitas culinárias e regras sobre o que era considerado o ideal feminino, que estava ligada ao modelo de boas moças, mulheres e mães das classes mais altas. *Da Mulher para a Mulher* ficava na sétima página, na penúltima folha, apresentando às mulheres e homens qual era o lugar feminino e o papel esperado para ser bem-sucedida na vida: ter uma postura discreta, casar-se com um homem provedor e ser uma mãe dedicada aos filhos e ao lar. A família conjugal e economicamente privilegiada se apresentava como modelo dominante. Além disso, algumas publicações fora da coluna apresentavam uma realidade diferente. As mulheres que fugiam às regras de conduta da elite eram tratadas de maneira pejorativa e expostas como exemplo a não ser seguido.



As demais matérias e notícias que se espalhavam nas outras páginas do jornal eram direcionadas ao público masculino: política, notícias locais/nacionais/internacionais, esporte e classificados.

É através da análise dessas publicações do *Jornal da Manhã* que iremos tentar responder de que maneira o “ser mulher” e o “ser homem” eram definidos através da imprensa.

Vamos lá?

### 3.7 ATIVIDADES

#### 3.7.1 Unidade I:

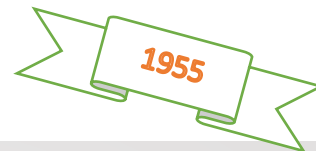
## **GÊNERO E INFÂNCIA**

Durante muito tempo foi defendida a ideia de que as responsabilidades com a criação dos filhos era uma atividade essencialmente materna. Essa construção se inicia ainda na infância das meninas, ao brincarem de “casinha” com as suas bonecas. Essa prática reforça a concepção de que a mãe é a quem cria. Você já se perguntou por que meninos “não podem” brincar com bonecas? Brincar de ser “pai” o tornará menos masculino?

Junto a essa educação para a maternidade, as meninas também sempre foram influenciadas a desenvolver sua vaidade desde muito cedo. Cuidar da roupa, do sapato, do cabelo, usar perfume... será que essas ações definem a feminilidade?

Essa ideia, ainda presente nos nossos dias, faz parte das construções sociais que definiram ao longo do tempo o que seria papel de menina e de menino. No *Jornal da Manhã*, nosso objeto de estudo, esse discurso era comum.

Vamos ver um exemplo?



## DOCUMENTO HISTÓRICO

### **Nunca é cedo demais!**

Os hábitos, bons ou maus, são geralmente adquiridos em criança. Por isso, todas as mães devem ter como obrigação fazer com que seus filhos, meninas ou meninos, cresçam com bons hábitos de higiene, hábitos que mais tarde serão transformados em uma segunda natureza.

E existem períodos em que as crianças são rebeldes, e desanimadora é a obrigação de ensinar-lhes qualquer coisa. Mas não perca a coragem nesses períodos difíceis: continue a tentar!

A menina costuma ser vaidosa, desde muito cedo, gostando de vestidos bonitos e de arranjar-se bem. Trate, então, de aproveitar essa tendência para ensinar a sua filhinha a conservar sempre limpos seus pertences, bem como seu próprio corpo.

Se sua filha não gosta de lavar a cabeça, experimente um xampu só para ela. Verá que com êste interesse, a lavagem da cabeça se tornará para ela, um prazer. Ela sairá do banho sem reclamar, se já tiver pronta, a seu lado, sua lata de talco para aplicar na pele, depois de sêca. E assim você estará implantando, na sua menina, o hábito de estar sempre limpa.

Seu garoto também merece atenções, especialmente durante o período de férias, quando costuma chegar em casa necessitando de uma escovadela em regra. Veja que êle tenha seus próprios objetos de limpeza, como, por exemplo, sua escova de unhas e a tesourinha para apará-las.

Os pés das crianças devem ser examinados, principalmente quando elas andam descalças. Tenha sempre em casa completo material para socorro urgente, a fim de poder cuidar imediatamente dos infundáveis arranhões e esfoladuras dos garotos quando brincam.

E, ao vê-la tê-lo esse cuidado, seus filhos adquirirão também o hábito de examinar e cuidar dos próprios pés, sem esperar que você o faça.

[Jornal da Manhã, coluna "Da Mulher para a Mulher", pág. 07. Publicado em 27 de maio de 1955]



## VAMOS APROFUNDAR?

1. De acordo com o texto divulgado em 1955, quem tinha a obrigação de cuidar dos hábitos de higiene dos filhos? Reescreva o trecho do texto que indica essa resposta.

*A mãe.*

*"[...] todas as mães devem ter como obrigação fazer com que seus filhos, meninas ou meninos, cresçam com bons hábitos de higiene, hábitos que mais tarde serão transformados em uma segunda natureza".*

2. A partir dessa leitura podemos perceber que foram definidos papéis distintos para meninas e meninos desde a infância. Descreva abaixo as regras estabelecidas para cada um de acordo com o texto:

Meninas:	<i>Professor, estimule seus alunos a destacar no texto as características definidas para as meninas. Através da leitura podemos perceber que as meninas deveriam ser vaidosas, gostar de vestidos bonitos, estar sempre arrumadas e, portanto, limpas – praticamente uma mulher adulta em miniatura. Preocupada com a sua aparência desde muito cedo, as brincadeiras das meninas não permitiam aventuras como as dos meninos.</i>
----------	--

Meninos:	<i>Em relação aos meninos as atividades eram outras. Um banho e um corte nas unhas eram o suficiente para manter a higiene em dia. Os garotos podiam se divertir fora de casa, onde colecionavam infundáveis arranhões e esfoladuras após as suas brincadeiras. Diferente das meninas, eles não tinham responsabilidades com a vaidade. Se preocupavam apenas em ser crianças.</i>
----------	--

3. Na sua opinião, por que o texto recebe o título “*Nunca é cedo demais!*”?

*Resposta pessoal. O ideal é que os estudantes percebam que as regras sociais eram estabelecidas desde a infância, assim como as diferenciações de gênero.*



## PARA REFLETIR

Até agora falamos sobre as crianças que viveram a sua infância. Mas você sabia que existiram e ainda existem crianças que não têm a oportunidade de aproveitar essa fase das suas vidas? Muitas são colocadas no ambiente de trabalho desde muito pequenas para auxiliar no orçamento familiar. Outras exercem funções de adultos dentro do próprio lar. As vezes a mesma criança trabalha dentro e fora do seu ambiente doméstico, assumindo uma dupla jornada de trabalho.

No Brasil, segundo o FNPETI<sup>12</sup> (Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil) em 2013, das 42,2 milhões de crianças e adolescentes com idade entre 5 e 17 anos, 40,3% (17 milhões) realizavam afazeres domésticos. Desse total, 63,5% (10,8 milhões) eram meninas.

De acordo com a Plan International Brasil<sup>13</sup>:

A distribuição dos afazeres revela uma desigualdade de gênero no espaço doméstico. simplesmente por ser menina, ela é tratada como a pessoa responsável pelas tarefas domésticas, o que tira dela parte

<sup>12</sup> O FNPETI é uma instância autônoma criada em 1994 com o apoio da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). O órgão desenvolve estratégias que promovem a prevenção e erradicação do trabalho infantil no Brasil. Para mais informações, acesse: [www.fnpeti.org.br](http://www.fnpeti.org.br)

<sup>13</sup> A Plan International Brasil é uma ONG (Organização Não Governamental) que defende os direitos das crianças, adolescentes e jovens, com foco na promoção da igualdade de gênero. Para mais informações, acesse: [www.plan.org.br](http://www.plan.org.br)

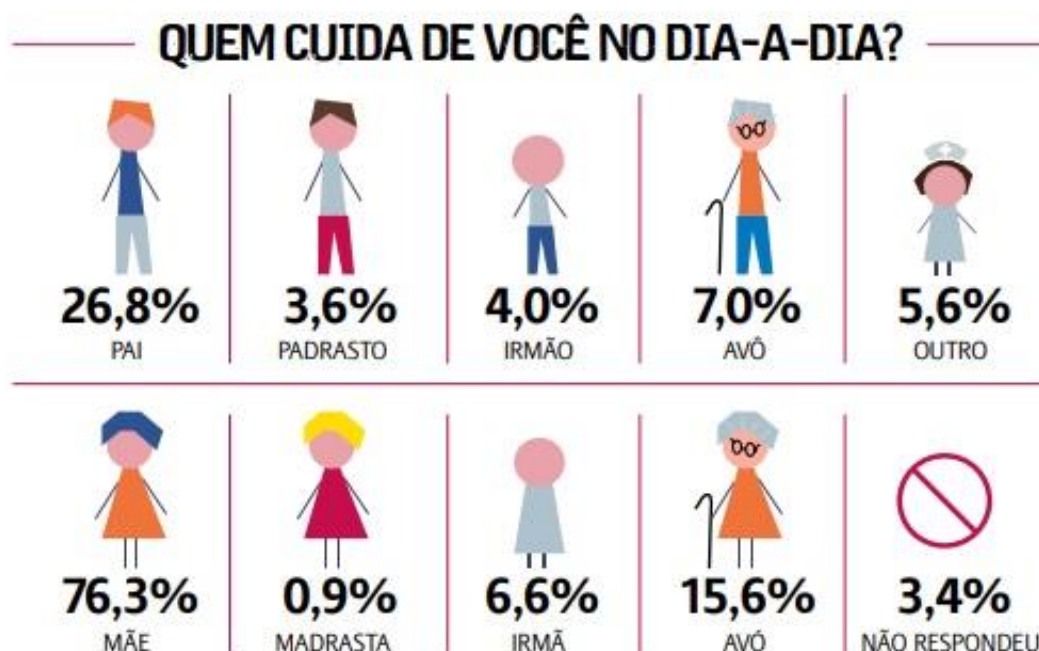
de sua infância quanto ao direito de brincar, estudar e de não assumir responsabilidades em substituição de adultos. (PLAN INTERNACIONAL BRASIL, 2014)

Com isso, podemos dizer que a desigualdade de gênero permanece fazendo parte da nossa realidade não só em relação às brincadeiras e as cores azul e rosa. Se levarmos em conta a desigualdade social do nosso país, os problemas são ainda mais profundos.



## ANALISANDO!

Em uma pesquisa<sup>14</sup> realizada pela Plan International Brasil em 2013 em escolas das capitais de cinco regiões do Brasil, 1771 meninas estudantes (ensino fundamental 1 e 2) responderam quem são os entes familiares que cuidam delas no dia a dia. Vamos analisar a porcentagem das respostas:



Fonte: PLAN INTERNATIONAL BRASIL, 2014, p. 08.

<sup>14</sup> Material disponível para acesso em: [http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/1-por\\_ser\\_menina\\_resumoexecutivo2014.pdf](http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/1-por_ser_menina_resumoexecutivo2014.pdf).

Após observar com atenção o quadro acima, responda:

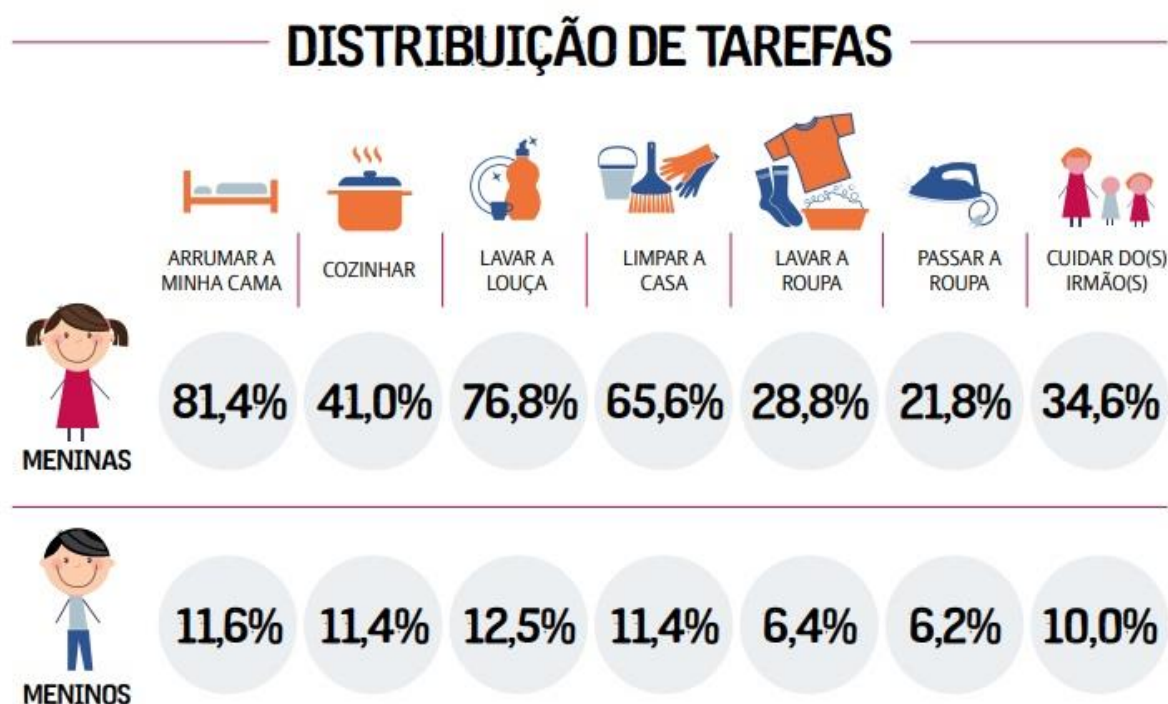
a) Quem é o ente familiar que mais cuidou das meninas entrevistadas?

*Segundo a porcentagem, foram as mães o ente familiar que mais cuidou das meninas. Confirmou-se, assim, que o cuidar ainda é percebido e naturalizado como algo exclusivo do âmbito feminino.*

b) Na sua casa, quem é o ente familiar que mais cuida de você?

*Resposta pessoal.*

Outra pergunta respondida pelas estudantes, foi em relação à distribuição dos afazeres domésticos entre meninos e meninas. Vamos conferir as respostas:



Fonte: PLAN INTERNACIONAL BRASIL, 2014, p. 10.








De acordo com o quadro acima, responda:

a) O que podemos concluir após analisar essas porcentagens?

*É possível compreender que enquanto 81,4% das meninas arrumam sua própria cama, 76,8% lavam louça e 65,6% limpam a casa, apenas 11,6% dos seus irmãos homens arrumam a sua própria cama, 12,5% dos seus irmãos homens lavam a*

louça e 11,4% dos seus irmãos homens limpam a casa. Portanto, se trata de uma distribuição que revela uma desigualdade de gênero no ambiente familiar.

b) Marque com um X nos quadros abaixo quais atividades domésticas são desempenhadas pelas pessoas da sua família:

 Membros da sua família:	 Arrumar a cama	 Cozinhar	 Lavar a louça	 Limpar a casa	 Lavar a roupa	 Passar a roupa

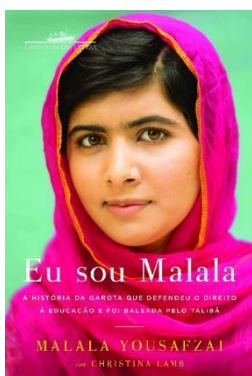
c) O que foi possível concluir a partir da divisão de afazeres domésticos realizada na sua casa?

*Resposta pessoal.*

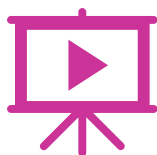


## PARA LER

- FREITAS, Lêda Gonçalves de; SANTOS, Benedito Rodrigues dos (Orgs.). **Ser Menina no Brasil contemporâneo: marcações de gênero em contexto de desigualdades**. Editora CRV, Curitiba, 2016.



- YOUSAFZAI, Malala. **Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013




---

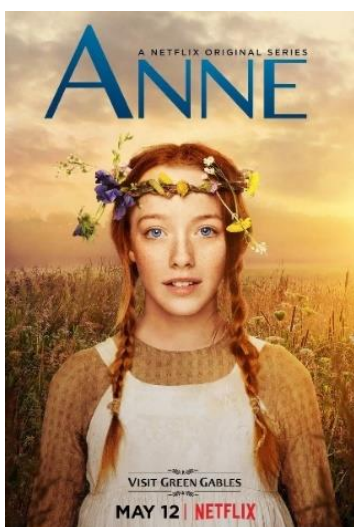
## PARA ASSISTIR

- Documentário: **Essa é minha vez.**

Disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=9IDZHpisbMw>

Sinopse: idealizado pela Plan International Brasil, o filme apresenta nove meninas, das cinco regiões do Brasil, relatando diferentes experiências de vida e abordando, sob suas perspectivas, questões de violência, desigualdade, preconceito, pobreza e exclusão.

- Série: **Anne With an E.**



Baseado no livro “Anne The Green Gables”, a série conta a história de Anne Shirley, uma menina que foi adotada por engano (os pais queriam um menino) para ajudar a realizar tarefas em uma fazenda. Permite fazer uma análise interessante sobre adoção, desconstrução do conceito de família tradicional (Anne foi adotada por dois irmãos), rejeição e feminismo nas ações de uma criança do século XIX, considerada fora dos padrões da época. É possível discutir os papéis sociais das mulheres naquele período e estabelecer conexões com os dias atuais.




---

## PARA SEGUIR

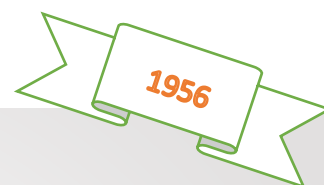
- Instagram: @feminismojovem | @heforshe

3.7.2 Unidade II:



## A INVENÇÃO DA BELEZA

Durante a década de 1950 era comum que os conselhos de beleza publicados em revistas e jornais estabelecessem como regra geral “manter a linha”. O objetivo maior era a construção de mulheres que, através da sua postura e dos seus dotes, se destacassem no “jogo matrimonial”, ou seja, na conquista de um marido. Mais do que uma preocupação com um ideal de beleza, o essencial era estabelecer um ideal feminino – mulheres prendadas, discretas, amáveis e obedientes. Essa era a receita das mulheres “distintas” – que acabava influenciando também a sua aparência. (SANT’ANA: 2018). Tal distinção aparecia no discurso da coluna feminina do Jornal da Manhã de diversas maneiras, das mais sutis às mais duras. No dia três de agosto de 1956, foi publicado um texto intitulado “*Nem muito... nem muito pouco!*”, que apresentava dicas de beleza para as pernas femininas, beleza esta considerada de extrema importância para a chegada do verão. Vamos conferir?



### DOCUMENTO HISTÓRICO

#### **Nem muito... nem muito pouco!**

Os primeiros dias de sol quente fazem pensar no verão e no alegre período das férias, em que “shorts” e “maillots” de banho permitirão a todos aproveitar plenamente os benefícios do sol. E então a beleza das suas pernas será de extrema importância na harmonia da sua silhueta.

#### **VOCÊ TEM A PERNA E A COXA FINAS?**

A falta de desenvolvimento muscular dos membros deve-se a uma existência demasiado sedentária, à falta de exercício, à carência de toda prática de “engrossá-las” consistirá em desenvolver os músculos pela cultura física. Insista particularmente nos movimentos de flexão, que lhes darão excelentes resultados.

Pratique o ciclismo e, se isto não lhe fôr possível, execute o movimento dito de “bicicleta, deitada de costas, 40 vezes por dia. Êste exercício trará benefício para as suas pernas e para os seus músculos abdominais. Ande o

que puder; vá a pé para o trabalho e substitua as sessões de cinema por longos passeios ao ar livre. E se apreciar a dança, frequente bailes; a dança é uma cultura física natural, que tem a vantagem de não ser enfadonha. Pernas bem musculadas nunca são finas.

### **VOCÊ TEM A PERNA PESADA E A COXA MUITO GROSSA?**

**1ª causa – Insuficiência muscular** – Você é preguiçosa, negligente, com tendência a engordar. A cultura física pode fazer emagrecer, assim como pode fazer engordar. Para as suas pernas, alternar os movimentos de **alongação** (nas quais você insistirá mui particularmente) com os movimentos de **flexão**. Mas, no seu caso, os exercícios deverão ser executados sempre energeticamente e com contração dos músculos.

**2ª causa – Você tem celulite** – É nas panturrilhas, nos joelhos, nas coxas e nas ancas que ela se instala as mais das vezes. A celulite pode ser combatida pela cultura física, mas impõe-se o competente tratamento médico para sua completa eliminação. Consulte um bom médico para sua completa eliminação. Consulte um bom especialista e siga rigorosamente as prescrições que o mesmo lhe fizer.

São vários os processos atualmente utilizados no tratamento de celulite: aplicação de parafina, banhos de musgo ou de luz, seguidos de massagem em profundidade, que opera o esmagamento progressivo das nodosidades celulíticas. Essa massagem é muita vez desagradável, mas nunca deve ser brutal, pois poderia provocar uma reação que determinaria o agravamento da anomalia. Recorra aos préstimos de massagistas especializados neste tratamento.

São igualmente recomendáveis certos tratamentos elétricos, que ativam a circulação e auxiliam a eliminação dos dejetos orgânicos e das massas gordurosas.

### **AS VARIZES**

**Como evitá-las** – Vigie o seu fígado. Restabeleça a sua circulação, descongestionando as pernas; para isso, durma com os pés em plano mais alto que a cabeça (basta enfiar um travesseiro debaixo do colchão). Poderá também estirar-se no leito, várias vezes ao dia, apoiando os pés na parede, pernas verticalmente elevadas. Ou à americana, sentando-se numa boa poltrona e descansando os pés em cima da mesa; mas faça-o quando estiver

extirpar a parte varicosa da veia. Ambos esses tratamentos pertencem estreitamente ao domínio médico e não podem ser praticados senão por médicos especialistas.

[Jornal da Manhã, coluna “Da Mulher para a Mulher”, pág. 07. Publicado em 03 de agosto de 1956]



## VAMOS APROFUNDAR?

1. Essa publicação elencou uma série de dicas de beleza para mulheres com biotipos diferentes. Como os corpos das mulheres foram classificados?

*Foram separados em tópicos, diferenciando as mulheres entre: as que tem pernas e coxas finas, as que tem as pernas pesadas e coxas grossas e as que possuem varizes.*

2. Para as mulheres que tinham pernas pesadas e coxas grossas, o texto apontou duas possíveis causas. Qual seriam essas causas?

*1ª causa: essas mulheres possuíam insuficiência muscular por serem preguiçosas, negligentes e com tendência a engordar; 2ª causa: elas teriam celulite e por isso deveriam buscar várias alternativas para melhorar a sua aparência, como exercícios, massagens e até mesmo tratamentos “elétricos”.*

3. Por último, as mulheres que tivessem varizes, deveriam fazer movimentos para favorecer a circulação sanguínea. Um desses movimentos consistia em sentar-se em uma poltrona e descansar os pés em cima da mesa. Essa ação poderia ser realizada a qualquer momento? Explique.

*Não, apenas quando as mulheres estivessem sozinhas, porque essa postura era considerada indício de má educação.*

4. O documento cita corpos diferentes e indica qual medida deveria ser tomada para cada um. É possível dizer que existia apenas um padrão de beleza nesta época?

*Não de maneira específica. Podemos concluir que as mulheres deveriam permanecer buscando meios de aperfeiçoar os seus corpos, independente do seu tipo físico. Do contrário, seriam consideradas “preguiçosas”.*

5. Compare o texto “*Nem muito... nem muito pouco!*” com esse trecho publicado no

## DOCUMENTO HISTÓRICO



### Treinamento de beleza para as adolescentes

Não há mocinha que não goste de cuidar-se e a quem não seja difícil esperar pelo dia em que possa entregar-se ao prazer de um tratamento completo de beleza. Por isso mesmo, as mães devem ir encaminhando as filhas nos cuidados de beleza e na preocupação de realçar a própria feminilidade, pois é nessa idade que se criam os bons hábitos que duram a vida inteira.

Um bom começo para êsse treino benéfico é pôr à disposição da mocinha os seus sais de banho e, especialmente, os pacotes que produzem a espuma tão salutar para a pele. A fim de tirar os melhores resultados, a mocinha deve jogar dentro da banheira, bem embaixo da torneira o conteúdo de um pacote e colocar o dedo na torneira para que a água saia em esguicho, caso não haja pressão suficiente nos encanamentos.

Depois do banho, a adolescente deve habituar-se ao uso de colônias ou de águas de “toilette” levemente perfumadas. É preciso deixar que ela mesma escolha dois ou três perfumes que lhe agradam, pois isso lhe dará muita satisfação e uma sensação de segurança.

Essas pequenas coisas fazem parte da vida de toda mocinha e são preciosas para a sua educação social. O uso dêsses produtos dá-lhe a sensação de já ser crescida e ela se esforçará por mostrar à mãe que sabe cuidar de si.

Ensine a escovar os cabelos e até a fazer um xampu sob sua direção. Deixe-a fazer as unhas, usando verniz claro ou rosa-claro.

Êsse treino inicial de beleza servirá a sua filha tôda a vida e ela se lembrará com orgulho de que você ajudou eficientemente a atravessar a difícil ponte que vai da menina à mocinha.

[Jornal da Manhã, coluna “Da Mulher para a Mulher”, pág. 07. Publicado em 21 de agosto de 1954]

mesmo jornal dois anos antes:

Após concluir a leitura, responda:

a) Aponte uma semelhança e uma diferença entre os dois textos.

*Semelhança: os dois falam sobre a necessidade de as mulheres serem vaidosas e sempre cuidarem da sua aparência.*

*Diferença: O primeiro é direcionado às mulheres, o segundo é direcionado às adolescentes.*

b) É possível sugerir a qual classe social a adolescente descrita no texto fazia parte?

*Possivelmente fazia parte da elite, pois as orientações de beleza descrevem a utilização de banheira com sais e o uso de colônias perfumadas, itens nem sempre acessíveis às demais classes sociais.*

c) Segundo o documento, o que iria garantir a educação social das mocinhas?

*A realização de tratamentos de beleza que realçassem a feminilidade e que deveriam se tornar um hábito durante toda a vida.*

d) Aprendemos através do conceito de gênero que as características estabelecidas para homens e mulheres no decorrer do tempo são construções sociais e não simplesmente diferenças naturais. Considerando isso, é possível dizer que os textos publicados pela coluna “Da Mulher para a Mulher” contribuíram para construir um ideal feminino?

*Resposta pessoal. É importante que os estudantes percebam que os discursos divulgados pela coluna contribuíram para reforçar um ideal de feminilidade que unia corpo (aparência) e comportamento (regras a serem seguidas) - um deveria ser reflexo do outro. Essa era a receita das “mulheres distintas”, que se destacavam socialmente.*

Os conselhos de beleza publicados pela coluna “Da Mulher para a Mulher” levavam as mulheres a desenvolver a necessidade de ter um casamento bem-sucedido no futuro. Os cuidados com a higiene e a aparência deveriam ser constantes, praticamente formariam a base de sustentação da estrutura do

matrimônio. Portanto, longe de ser uma realização pessoal com o próprio corpo, tais cuidados eram dirigidos às expectativas do marido.

Seus discursos apontavam, inclusive, que a falta de beleza era uma questão de escolha, pois as mulheres possuíam uma enorme gama de recursos para cuidarem da sua beleza. Após a Segunda Guerra Mundial, os produtos de higiene pessoal passaram a ser produzidos em ampla escala. Quase uma década depois, o consumo destes produtos não marcava apenas a “distinção” entre as classes sociais, mas também impulsionava o consumidor a participar do *american way of life* (DEL PRIORE, 2017, p. 314). Foi na década de 1950 que muitas propagandas prometiam juventude e beleza em produtos como Cashmere Bouquet e os sabonetes perfumados Lifeboy, Lever, Palmolive e Gessy. As marcas buscavam através de perfumes e essências florais acentuar o imaginário da “mulher-flor”: as meninas eram brotos que desabrochavam em bailes de debutantes e deveriam ser colhidas na hora certa por bons partidos. Após casadas, se transformavam em rosas, rainhas do seu próprio jardim, o lar (SANT’ANNA, 2018, p.112).

Para se enquadrar nessa representação seria necessário comprar, consumir e se comportar conforme o discurso publicitário (JASKIU, 2018, p. 19). E a representação publicitária dava o tom discursivo das colunas e revistas destinadas ao público feminino, a ponto de publicar que “*se é feia, é porque quer*”.

Vamos conhecer mais um pouco sobre a construção social da beleza na década de 1950?



## DOCUMENTO HISTÓRICO

### Se é feia, é porque quer

Antigamente falava-se em mulher bonita porque as mulheres não tinham tantos meios para se tornarem belas ou atraentes como agora. Ao atingirem os trinta anos, consideravam-se velhas e em realidade o eram. Se você não acredita, folheie os velhos álbuns de família.

Embelezamento, naquele tempo, era considerado como uma coisa atentatória à moral, como um recurso indigno de uma mulher honesta, uma coisa vergonhosa que não era permitida às moças de família.

Hoje, felizmente, reprova-se o contrário, isto é, a falta de vaidade, de cuidados, no embelezamento físico. O culto à beleza tem tornado a mulher não só mais bela de aparência, mas também mais humana, mais feliz.

A pele pode rejuvenescer pelo simples fato de dar maior atenção às regras de saúde, tomando ar fresco diariamente, fazendo exercícios, comendo apropriadamente, usando cremes protetores e nutritivos.

Mesmo os cabelos mais sem vida podem tornar-se lindos, macios, flexíveis.

A mulher, enfim, pode fazer do seu físico o que deseja. Pode e deve. Não se tolera mais uma mulher desleixada, gorda como uma bola, nem de carnes moles como um pudim. Qualquer mulher pode fazer dieta, exercícios, parecer bela, elegante, distinta. Isto leva tempo, reconhecemos, exige paciência, é certo, mas pode e deve ser feito.

[Jornal da Manhã, coluna "Da Mulher para a Mulher", pág. 07. Publicado em 19 de setembro de 1954]

## VAMOS APROFUNDAR?

Após a leitura do texto e do documento, responda:

a) Qual era o período histórico que o mundo vivia no período em que essa fonte histórica foi escrita?

*O mundo nesse período ainda passava por transformações proporcionadas pelo fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945.*

b) É possível relacionar o título do documento com esse período histórico? Explique.

*Sim. Após a Segunda Guerra Mundial, os produtos de higiene pessoal passaram a ser produzidos em larga escala. Mesmo uma década depois do fim da guerra, o consumo desses produtos não marcava apenas um fator de “distinção social”, mas também promovia o consumo de massa. Foi na década de 1950 que muitos produtos passaram a prometer juventude e beleza às mulheres através das suas propagandas.*

c) Segundo o texto, cuidar da saúde, usar produtos e roupas adequadas não garante apenas a beleza. O que mais essas medidas garantiriam às mulheres?

*As mulheres que seguiam todas as regras de beleza se tornam “distintas” socialmente, seriam vistas como superiores.*

d) Retire do texto o trecho que descreve qual tipo de mulher não era tolerada naquela época, e o que ela deveria fazer para mudar sua aparência:

*Não eram toleradas “mulheres desleixadas, gordas como uma bola, nem com carnes moles como um pudim”. Todas as mulheres poderiam e deveriam fazer dieta, exercícios, parecerem belas, elegantes e, portanto, distintas.*

e) Procure no dicionário o significado da palavra “distinta”.

*Segundo o Dicionário Online de Português<sup>15</sup>, “distinta” é o feminino de distinto. O mesmo que: clara, diversa, educada, ínclita, separada.*

*Distinto: Que é diferente; sem semelhança; que não pode ser idêntico, nem igual; diferente: cantar é distinto de atuar; processos de natureza distinta. Que incita respeito; digno de respeito; ilustre: distinto professor. Que tende a se destacar por ser elegante; discreto: ator distinto.*

*Sinônimos de Distinta: clara, diversa, educada, ínclita, separada.*

f) Na sua opinião, por que naquela época as mulheres que seguissem as regras impostas pela sociedade eram chamadas de “distintas”?

---

<sup>15</sup> Disponível para acesso no endereço: <https://www.dicio.com.br/>



*Porque elas se diferenciariam das outras mulheres que não se enquadravam neste perfil, se destacavam pela aparência e pelo comportamento. Mulheres que seguissem padrões diferentes ou não aceitos eram consideradas inferiores ou desvirtuadas.*



## PARA REFLETIR



### ANALISANDO!

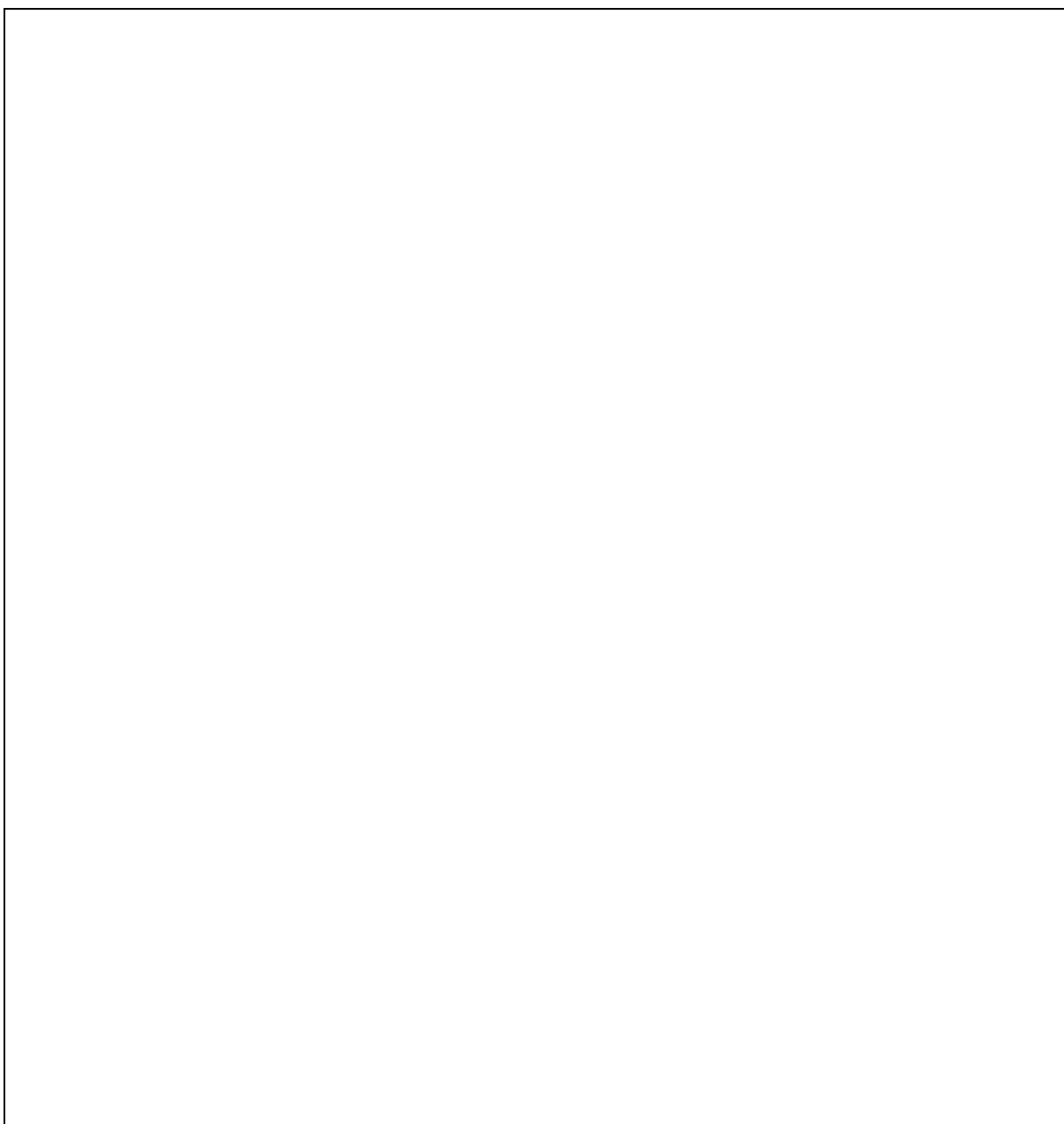
1. No decorrer dessa unidade de estudo, percebemos que os meios de

Imagine a seguinte situação: você está no primeiro dia de aula, em um colégio novo, onde não conhece ninguém. Logo na primeira aula, o professor pede para que cada um se apresente para a turma. Você logo começa a sentir calafrios, tremores, as suas mãos começam a suar e a sua boca fica seca pela ansiedade causada por essa exposição. Já passou por isso?

Essa é uma circunstância comum a muitas pessoas quando precisam falar em público. As vezes é confundido com timidez, mas pode também estar relacionado ao fato de não gostar de ser observado. Como será que as pessoas vão me perceber? Para qual parte do meu corpo elas vão olhar com mais atenção? Essa insegurança sobre o julgamento que podemos receber afeta a maneira como aceitamos a nossa própria aparência. Mas por que será que nos sentimos tão desconfortáveis com isso? De onde vem esse sentimento?

Se antes os padrões de beleza eram ditados pelos jornais, revistas, cinema e televisão, hoje estão na palma das mãos através do celular. Vivemos em uma realidade onde as imagens das pessoas são expostas a todo o tempo. Frequentemente as redes sociais criam ferramentas novas para compartilhamento de fotos e vídeos, incluindo filtros e programas para aperfeiçoamento de imagem. Se analisarmos com cuidado podemos perceber que os conceitos de beleza estabelecidos antes e agora são, na verdade, mitos. Ou seja, são construídos pela sociedade. Quem decide o que é belo? Será que os padrões se repetem?

comunicações influenciaram a construção de mitos de beleza ao longo do tempo. Vimos que na década de 1950 as mulheres já eram expostas a determinadas práticas para alcançar o ideal de beleza da época. E nos dias de hoje? Como as mulheres são representadas? Quais mulheres são representadas? Pesquise em jornais e revistas atuais imagens e propagandas voltadas ao público feminino. Recorte as imagens e utilize o espaço abaixo para colá-las:



2. Após a sua pesquisa, quais relações são possíveis estabelecer entre as publicações voltadas para as mulheres na década de 1950 e nos dias de hoje?

*Resposta pessoal.*

3. Na publicidade impressa nem sempre o mito da beleza se sustenta. Muitas vezes as fotos das modelos recebem retoques antes de serem exibidas. O mesmo acontece com as fotos publicadas nas redes sociais. Pesquise perfis de celebridades da internet, blogueiras de moda e influenciadoras. Você consegue identificar nas suas fotos algum tipo de manipulação feita através de programas de edição de imagem? Descreva abaixo o que você descobriu nessa investigação:

*Resposta pessoal.*

4. Agora observe as propagandas de produtos de beleza que você utiliza. Quem são as pessoas que representam essas marcas? São modelos brancas, negras, gordas, magras? Você se sente representada por essas mulheres?

*Resposta pessoal.*

5. Observe a charge abaixo:



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmadinho>

O Armadinho é um personagem criado pelo escritor e ilustrador Alexandre Beck. Após a leitura dessa tirinha, responda no espaço abaixo o que seria um “corpo perfeito” para você:

*Resposta pessoal. Estimule os alunos a perceberem que todos os corpos são perfeitos e precisam ser valorizados.*



PARA LER

- Texto: **Como o Instagram pode afetar a sua autoestima?**

Disponível em: <https://meninaslideres.org.br/app/fala-menina/94>

- Texto: **As consequências da pressão estética para meninas.**

Disponível em: <https://meninaslideres.org.br/app/fala-menina/84>



---

## PARA ASSISTIR

- Documentário: **O dilema das redes.**

Sinopse: O documentário mostra como a tecnologia pode controlar as nossas maneiras de ser, pensar e agir. Revela que as mídias sociais estão reprogramando a sociedade e moldando a sua maneira de viver.

Disponível: Netflix.

- Vídeo: **Dois Minutos para entender a desigualdade racial no Brasil.**

Sinopse: Os padrões de beleza no Brasil estão relacionados às discriminações raciais. Por sua história de colonização e escravização de pessoas negras, o país tem marcas profundas de desigualdades raciais. Este vídeo ajuda a compreender melhor esse contexto.

Disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=ufbZkexu7E0>

- Vídeo: **Hair Love – Amor aos cabelos.**

Sinopse: O cabelo tem um papel muito importante na construção da autoconfiança e da autoestima. Pessoas que não possuem cabelo liso têm mais dificuldades em aceitar as suas formas cacheadas. Esse vídeo ganhou o Oscar de melhor curta-metragem em 2020 tratando dessa temática.

Disponível no endereço: [https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V\\_Fkw28](https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V_Fkw28)



---

## PARA SEGUIR

Projeto Meninas Líderes.

Disponível no endereço: <https://meninaslideres.org.br/>

Instagram: @meninas\_lideres

### 3.7.3 Unidade III:

## GÊNERO E TRABALHO

Segundo Maria Izilda Matos e Andrea Borelli (2018), o termo “trabalho feminino” por si só apresenta uma dualidade entre funções domésticas e funções remuneradas no mundo do trabalho. O trabalho remunerado das mulheres chegou a ser questionado por apresentar um impedimento das chamadas “funções naturais” das mulheres, as de ser mãe e esposa. Quando olhamos para o passado, é possível perceber que as mulheres sempre trabalharam, em diferentes situações e períodos. Ora exercendo atividades consideradas “vocacionais” (como fiar, tecer, costurar), ora enfrentando preconceitos ao assumirem postos vistos como masculinos. Porém, apesar dessa participação constante no mundo do trabalho, as mulheres só adquiriram o direito de trabalhar livres da autorização do marido em 1943. E somente com a Lei n 4121, de 27 de agosto de 1962, que dispunha sobre a situação jurídica da mulher casada<sup>16</sup>, que ficou conhecido como Estatuto da Mulher Casada, é que foi retirado do Código Civil o direito do marido impedir a sua esposa de trabalhar fora do lar.

Entre 1920 e 1940 houve uma diminuição da participação feminina no ambiente fabril devido a um processo de transformação no processo de industrialização, o qual privilegiava a participação masculina nas linhas de montagem. Por outro lado, houve um maior desenvolvimento no setor de serviços, proporcionando às mulheres o acesso a funções como telefonistas, escriturárias, secretárias e datilógrafas. Empregos direcionados especialmente para as mulheres solteiras, consideradas mais disponíveis, ágeis, dóceis e submissas (MATOS; BORELLI, 2018)

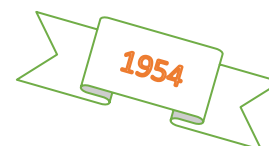
Ao analisar a coluna “*Da Mulher para a Mulher*” foi possível confirmar em seus discursos que as atividades direcionadas às mulheres apontavam para duas realidades: o trabalho doméstico e o formal/profissional. Por vezes as duas funções

---

<sup>16</sup> O texto do Estatuto da Mulher Casada, Lei Nº 4121 está disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4121-27-agosto-1962-353846-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso: 16/03/2021.

eram tratadas como complementares, em outros momentos como rivais. Porém, em qualquer um dos contextos, o trabalho exercido pelas mulheres dentro do lar sempre foi tratado exclusivamente como um prazer natural, sinônimo de felicidade, ou até mesmo uma obsessão.

Vamos conferir?



## DOCUMENTO HISTÓRICO

### Como conseguir e conservar o emprêgo?

- Vista-se com simplicidade e discreta elegância. Prepare-se sempre com tanto cuidado como se fôsse ser apresentada a uma figura importante.
- Evite dizer: “Não sei fazer isso”. Tente antes, dando o melhor de si. O que impede às vezes um bom trabalho é a hesitação.
- Ouça as ordens com o máximo de atenção para não ter que pedir novos esclarecimentos e, ainda, errando em seguida.
- Quando não entender alguma coisa, não jogue um “nada compreendi”. Mas também não implore humildemente e elucidação. Se você fôr hábil, fará as perguntas de tal jeito que obrigará o chefe imperpectivamente a repetir.
- Não fume na sala de trabalho antes de saber se o chefe gosta de fumaças.
- Evite fazer a maquilagem sôbre a máquina de escrever.
- Não grite “OK” quando lhe mandarem fazer alguma coisa.
- Não há necessidade de mascar goma ou de retirar de segundo em segundo um bombom da gaveta.
- Não assuma ar de “eu sou a independência” e muito menos de “pobre

- Não atenda longos telefonemas durante o trabalho. Se chamada ao telefone, não use em voz alta expressões como estas: “Mas isso é formidável, minha filha!” “Que xuxu é” “Não diga, meu bem!” etc.
- Se qualquer coisa no escritório a deixa humilhada, defenda-se. Perdendo o emprego, certamente arranjará outro onde possa conservar a dignidade e o amor de si mesma.
- Agora, use a sua cabeça e “boa sorte”!

[Jornal da Manhã, coluna “Da Mulher para a Mulher”, pág. 07. Publicado em 24 de setembro de 1954]



## VAMOS APROFUNDAR?

1. Qual destas regras chamou mais a sua atenção? Explique.

*Resposta pessoal.*

2. De maneira geral, como as mulheres deveriam se comportar no ambiente de trabalho?

*No trabalho formal as mulheres deveriam manter a discrição e a submissão que já eram impostas para o ambiente do lar. A maneira de se vestir, de se comportar e de se comunicar deveriam ser as mais discretas possíveis para não chamar a atenção para si ou incomodar o patrão.*

3. Uma das regras que as mulheres deveriam seguir nos seus empregos era: “Não assuma ar de ‘eu sou a independência’ e muito menos de ‘pobre mulher que precisa trabalhar’”. Na sua opinião, o que isso quer dizer?

*As mulheres não poderiam demonstrar que eram independentes a ponto de não precisar do trabalho (se mostrar independente também era uma desvantagem para as que pretendiam se casar). Por outro lado, também não deveriam mostrar que eram mulheres que precisavam do trabalho – isso poderia causar uma má*



*impressão sobre os seus pais, ou os seus maridos (que deveriam ser os provedores da casa).*

No Jornal da Manhã o trabalho no ambiente público era encarado como uma atividade possível enquanto as moças fossem solteiras. Muitas vezes essa prática era redomendada inclusive para que as mulheres aprendessem a dar valor ao dinheiro do marido depois do casamento. A partir desse momento era aconselhado às mulheres assumirem a sua posição de dona do lar. Essa atribuição geralmente aparecia em matérias publicadas fora da coluna feminina no Jornal da Manhã.

Vamos conferir?



## DOCUMENTO HISTÓRICO

### Donas de casa

Há manifesta incompatibilidade, a meu ver, entre as tarefas da dona de casa e o exercício de quaisquer funções, fora do lar, por parte da mulher. Uma senhora, quando se casa, deve deixar todos os quefazeres que acaso realizava, em escritórios, bancos, escolas, etc., sob pena de perecer um dos dois setores, isto é, o seu lar ou a sua ocupação fora dele.

Quero, nesta oportunidade, aplaudir a exposição que a superintendente geral do Ensino Primário, do Rio Grande do Sul, fêz ao respetivo Secretário de Educação, a propósito da sua formal reprovação ao exercício magisterial primário) incluem-se os outros, naturalmente) por parte das professoras que se consorciaram. O seu trabalho, que acaba de chegar ao meu conhecimento, é simples e claro. Conta a coisa como ela é, sem fraseado, mas com objetividade. E as suas alegações merecem ser comentadas, porque os males expostos também são do Paraná.

Um dos parêntesis para dizer que, neste caso, quem tinha razão era o saudoso administrador. Sr. Manoel Ribas, quando se opunha, por todos os modos ao seu alcance, a que professoras casadas exercessem o magistério.

Segundo a lúcida mestra gaúcha, e professora, que também é dona de casa, falta muito às aulas, impondo que sua classe seja atendida por substitutas ou adjuntas, em prejuízo dos alunos, pela descontinuidade do ensino consoante o regime, método, critério ou jeito que cada mestre possui, como peculiaridade própria de lidar com as crianças. E, quando essa

professora comparece, é uma ausente, pelo pensamento, aos misteres da sua profissão. Problemas do lar, de mil-e-um aspectos, forçam o desvio do seu pensamento para longe daquilo que devia estar realizando, concentradamente.

Uma verdade insofismável, a meu ver, e que se poderá facilmente verificar em nossos estabelecimentos de ensino.

Deve-se ressaltar, de outro lado, que uma espôsa e mãe, consciente dos seus deveres no lar, tem tôdas as suas horas inteiramente tomadas com o gôverno da casa, maximé nestes tempos que passamos, de crises várias, a desafiar a resistência física e moral dos indivíduos.

O assunto comporta exame, por certo, dado que existe outra face no problema, também sério. Da próxima vez a êle voltarei

[Daily Luiz Wambier; Jornal da Manhã, publicado em 15 de julho de 1956]

1. Por qual motivo o autor considera incompatível que as mulheres desempenhem funções dentro e fora do lar?

*Porque segundo ele, a consequência de manter as duas atividades representaria o fracasso de uma delas: o lar ou o emprego formal.*

2. Qual exemplo ele utiliza para justificar a sua opinião?

*Ele cita a dona de casa que também é Professora. O resultado das duas atividades em conjunto representaria danos ao aprendizado dos estudantes, pois essas mulheres faltavam muito ao trabalho. Além do mais, causavam prejuízos financeiros nas instituições de ensino por gerar a necessidade de contratação de substitutas.*

3. Segundo o texto, por que as mulheres donas de casa não conseguiriam se concentrar nos seus trabalhos formais?

*Porque ela não conseguiria se concentrar em sua função, as preocupações com o lar desviariam o seu pensamento.*

4. Durante muito tempo a profissão de Professora foi considerada uma atividade “feminina”, pois as mulheres desenvolveriam o seu lado “maternal” com os educandos. Nos dias de hoje, ainda temos um número maior de mulheres exercendo

essa função? Faça um levantamento no seu colégio e anote abaixo quantas Professoras e quantos Professores você tem:

*Resposta pessoal.*

5. O que é possível concluir a respeito da pesquisa realizada na atividade anterior?

*Resposta pessoal.*



## ANALISANDO!

6. Leia atentamente o trecho do relatório sobre arranjos familiares no mundo realizado pela ONU Mulheres em 2019:

Faça uma comparação entre essa notícia e as condições de trabalho encontradas

“A incorporação das mulheres no mercado de trabalho continua a crescer significativamente, mas o casamento e a maternidade reduzem as taxas de participação no mercado de trabalho e, portanto, de renda e benefícios associados à participação. No mundo inteiro, pouco mais da metade das mulheres com idades entre 25 e 54 anos são economicamente ativas, proporção que sobe para dois em cada três no caso de mulheres solteiras. Por sua vez, 96% dos homens casados estão economicamente ativos, de acordo com os dados do novo relatório. Uma das principais causas destas desigualdades é que as mulheres continuam a realizar trabalho doméstico triplo e cuidados não remunerados do que os homens, na ausência de cuidados acessíveis”.

[ONU Mulheres, 25 de junho de 2019. Notícia disponível para acesso no endereço:

<http://www.onumulheres.org.br/noticias/novo-relatorio-da-onu-mulheres-apresenta-uma-agenda->

pelas mulheres nos documentos da década de 1950. Após a análise, responda:

a) Quais mudanças podemos perceber entre os anos 1950 e 2019?

*A participação das mulheres no mercado de trabalho cresceu significativamente. No mundo todo, mais da metade das mulheres entre 25 e 54 anos são economicamente ativas.*

b) Quais permanências podemos perceber em relação ao mesmo período?

*O casamento e a maternidade continuam impactando a vida das mulheres, pois reduzem as taxas de participação no mercado de trabalho. O número de mulheres que trabalham ainda é maior entre as solteiras. As mulheres continuam a realizar o trabalho doméstico tripla e cuidados não remunerados nas suas famílias.*

c) Na sua opinião, o que podemos fazer para promover a igualdade de gênero no mundo do trabalho?

*Resposta pessoal.*

*Professor, você pode apresentar aos estudantes os “Sete princípios de empoderamento feminino divulgado pela ONU Mulheres”:*

- 1. Estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível.*
- 2. Tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação.*
- 3. Garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa.*
- 4. Promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres.*
- 5. Apoiar empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing.*
- 6. Promover a igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social.*
- 7. Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero.*

d) E o que podemos fazer para promover a igualdade de gênero no ambiente doméstico?

*Resposta pessoal. Explique aos estudantes que as diferenças de gênero se devem ao machismo estrutural que faz parte da sociedade há muito tempo, e os oriente sobre a importância de desenvolver a educação de gênero desde a infância, para que esses estereótipos sejam desconstruídos.*



## PARA LER



- BREEN, Marta; JORDAHL Jenny. **Mulheres na luta: 150 anos em busca de liberdade, igualdade e sororidade.** São Paulo: Editora Schwarcz, 2019.



## PARA ASSISTIR



- Filme: **Revolução em Dagenham** (2011)

O filme aborda a luta de mulheres operárias por melhores condições de salário e o fim da discriminação sexual. A luta vai resultar na consolidação do Projeto de Paridade Salarial de 1970 na Inglaterra.



## PARA SEGUIR

Instagram: @mulheresnahist | @onumulheresbr

### 3.8 CONCLUSÃO

Meus companheiros de aventura, chegamos ao final da nossa viagem no tempo através das páginas do Jornal da Manhã, especialmente da coluna “*Da Mulher para a Mulher*”.

Esperamos que vocês tenham aproveitado essa oportunidade de conhecer como a imprensa colaborou na construção dos papéis femininos e masculinos, sendo responsável também pela manutenção dos estereótipos e da desigualdade de gênero. Não podemos deixar de fazer uma última consideração: os jornais são produtores, mas também são produto do seu tempo. Ou seja, representavam em suas páginas uma prática social que era comum à realidade da época de maneira geral. Suas funções foram a de divulgar e reforçar ideias que já faziam parte da sociedade da época.

Através da análise desse veículo de informação, pudemos perceber que muitas regras de comportamento faziam parte da vida das mulheres na década de 1950. Desde a infância a sua aparência era influenciada, seus corpos eram educados e as suas aspirações de vida deveriam ter como principal finalidade o casamento. E através das nossas atividades constatamos que muitos desses padrões permanecem fazendo parte da nossa sociedade, ainda que com novas normas a serem seguidas.

O objetivo é que daqui em diante vocês consigam questionar as informações que recebem, independente do meio de comunicação. Ao entrarem em uma rede social, tenham sempre em mente as questões que estabelecemos aqui: Quem escreveu isso? Qual era a sua intenção? Existe mesmo um padrão a ser seguido?

Portanto, tenham em mente que regras sociais vem e vão, mudam de acordo com o período histórico. Mas nós ficamos, nossos corpos e nossas vontades também. Então vamos fazer valer a nossa existência?

Você pode e deve ser quem quiser ser! O seu lugar é onde você quiser estar!  
Então vamos?

Lembre-se: Juntos somos mais fortes!

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 12ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

COLLING, Ana Maria. O Ensino da História e os Estudos de Gênero na Historiografia Brasileira. **História e Perspectivas**, Uberlândia (53): jan-jun. 2015.p.295-314.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

FNPETI. **Trabalho infantil e trabalho infantil doméstico no Brasil: avaliação a partir dos microdados da Pnad/IBGE (2012/2013)**. Brasília, 2015.

FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

GARCIA, Tânia Braga. **O trabalho histórico na sala de aula**. História & Ensino, Londrina, v. 9, p. 219-238, out. 2003.

GASTALDO, Édison. A representação do espaço doméstico e papéis de gênero. In: FUNK, Susana Bornéo; WIDHOLZER, Nara Rejane (orgs). **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

HABNER, June E. Mulheres da Elite – Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.



LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Violência contra a mulher – Da legitimação à condenação social. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2000.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2013.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Trabalho – Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2013.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen. Lazer – “Programa de Mulher”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 223f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação). São Paulo: PUC, 1997.

PARANÁ. **Manoel Ribas**. Disponível em: <http://www.casacivil.pr.gov.br/Pagina/Manoel-Ribas>. Acesso em: 16/03/2021.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.

PRIORE, Mary Del (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

PRIORE, Mary Del. **Histórias da gente brasileira**: República – Memórias (1889-1950). v. 3. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

PLAN INTERNACIONAL BRASIL. **Por ser menina no Brasil**: crescendo entre direitos e violências. Resumo executivo. São Paulo, 2014.

PLAN INTERNACIONAL BRASIL. **Empoderamento de meninas**: como iniciativas brasileiras estão ajudando a garantir a igualdade de gênero. Caderno de boas práticas. São Paulo, 2016.

PLAN INTERNACIONAL BRASIL; UNICEF. **Trilha de empoderamento de meninas**: projeto minhas escolhas. São Paulo, 2020.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. Florianópolis: **Estudos Feministas**, janeiro/abril 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e Representações 1 – A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e Representações 2 – A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e Sexualidade. In: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010

SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Raquel; MATOS M. Izilda S. de. **Gênero em Debate: Trajetórias e Perspectivas na Historiografia Contemporânea**. São Paulo, EDUC, 1997. p. 34-46.

SADA, Juliana. **16 filmes para debater os direitos das mulheres**. Disponível em <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/16-filmes-para-debater-os-direitos-das-mulheres/>>, acesso em 27 de julho de 2018.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise história. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez, p. 71-99, 1995.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Publicidade como documento histórico. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora et al. **O uso escolar do documento histórico**. Curitiba: Prograd, UFPR, 1997.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História: Pensamento e ação na sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SIMÕES, Isabelle. **20 filmes sobre Mulheres para pensar em Questões de Gênero**. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/20-filmes-sobre-mulheres-para-pensar-em-questoes-de-genero/>>, acesso em 24 de abril de 2021.

SOUZA, Eliezer Felix de. **A Imprensa como Fontes para Pesquisa em História e Educação**. Disponível em <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/\\_files/LGX1xSF7.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/LGX1xSF7.pdf)>, acesso em 20/04/2021.

UNICEF. **Adolescência: uma fase de oportunidades**. Disponível em: [www.unicef.org/sowc2011](http://www.unicef.org/sowc2011).

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. PUC/SP, p. 89-102, 1985.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia, bem como o ensino de História, sempre contou com a versão do ponto de vista dos grupos dominantes, seja em âmbito social ou político. O lado oculto, das minorias, encontrou dificuldades em se afirmar enquanto grupos legítimos e atuantes. Os esforços estabelecidos no decorrer do tempo para amenizar essas diferenças representaram uma ameaça aos que sempre tiveram sua participação histórica garantida. As discussões mais recentes a respeito das reformas educacionais deixam isso evidente ao impor a retirada de termos específicos que se referiam à diversidade social, étnica, sexual e de gênero, como se a participação de um negasse a existência do outro. Diante dessa realidade, o trabalho docente fica restrito ao estabelecimento de uma história selecionada por classes que privilegiam uma memória política e econômica, que por si só exclui a grande maioria da população e que, contraditoriamente, é vista como “minoria”. Essa grande parcela da sociedade é a que ocupa os ambientes públicos de educação e que, muitas vezes, segue desmotivada por conteúdos que não atingem a superfície da sua existência. O trabalho com fontes históricas, como a imprensa nesta pesquisa, apresenta a possibilidade de construir uma História que permita a construção de um olhar crítico, que incentive o questionamento e a compreensão das construções sociais.

A disciplina de História tem como objetivo aprofundar as discussões para além do conteúdo programático, auxiliar o estudante a compreender a sua realidade, considerando que o meio em que vive interfere em seus atos. Ao levar em conta uma sociedade cujos números em relação a violência contra a mulher aumentam a cada dia, debater representações de gênero e seus resultados se tornam mais do que uma necessidade, mas uma questão de sobrevivência.

Desta forma, a pesquisa desenvolvida tem o compromisso de propor à realidade escolar o contato com as fontes e com a temática gênero. Entende-se que o trabalho com o jornal possibilita a identificação e aproximação do estudante com uma realidade relativamente familiar ao seu cotidiano: a dos meios de informações. Portanto, o produto desta pesquisa foi em formato de livro paradidático, com o assunto direcionado para o público jovem através de uma linguagem apropriada e dinâmica. O desenvolvimento do material contou com textos direcionados sobre a história da imprensa, orientações para a análise do jornal, ilustrações a respeito das

representações de gênero voltadas às mulheres naquele período, imagens do jornal e atividades que proporcionem a discussão destes temas. Enfim, a ideia foi apresentar uma alternativa para aprofundar problematizações sobre as relações de gênero e questões de alteridade em sala de aula ampliando as práticas de leituras e as visões de mundo dos alunos.

De maneira geral, esse trabalho permitiu concluir que o Jornal da Manhã colaborou para a construção de um ideal feminino utilizando a coluna “Da Mulher para a Mulher” – originalmente publicada na revista O Cruzeiro, entre as décadas de 1940 e 1950. Com ou sem assinatura, os discursos das matérias confirmavam a postura do jornal, pois o que era publicado necessariamente passava pelo crivo dos editores do impresso. Foram encontradas contradições nas publicações. Ora apoiando a permanência das mulheres no ambiente doméstico, ora reconhecendo que elas deveriam ocupar funções no ambiente público, o jornal apresentava um ritmo descompassado. Porém, mesmo que de maneira confusa, isso revela que as conquistas femininas que vinham acontecendo não poderiam mais ser ignoradas, pelo menos não completamente.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres no Cotidiano: Educação e Regras de Civilidade (1920/1950). **Revista Dimensões**, Vitória, v. 33, p. 336-359, jul./dez. 2014.

ARRUDA, Angela. Teoria das Representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p 127-147, nov. 2002.

BLANCH, Joan Pagés; OBIOLS, Edda Sant. ¿Por qué las mujeres son invisibles em la enseñanza de la Historia? In: **Revista Historia Y MEMORIA**. nº 3, p. 129 - 146, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 12ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016.

BRASIL. **Lei Nº 4121 de 27 de agosto de 1962**. Estatuto da Mulher Casada. Dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4121-27-agosto-1962-353846-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 16 de março de 2021.

BRASIL. **Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977**. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências. Disponível para acesso em: [http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/lei%206.515-1977?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%206.515-1977?OpenDocument). Acesso em: 17 de janeiro de 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.340 de 07 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/11340.htm), Acesso em: 23 de setembro de 2018.

BRASIL. **Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 8 ago. 2013a. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>>. Acesso em: 30 de junho de 2019.

BRASIL. **Diálogos Sobre a Educação. Distrito Federal (Brasil)**. Diálogos sobre a Educação - 3a CONAE – Brasília. 2018 / Fórum Nacional de Educação (FNE). Brasília: FNE/CONAE, 2018. Disponível em: <http://conae.mec.gov.br/images/2018/pdf/livro-dialogos-sobre-a-educacao-3-CONAE.pdf>. Acesso em: 30 de junho de 2019.

BRASIL. **Atlas da Violência. Distrito Federal (Brasil)**. Consultas sobre a taxa de homicídios – Violência por Raça e Gênero, IPEA. Brasília: 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/filtros-series/3/violencia-por-raca-e-genero>, Acesso em 29 de outubro de 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CALONGA, Maurilio Dantielly. O Jornal e suas representações: Objeto ou Fonte da História?. **Comunicação & Mercado/UNIGRAN**, Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 79-87, nov 2012.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia. **O Bravo Matutino, imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo**. São Paulo: Alfa e Omega, 1980.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHAVES, Niltonci Batista. **Entre “Preceitos” e “Conselhos”**: Discursos e Práticas de Médicos Educadores em Ponta Grossa/PR (1931-1953). 2011. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses/D11%20Niltonci%20Batista%20Chaves.pdf>. Acesso em: 22 de julho de 2019.

COLLING, Ana Maria. O Ensino da História e os Estudos de Gênero na Historiografia Brasileira. **História e Perspectivas**, Uberlândia (53): jan-jun. 2015.p.295-314.

CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. **American way of life**: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950. 2017. Tese (Programa de Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.espm.br/handle/tede/277>. Acesso em: 17 de março de 2021.

CROCCO, Margaret Smith. Making time for wower’s history... When your survey course is already filled to overflowing. In: **Social Education**, Research Library, pág. 32. Jan. 1997.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

DEL PRIORE, Mary ; VENÂNCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

ESCOLA SEM PARTIDO. **Flagrando o Doutrinador**. Blog Escola Sem Partido, 04 de fevereiro de 2012. Disponível em: <https://escolasempartido.org/blog/flagrando-o-doutrinador/>, Acesso em: 18 de julho de 2019.

FERREIRA, Angela Ribeiro. **Representações da História das mulheres no Brasil em livros didáticos de História**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2005.

FERREIRA, Eliane Maria Silveira. **A Ditadura e a Redemocratização nas páginas do Jornal da Manhã**. 2002. Monografia de Especialização – UEPG. Ponta Grossa, 2002.

FNPETI. **Trabalho infantil e trabalho infantil doméstico no Brasil**: avaliação a partir dos microdados da Pnad/IBGE (2012/2013). Brasília, 2015.

FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

GARCIA, Tânia Braga. O trabalho histórico na sala de aula. **História & Ensino**, Londrina, v. 9, p. 219-238, out. 2003.

GASTALDO, Édison. A representação do espaço doméstico e papéis de gênero. In: FUNK, Susana Bornéo; WIDHOLZER, Nara Rejane (orgs). **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

HABNER, June E. Mulheres da Elite – Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**. v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.

JASKIU, Janaina. **Papéis em revista**: ensino de História e representações de gênero na publicidade da revista O Cruzeiro (1930-1975). 2018. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História). UEPG: Ponta Grossa, 2018.

LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Violência contra a mulher – Da legitimação à condenação social. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, v. 19, n.2 (56), p. 17-23, maio/ago, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2013.



MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Trabalho – Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2013.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen. Lazer – “Programa de Mulher”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Editora: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, Serge. **La Psychanalyse, son image, son public**. Paris: PUF, 1961.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. 223f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação). São Paulo: PUC, 1997.

OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva de. Ensino de História e questões de gênero: observações a partir do projeto “Os jovens e a História”. **Revista História Hoje**, v.6, n.12, p. 231-249, 2017.

PASQUINI, Adriana Salvaterra; TOLEDO, César Alencar. Historiografia da Educação: A imprensa enquanto fonte de investigação. **Interfaces Científicas – Educação**. Aracaju. Vol.2, n.3, p. 257 – 267, junho 2014.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.

PRIORE, Mary Del (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

PRIORE, Mary Del. Histórias da gente brasileira: República – Memórias (1889-1950). v. 3. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

PLAN INTERNACIONAL BRASIL. **Por ser menina no Brasil**: crescendo entre direitos e violências. Resumo executivo. São Paulo, 2014.

PLAN INTERNACIONAL BRASIL. **Empoderamento de meninas**: como iniciativas brasileiras estão ajudando a garantir a igualdade de gênero. Caderno de boas práticas. São Paulo, 2016.

PLAN INTERNACIONAL BRASIL; UNICEF. **Trilha de empoderamento de meninas**: projeto minhas escolhas. São Paulo, 2020.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. Florianópolis: **Estudos Feministas**, janeiro/abril 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Imagens e Representações 1 – A era dos modelos rígidos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Imagens e Representações 2 – A era dos modelos flexíveis.** In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados.** São Paulo: Contexto, 2014.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e Sexualidade.** In: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010

REIS, Toni; EGGERT, Edla. **Ideologia de Gênero: Uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros.** **Educ. Soc.** [online]. 2017, vol.38, n.138, p.09-26. Jan/mar. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302017165522>. Acesso em: 19/06/2019.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales – a inovação em História.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

RIBEIRO, Silvana Mota. **Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo.** Comunicação apresentada ao IV Congresso Português de Sociologia. Universidade de Coimbra. Portugal: 17-19 de Abril, 2000.

SADA, Juliana. **16 filmes para debater os direitos das mulheres.** Disponível em <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/16-filmes-para-debater-os-direitos-das-mulheres/>>, acesso em 27 de julho de 2018.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Raquel; MATOS M. Izilda S. de. **Gênero em Debate: Trajetórias e Perspectivas na Historiografia Contemporânea.** São Paulo, EDUC, 1997. p. 34-46.

SANTANA, Inês Helena Batista de; RIOS, Luis Felipe; MENEZES, Jaileila de Araújo. **Genealogia do Desquite no Brasil.** **Rev. psicol. polít.,** São Paulo , v. 17, n. 39, p. 340-350, ago/2017. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2017000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 11 abr. 2021.

SANT'ANA, Denise Bernuzzi de. **Sempre Bela.** In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2018.

SANTOS, Anderson dos. **A representação da floresta com araucária no discurso do Jornal da Manhã da década de 1950.** 2014. Monografia de Conclusão de Curso – UEPG. Ponta Grossa, 2014.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Publicidade como documento histórico. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora et al. **O uso escolar do documento histórico**. Curitiba: Prograd, UFPR, 1997.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História: Pensamento e ação na sala de aula**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez 1995.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SIMÕES, Isabelle. **20 filmes sobre Mulheres para pensar em Questões de Gênero**. Disponível em <https://www.geledes.org.br/20-filmes-sobre-mulheres-para-pensar-em-questoes-de-genero/>. Acesso em: 24 de abril de 2021.

SOUZA, Eliezer Felix de. **A Imprensa como Fontes para Pesquisa em História e Educação**. Disponível em [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/files/LGXlxSF7.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/files/LGXlxSF7.pdf). Acesso em: 20 de abril de 2021.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, p.399-429, 1997.

SOIHET, Rachel. Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Raquel; MATOS M. Izilda S. de. **Gênero em Debate: Trajetórias e Perspectivas na Historiografia Contemporânea**. São Paulo, EDUC, p. 56-68, 1997.

UNICEF. **Adolescência: uma fase de oportunidades**. Disponível em: [www.unicef.org/sowc2011](http://www.unicef.org/sowc2011).

VISNIESKI, Juliane Cristine Kapp de Oliveira. **Belas, prendadas e do lar: Ensino de História e representações femininas na coluna “O assunto é mulher” do Jornal Gazeta de Palmeira (1976-1982)**. 2018. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História). UEPG: Ponta Grossa, 2018.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. PUC/SP, p. 89-102, 1985.

ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa – Algumas considerações metodológicas. In: **Revista História e Historiografia** n° 4. São Paulo: EDUC, Jun. 1985.

## APÊNDICE A – TABELA

**JORNAL DA MANHÃ – 1954 A 1955**  
**COLUNA: DA MULHER PARA A MULHER**

<b>ANO</b>	<b>MÊS</b>	<b>DIA</b>	<b>CÓDIGO DA IMAGEM</b>	<b>TÍTULO DA MATÉRIA</b>	<b>TEMA DO CONTEÚDO</b>
1954	AGOSTO	01	JM19540801	ARTE DE PINTAR-SE	MAQUIAGEM
1954	AGOSTO	01	JM19540801	CEIA DE NATAL	RECEITAS
1954	AGOSTO	01	JM19540801	FELICIDADE NO LAR	TRABALHO DOMÉSTICO
1954	AGOSTO	01	JM19540801	BOAS MANEIRAS	REGRAS DE COMPORTAMENTO
1954	AGOSTO	03	JM19540803-2	NEM MUITO... NEM MUITO POUCO!	BELEZA
					CORPO IDEAL
1954	AGOSTO	03	JM19540803	MÁSCARA DE BELEZA	BELEZA
1954	AGOSTO	03	JM19540803	CROQUETES DE CAMARÃO	RECEITAS
1954	AGOSTO	03	JM19540803	TORTAS	RECEITAS
1954	AGOSTO	04	JM19540804-5	VARIAÇÕES PARA SARDINHAS	RECEITAS
1954	AGOSTO	04	JM19540804-5	VARIAÇÕES PARA O BUSTO	BELEZA
1954	AGOSTO	04	JM19540804-6	VOCÊ SABIA...	CURIOSIDADES
1954	AGOSTO	04	JM19540804-5	BREAKFAST... PARA O SEU MARIDO	RECEITAS
					TRABALHO DOMÉSTICO
1955	AGOSTO	05	JM19540805-3	DOCES	RECEITAS
1954	AGOSTO	05	JM19540805-3	TRATAMENTO DE BELEZA	BELEZA
1954	AGOSTO	05	JM19540805-3	EQUILÍBRIO	MODA
1954	AGOSTO	06	JM19540806-1	EQUILÍBRIO ESTÉTICO	CORPO IDEAL
1954	AGOSTO	06	JM19540806-1	SALGADOS	RECEITAS
1954	AGOSTO	06	JM19540806-1	SOBREMESAS	RECEITAS
1954	AGOSTO	06	JM19540806-1	OS NOVOS TECIDOS SINTÉTICOS	MODA

1954	AGOSTO	07	JM19540807-2	DIETA	CORPO IDEAL
1954	AGOSTO	07	JM19540807-2	TRIVIAL SIMPLES	RECEITAS
1954	AGOSTO	07	JM19540807-2	SOBREMESAS GELADAS	RECEITAS
1954	AGOSTO	08	JM19540808-7	SALGADINHOS FINOS	RECEITAS
1954	AGOSTO	08	JM19540808-7	TORTAS DOCES	RECEITAS
1954	AGOSTO	08	JM19540808-7	INIMIGOS DOS OLHOS	SAÚDE
1954	AGOSTO	10	JM19540810-4	ELEGÂNCIA NAS ATITUDES	REGRAS DE COMPORTAMENTO
1954	AGOSTO	10	JM19540810-4	ECONOMIA DOMÉSTICA	TRABALHO DOMÉSTICO
1954	AGOSTO	10	JM19540810-4	MELANCIA, FRUTA GOSTOSA	RECEITAS
1954	AGOSTO	10	JM19540810-4	JUVENTUDE	SAÚDE
					BELEZA
1954	AGOSTO	11	JM19540811	CULINÁRIA	RECEITAS
1954	AGOSTO	11	JM19540811	USE ÊSTES CONSELHOS	TRABALHO DOMÉSTICO
1954	AGOSTO	12	JM19540812	RECEITAS DIFERENTES	RECEITAS
1954	AGOSTO	12	JM19540812	CINCO CONSELHOS	REGRAS DE COMPORTAMENTO
1954	AGOSTO	13	JM19540813-3	ALMOÇOS LEVES	RECEITAS
1954	AGOSTO	13	JM19540813-3	MÁSCARAS DE BELEZA	BELEZA
1954	AGOSTO	14	JM19540814	CULINÁRIA	RECEITAS
1954	AGOSTO	14	JM19540814	BANHO DE BELEZA	BELEZA
1954	AGOSTO	14	JM19540814	PARA OS OLHOS	MAQUIAGEM
1954	AGOSTO	14	JM19540814	A PELE SECA	BELEZA
1954	AGOSTO	15	JM19540815	MANTENHA SUA LINHA	CORPO IDEAL
1954	AGOSTO	15	JM19540815	PERI À BRASILEIRA	RECEITAS
1954	AGOSTO	17	JM19540817	AS VITAMINAS E A BELEZA	SAÚDE
					BELEZA
1954	AGOSTO	17	JM19540817	FIQUE MAIS BELA	BELEZA
1954	AGOSTO	18	JM19540818-2	SUGESTÕES DE BELEZA	BELEZA
1954	AGOSTO	18	JM19540818-3	COQUETÉIS DE FRUTAS	RECEITAS
1954	AGOSTO	18	JM19540818-3	CULINÁRIA	RECEITAS

1954	AGOSTO	19	JM19540819	SUGESTÕES PARA A BELEZA	BELEZA
					MAQUIAGEM
1954	AGOSTO	19	JM19540819	CULINÁRIA	RECEITAS
1954	AGOSTO	20	JM19540820	CONVERSANDO	TRABALHO DOMÉSTICO
					ASSUNTOS DO LAR
1954	AGOSTO	20	JM19540820	CULINÁRIA	RECEITAS
1954	AGOSTO	20	JM19540820	BEBIDA DA SEMANA	RECEITAS
1954	AGOSTO	20	JM19540820	SUA PELE	BELEZA
					MAQUIAGEM
1954	AGOSTO	21	JM19540821-6	TREINO DE BELEZA PARA AS ADOLESCENTES	BELEZA
1954	AGOSTO	21	JM19540821-6	CULINÁRIA	RECEITAS
1954	AGOSTO	21	JM19540821-6	USE ÊSTES RECURSOS	TRABALHO DOMÉSTICO
1954	AGOSTO	22	JM19540822-3	REJUVENESCER COM MASSAGENS	BELEZA
1954	AGOSTO	22	JM19540822-3	CULINÁRIA INTERNACIONAL	RECEITAS
1954	AGOSTO	22	JM19540822-3	SAUNDUÍCHES DIVERSOS	RECEITAS
1954	AGOSTO	24	JM19540824	COMBATA O CANSAÇO, MINHA AMIGA...	SAÚDE
					BELEZA
1954	AGOSTO	24	JM19540824	NARIZ VERMELHO	BELEZA
1954	AGOSTO	24	JM19540824	É BOM LEMBRAR	REGRAS DE ETIQUETA
1954	AGOSTO	25	JM19540825	SEGREDOS DA BELEZA	BELEZA
1954	AGOSTO	25	JM19540825	ARRANJO DAS MESAS	TRABALHO DOMÉSTICO
1954	AGOSTO	25	JM19540825	NO BAR	RECEITAS
1954	AGOSTO	25	JM19540825-6	RECEITAS DE ARROZ	RECEITAS
1954	AGOSTO	25	JM19540825-6	CHÁ NO JARDIM	RECEITAS
1954	AGOSTO	25	JM19540825-7	CONSELHOS	REGRAS DE COMPORTAMENTO
1954	AGOSTO	26	JM19540826	SEGREDOS DA BELEZA	BELEZA
1954	AGOSTO	26	JM19540826	ARRANJO DAS MESAS	TRABALHO DOMÉSTICO
1954	AGOSTO	26	JM19540826	NO BAR	RECEITAS
1954	AGOSTO	27	JM19540827-3	PUDINS	RECEITAS

1954	AGOSTO	27	JM19540827-3	SORVETES	RECEITAS
1954	AGOSTO	27	JM19540827-3	BEBIDA DA SEMANA	RECEITAS
1954	AGOSTO	27	JM19540827-3	GOIABADA DE FORNO	RECEITAS
1954	AGOSTO	28	JM19540828	A LIMPEZA DA PELE	BELEZA
1954	AGOSTO	28	JM19540828	COMO CONSERVAR A LINHA	CORPO IDEAL
1954	AGOSTO	28	JM19540828	ARTE CULINÁRIA	RECEITAS
1954	AGOSTO	29	JM19540829-5	RECEITA FRANCESA PARA ACMPANHAR "COCK-TAILS"	RECEITAS
1954	AGOSTO	29	JM19540829-5	CONSERVAR A PERMANENTE	BELEZA
1954	AGOSTO	29	JM19540829-5	ENROLADINHOS	RECEITAS
1954	AGOSTO	29	JM19540829-5	A PODA É NECESSÁRIA	TRABALHO DOMÉSTICO
1954	AGOSTO	31	JM19540831-4	BOAS MANEIRAS NO RESTAURANTE	REGRAS DE ETIQUETA
1954	AGOSTO	31	JM19540831-4	UM POUCO DE ECONOMIA DOMÉSTICA	TRABALHO DOMÉSTICO
1954	AGOSTO	31	JM19540831-4	TRÊS RECEITAS	RECEITAS
1954	SETEMBRO	01	JM19540901-3	TOQUE MÁGICO	BELEZA
1954	SETEMBRO	01	JM19540901-4	TAMBÉM SÃO AMADAS	BELEZA
1954	SETEMBRO	01	JM19540901-4	REFEIÇÕES LEVES	RECEITAS
1954	SETEMBRO	01	JM19540901-3	VOCÊ SABE LAVÁ-LAS?	TRABALHO DOMÉSTICO
1954	SETEMBRO	02	JM19540902-3	REJUVENESCER COM AS MÁSCARAS DE BELEZA	BELEZA
1954	SETEMBRO	02	JM19540902-3	A CASA TAMBÉM É DE SEU MARIDO	REGRAS DE COMPORTAMENTO
1954	SETEMBRO	03	JM19540903-7	CINCO RESOLUÇÕES	SAÚDE
1954	SETEMBRO	03	JM19540903-7	MANTENHA A LINHA	CORPO IDEAL
1954	SETEMBRO	03	JM19540903-7	CULINÁRIA	RECEITAS
1954	SETEMBRO	04	JM19540904-8	UM PROBLEMA – UNHAS QUEBRADIÇAS	BELEZA SAÚDE
1954	SETEMBRO	04	JM19540904-8	VESTIDO DECOTADO, COLO TRATADO	BELEZA
1954	SETEMBRO	04	JM19540904-8	CULINÁRIA	RECEITAS

1954	SETEMBRO	05	JM19540905-7	MAQUILAGEM NATURAL – EIS O SEGRÊDO	BELEZA MAQUIAGEM
1954	SETEMBRO	05	JM19540905-7	...ESQUEÇA O ENDERÊÇO, MADAME!	REGRAS DE COMPORTAMENTO
1954	SETEMBRO	05	JM19540905-7	CULINÁRIA	RECEITAS
1954	SETEMBRO	05	JM19540905-7	CONSELHOS ÚTEIS	TRABALHO DOMÉSTICO
1954	SETEMBRO	07	JM19540907	SUGESTÕES PARA AS SUAS COMPRAS	MODA
1954	SETEMBRO	07	JM19540907	VINTE DIAS EM ESTAÇÃO DE ÁGUAS	REGRAS DE COMPORTAMENTO
1954	SETEMBRO	07	JM19540907	COMO SE FAZ UMA TORTA DELICIOSA	RECEITAS
1954	SETEMBRO	07	JM19540907	CONSELHOS ÚTEIS	TRABALHO DOMÉSTICO
1954	SETEMBRO	09	JM19540909-6	VIVER ESPORTIVAMENTE	SAÚDE
1954	SETEMBRO	09	JM19540909-6	VOCÊ ESCOLHE O QUE LÊ?	DICAS DE LEITURA
1954	SETEMBRO	11	JM19540911-7	SEU LAR É VOCÊ	TRABALHO DOMÉSTICO
1954	SETEMBRO	11	JM19540911-7	CONFIDENCIAL... PARA A MOCINHA	REGRAS DE COMPORTAMENTO
1954	SETEMBRO	11	JM19540911-7	CHÁ NO JARDIM	RECEITAS
1954	SETEMBRO	12	JM19540912-3	SUGESTÕES DE BELEZA	BELEZA MAQUIAGEM
1954	SETEMBRO	12	JM19540912-3	COQUETEIS DE FRUTAS	RECEITAS
1954	SETEMBRO	14	JM19540914-5	FÉRIAS NA MONTANHA OU NO MAR	BELEZA
1954	SETEMBRO	14	JM19540914-5	MULHERES	REFLEXÃO
1954	SETEMBRO	15	JM19540915-4	SE VOCÊ ESTIVER HOSPEDADA EM CASA DE PARENTES...	REGRAS DE COMPORTAMENTO
1954	SETEMBRO	15	JM19540915-4	PARA AS QUE GUIAM AUTOMÓVEL...	REGRAS DE COMPORTAMENTO
1954	SETEMBRO	15	JM19540915-4	TRÊS RECEITAS DE BOLACHAS	RECEITAS
1954	SETEMBRO	17	JM19540917-8	SUGESTÕES DE BELEZA	BELEZA